

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SONHEI ACORDADA ... (PASSAGEM MARÍTIMA)
DORMI COM OS CAOS ... (CASERNA)
ACABEI ... MULHER ... MILITAR DE MARINHA

MARIA DE FÁTIMA DOS SANTOS VIEIRA

FGV/ISOP/CPGP
PRAIA DE BOTAFOGO, 190 - SALA 1108
RIO DE JANEIRO - BRASIL

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SONHEI ACORDADA ... (PASSAGEM MARÍTIMA)
DORMI COM OS CAOS ... (CASERNA)
ACABEI ... MULHER ... MILITAR DE MARINHA

POR

MARIA DE FÁTIMA DOS SANTOS VIEIRA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE

MESTRE EM PSICOLOGIA

RIO DE JANEIRO, DE 1990

Ao PINGO DE LUZ que, em sua passagem pela Terra, deixou-me experienciar um intenso Rito de Passagem, permitindo que, através da crise, do caos, eu pudesse crescer e compreender, mais facilmente, essas mulheres.

À minha "VELHA" E "GORDA" LUZIA, que paciente e compreensivamente não desfrutou do nosso amor, durante esse período (nem sempre), mas, ainda assim, me transmitiu sempre, a possibilidade de vir a Ser.

Ao PAULO, imperdível companheiro de prazer, lazer e que muito contribuiu na crítica deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À DRA. MONIQUE ROSE AIMÉE AUGRAS, em especial, que me deu a conhecer a saída para minha circularidade, em relação à identidade dessas mulheres, meus "porques" — através de um suporte teórico e metodológico — permitindo que eu os convertesse em pesquisa científica; e que me deixou livre (portanto, com responsabilidade) no processo de criação/recriação — no decorrer de todo o ritual de feitura da dissertação.

As amigas e psicólogas SUELI FONTES DE ANDRADE E ROSEMAR ROMA, incansáveis na decifração de meus rascunhos e na revisão do texto.

Ao ISOP/CPGP E A CAPES respectivamente, pelas bolsas concedidas, durante o período de crédito e de pesquisa.

E a TODOS os que, direta ou indiretamente me cobraram afeição e me incentivaram durante este trabalho.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender como se constrói a identidade feminina das mulheres que compõem o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha, através de relatos biográficos dessas mulheres e da observação direta.

Esses relatos tornaram claro que a estrutura militar de Marinha teve um profundo impacto em outras estruturas sociais, da vida cotidiana dessas mulheres, fazendo emergir grande contradição entre o significado da vivência dentro da Marinha e fora da Marinha, o que implica uma vivência constante de Ser ambíguo e marginal.

Um dos pressupostos deste estudo é que a construção da identidade militar dá-se através dos ritos de passagem, foco básico das histórias de vidas das mulheres da Marinha, o que foi ratificado por meio dos relatos. No entanto, a maioria dessas mulheres experiencia a construção da identidade como segredo, evitando assim, o confronto direto com seu Ser estigmatizado. Foi postulado que esse efeito talvez seja devido aos mecanismos de controle usados pela Marinha e/ou pelo desejo das mulheres de não verem destruídas suas ilusões e fantasias.

Com efeito, não obstante as características comuns que nos são dadas ao ingressarmos no mundo, as histórias de vida dessas mulheres, demonstraram que o mundo de cada uma delas é diferente, exclusivo e único; e que cometeríamos um equívoco se as excluíssemos do grupo de outras mulheres, em outras Instituições Totais.

S U M M A R Y

This research aims to comprehend how is built the feminine identity of the women who take part within the Auxiliary Corp Feminine Reserve from of Brazilian Navy, through their biographical reports, allied to direct observation.

These reports made clear that the Navy structure has a deep impact on many other social structures, these women's daily life, bringing to surface a big contradiction between a life meaning out and in the Navy Force. Implying a constant alive of ambiguity and marginality.

One of the work's hypothesis, in this research, is that the building of military identity would occur through the rituals of passage, the basic focus of their lives' story, what is confirmed by their reports. However, the majority of these women experience the building the identity as a secret. To propose oneself that is due to Navy Force mechanism control and/or their internal need to preserve their illusions and imaginations. It is to be assumed that if by any chance they loose these illusions they would probably have face themselves as stigmatized.

In fact, despite the ordinary characteristics given to us as a condition to enter the world, the lives' stories of all group members analysed, showed that each of them has an exclusive, different and unique world view; it is to believe that one could be mistaken if he thinks that the military women would be totally different from another one from another Institutions.

S U M Á R I O

AGRADECIMENTOS -----	IV
RESUMO -----	V
SUMMARY -----	VI

	<u>PÁg</u>
I N T R O D U Ç Ã O	01
CAPÍTULO I: M E T O D O L O G I A	11
I.1 - PORQUÊ DO MÉTODO	11
I.2 - INTRODUÇÃO AO(S) MÉTODO(S)	15
I.2.1 - LIMITES E ALCANCES	16
I.2.2 - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	17
I.2.3 - HISTÓRIA DE VIDA	18
I.3 - UTILIZAÇÃO DOS MÉTODOS NESTA PESQUISA	19
CAPÍTULO II: PESQUISA DE CAMPO	22
II.1 - DESCRIÇÃO DO UNIVERSO ENTREVISTADO	22
II.2 - ENTREVISTAS	27
II.3 - OBSERVAÇÃO	29
II.4 - ANÁLISE DE CONTEÚDOS	30
CAPÍTULO III: O RITO DE PASSAGEM	32
III.1 - REALIZE SEU SONHO: INGRESSE NA MARINHA	35
III.1.1 - SONHO DAS MULHERES	36

III.1.2 - PRIMEIRA PARCELA - RITOS DE SEPARA ÇÃO	39
III.2 - A ILHA DA FANTASIA - O CAOS	53
III.2.1 - CHEGADA AO DESTINO	54
III.2.2 - O SONHO DIRIGIDO	56
III.2.3 - SENTIMENTO SENTIDO	73
III.2.4 - ANTECIPAÇÃO DO RETORNO: "QUE SONHO LOUCO!"	77
III.3 - CAIA NA REAL: ETERNO RETORNO	85
III.3.1 - O REGISTRO	97
CAPÍTULO IV: A RETOMADA DA CASA	101
IV.1 - ANTES	101
IV.2 - DURANTE	105
IV.3 - DEPOIS	109
CAPÍTULO V: A MORTE BUSCADA: "SOIS REI"	117
V.1 - A NOMIZAÇÃO DA VIDA DIÁRIA	132
CAPÍTULO VI: IDENTIDADE FEMININA DA MULHER DE MARINHA	139
VI.1 - CONSTRUÇÃO E RECRIAÇÃO DO CORPO	142
VI.2 - VIDA CIVIL	143
VI.3 - PALCOS DA VIDA MILITAR - DURANTE OS CURSOS	146
VI.4 - ABREM AS CORTINAS	151
— PRIMEIRO ATO	151

	<u>PAG</u>
— SEGUNDO ATO	152
--- TERCEIRO ATO	154
VI.5 - SÍNTESE DA PEÇA	158
CONCLUSÃO	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177
ANEXOS	185
— NOTA SOBRE O MOVIMENTO	186
— GLOSSÁRIO	197

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender como é construída, sentida, vivida e pensada a identidade feminina das mulheres que compõem o CAFRM - Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha.

O interesse por este assunto/grupo iniciou-se a partir da vivência da pesquisadora, durante aproximadamente 4 (quatro) anos, como integrante militar da Marinha, a partir de cuja experiência surgiu a tentativa de pensar esse grupo, que deixou inquietantes questões como: Por que o território destinado ao treinamento (quando do ingresso na Marinha) é tão afastado dos familiares? Para que serve uma separação tão rígida de pelotões, armários, vestiários ... entre as candidatas que se submetem ao mesmo tipo de treinamento? Qual o significado da cerimônia de atravessar o porta-lô¹? Qual a razão do tratamento dado aos cabelos (corte "à la homem")? Qual a implicação de empregarem uma linguagem especial que inclui um inteiro vocabulário desconhecido da sociedade geral? Quais as implicações de ter o nome

(1) Todos os termos específicos da linguagem de Marinha aparecerão neste trabalho acompanhados de asterisco(*), e poderão ser encontrados no glossário.

substituído por um nome de guerra e/ou, mais enfaticamente, por um número que será registrado inclusive nas peças de roupa? Por que a prestação de continência, ou melhor, a sua não prestação é algo tão perigoso, sujeito à punições? Por que a diferenciação no acesso ao quadro militar entre homens e mulheres?

Percorrer este terreno duvidoso em que tantas questões insinuavam uma resposta mas não delineavam uma única pergunta, levou-nos a buscar apreender o significado que essas pessoas dão ao seu comportamento. Compreender, repensar o que fez - e faz - essas mulheres serem da Marinha é uma proposta que deixa implícito o que sentem, vivem, que facilidades e problemas encontram.

Responder a estas e outras questões era o desejado. Porém refletir a respeito implicava à pesquisadora viver uma situação marginal. Isso porque a busca da literatura para a compreensão deste grupo, a início, não só era insuficiente como também inadequada, tendo em conta que os trabalhos desenvolvidos por alguns teóricos dizem respeito aos aspectos sociológicos e/ou quantitativos em psicologia (Tabak, 1983 / Fernandes, 1979). Não havia, pois, literatura que desse conta de militares-mulheres no Brasil. Por outro lado, a minha vivência enquanto ex-participante não supria as lacunas existentes. Só então, pensando minha própria pessoa, pude vivenciar a liminaridade e pressupô-la, também, no grupo. Tudo isso apontava para um ser e não-ser, para uma passagem de um status a outro, para uma igualdade e diferença entre homens e mulheres; o que constatamos também nos regulamentos (grifos nosso).

"Durante o período de curso e estágios de adaptação para ingresso nos Quadros Auxiliares Femininos de que trata este artigo, as militares serão consideradas como pertencentes ao CAFRM, porém extra-Quadros, na qualidade de Praças Especiais." (Decreto nº 85238, de 7 de outubro de 1980, Cap. II - Art. 2º - Parágrafo único).

"As candidatas aprovadas no Curso e Estágios de Adaptação para o QAF0 serão nomeadas Segundos-Tenentes da Reserva e imediatamente convocada para o SAM, por um período inicial de três (3) anos." (Decreto nº 85238, de 7 de outubro de 1980, Cap. III - Seção IV - Art. 19).

"Para efeitos de remuneração, uso de uniforme e precedência hierárquica, durante os cursos de formação para ingresso nos quadros do CAFRM, as candidatas, na condição de Praças Especiais, serão assemelhadas, respectivamente, a Guarda-Marinha, Cabo e Marinheiro-Especializado." (Lei nº 7622 de 9 de outubro de 1987 - Art. 5º).

Logo, ficou claro que, para "entender" essas mulheres, compreender esse grupo era necessário prescindir da familiaridade, no sentido de estar dentro e fora, implicando um estranhamento necessário à pesquisa bem sucedida. É exercitar a pluralidade, utilizar a multiplicidade. É o não pensar etnocentricamente, o que só é possível estando-se dentro e fora - na margem.

Assim, necessário se fez buscar uma orientação teórica que provesse subsídios para repensar a mulher em relação à especificidade de seu quadro cultural e histórico, i.e., empreender a multiplicidade do processo, respeitando a particularidade de cada uma e do grupo. Para tal, lançou-se mão da perspectiva da Psicologia na Cultura, que inclui, entre seus principais pressupostos, o que se segue:

"... somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura — não através da cultura em geral, mas através de formas altamen

te particulares de cultura..." (Geertz, 1978, p. 61).

"... o ser humano em desenvolvimento não somente se correlaciona com o ambiente natural particular, mas também com uma ordem cultural e social específica, que é mediatizada para ele pelos outros significativos que o têm a seu cargo (...) seu desenvolvimento orgânico é socialmente determinado." (Berger e Luckmann, 1985, p. 71).

"... o homem concreto é produto, além de produtor de todo o aparato sócio-cultural." (Augras, 1985c, p.103).

Ou seja, é preciso apreender a mulher **não** como um ser isolado: como uma identidade una, indivisível, acabada e fechada para sempre. Pois, se assim o fizéssemos, estaríamos seguindo o modelo positivista e nos depararíamos, sem sombra de dúvida, com mulheres que poderiam ser percebidas como indivíduo — *"... alguém que não foi capaz de ligar-se na sociedade, ... sinônimo para o pleno anonimato..." (Da Matta, 1983, p. 179) —* ou ainda como desviantes intragrupais e/ou sociais (Goffman, 1982), passíveis de classificação, segundo o modelo médico, ou como se de exclusiva de conteúdos representativos, o que propiciaria a apreensão da personalidade como "esquizitisse", esquizoidia ou esquizofrenia. Cisão racionalista, etnocêntrica, que vai ao encontro dessa necessidade "doentia" do padrão, da norma, da divisão, e que na verdade só serve para escamotear a nossa realidade e manter-nos como detentores do saber.

A compreensão por nós pretendida difere da visão ocidental e hegemônica acima descrita, visto que, segundo a postura aqui assumida, não existe esta chamada identidade, não existe a identidade enquanto algo acabado, ligado única e exclusivamente ao indivíduo (secularmente entendido, também, como uno,

indiviso). Aliás, se atentarmos como um mínimo de sutileza para a definição oferecida por Ferreira - "Identidade: sf. 1. qualidade do idêntico. 2. Caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc." (1985, p. 255), veremos emergir (de forma contraditória, reconhecemos) diversas identidades que sobressaltam quando se pergunta: Qual é o seu nome? Qual a sua profissão? Qual o seu estado civil?... E que entendemos articularem-se orgânica, social e culturalmente, possibilitando o surgimento da Pessoa. Mas não de qualquer pessoa (=indivíduo) e sim daquela que se constrói e transforma, recriando a Obra - O Ser. Nascemos indivíduos e nos tornamos pessoas. Não de modo fácil, tranqüilo e final: ao contrário, numa eterna dialética que nos remete a todo momento a confrontos entre a

"identidade social virtual - caráter que imputamos ao indivíduo ... e, a identidade social real - categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir."
(Goffman, op. cit., p. 12)

Dessa forma necessário se faz que a massa seja trabalhada, o que acreditamos ocorrer através de diversos rituais vivenciados no dia-a-dia, e que, segundo nosso entender, são responsáveis pela passagem do "indivíduo" à pessoa.

"A própria noção de passagem, aliás, em si inclui referencial espacial, bem como o conceito de liminaridade que dela decorre (...) E como proceder ao remanejamento ritual do espaço, senão pela atuação sobre o corpo do adepto, espaço vivo, que se movimenta e se transforma?" (Augrās, 1986c, p. 5, grifo da autora).

"A cada fração de segundo somos outros. Em todos os pontos do organismo estão ocorrendo fenômenos químicos

de transformação de substâncias, e essas transformações não duram mais que frações de segundos..." (Gaiarsa, 1986, p. 34).

Vê-se, pois, como a imagem do corpo físico desempenha uma função fundamental na criação e recriação da Pessoa, merecendo atenção periódica.

"Os rituais representam a forma das relações sociais e dão a elas expressão visível, capacitando as pessoas a conhecerem sua própria sociedade. Os rituais influem sobre o corpo político por intermédio dos agentes simbólicos do corpo físico." (Douglas, 1976, p. 158).

E, neste sentido,

"as mudanças corporais assim produzidas são causa e instrumento de transformação em termos de identidade (...) transformações do corpo e da posição social são uma e a mesma coisa." (Viveiros de Castro, 1979, p. 40 e 41).

Eis o porquê de falarmos em Pessoa e não em identidade; de falarmos dos múltiplos papéis, ao invés de uma identidade una, indivisível. Mas, se desejarmos, ainda assim, pensar em termos de identidade, esta deve ser entendida como um processo dialético através do qual *"a multiplicidade se articula dinamicamente para construir o fluxo das vivências..." (Augras, 1986b, p. 194).*

Neste trabalho, para uma melhor apreensão do processo de criação/recriação da identidade usaremos o constructo Pessoa que deixa aparecer claramente o jogo da socialização (Berger e Luckmann, 1985) favorecendo e revigorando a representação cotidiana de papéis (Goffman, 1985).

Para apreendermos esses papéis valemo-nos dos sonhos, das fantasias e, portanto, do espaço vivido como uma das múltiplas realidades que compõem aquela "... que se apresenta como realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana."

(Berger e Luckmann, op. cit., p. 38), que, na verdade, é vivenciada de forma ritual. Pois que

"... como todo discurso simbólico, o ritual destaca certos aspectos da realidade. Um de seus elementos básico é tornar certos aspectos do mundo social mais presentes do que outros. (...) O mundo ritual é, então, um mundo de oposições e junções, de destacamentos e integrações, de saliências e inibições..." (Da Matta, op. cit., p. 60).

Neste ponto utilizamo-nos dos pressupostos oferecidos não só por Da Matta, mas também por Turner, Leach, Douglas e, mais enfaticamente, por Van Gennep, ao descrever os rituais de passagem em suas fases: separação, margem e agregação. Assim, chegamos à premissa de que, no caso das mulheres da Marinha, existe um primeiro ritual nitidamente demarcado: separação das futuras militares de seu espaço vital (compreendido aqui como ambiente especial, familiar, de amigos); margem, período de treinamento para o ingresso na Marinha; agregação, quando de seu ingresso nas Diretorias onde serviriam, ou o retorno ao seu estágio anterior (lar). Hipotetizou-se ainda, a existência de outros ritos de passagem, no cotidiano dessas mulheres, implicando-as numa liminaridade bem mais constante.

Neste sentido, o jogo dialético da vida deixa transparecerem fases incessantes de ordem e desordem no desenvolvimento do mundo, do homem, do homem no mundo, permitindo pensar o

caos, não como um fator alarmante e desestruturante, mas como modo de reorganização. O cosmo, o indivíduo, a pessoa, bem como as zonas intermediárias - espaços liminares provindos das criações de barreiras, fronteiras artificiais; seriam reestruturadas (Leach, 1978). Logo, segundo essa abordagem, é neste espaço anômico, anômalo que se daria a passagem de indivíduo a pessoa, a mudança de **status**.

"O rito, assim, também enquadra - na sua coerência cênica ou medíocre - aquilo que está aquém e além da repetição das coisas "reais" e "concretas" do mundo rotineiro." (Da Matta in Van Genneep, 1978, p. 11).

"Ambiguidade de papéis, delimitação hierarquizada do espaço, substituição das relações interpessoais pela circulação do poder, do dinheiro, reificação do outro..." (Augras, 1985b, p. 106/7).

Este não é o estado marginal que tanto tememos, mas o nosso dia-a-dia que se tenta negar através do "jeitinho brasileiro" (Da Matta, 1983), mas que, na verdade, deixa implícito o nosso modo de ser no mundo.

Por ser esta uma concepção pós-moderna² de apreensão do homem, por ser a psicologia na cultura, uma disciplina que se propõe a descrever o conhecimento existente em relação à especificidade deste (sob o prisma de que o significado só pode ser construído segundo o caráter dialético, no qual todo e qual

(2) "A palavra é usada, no continente americano, por sociólogos e críticos. Designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do séc. XIX (Lyotard, 1986, p.ix). Aqui quer significar a "... incredulidade perante o metadiscursus filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes (id. ibid., p. viii).

quer encontro se dá pela interação da cultura específica do sujeito com o sujeito); ficou claro serem imprescindíveis os suportes metodológicos oferecidos tanto pela antropologia como pela fenomenologia. Estes nos permitem mover-nos nos paradoxos, na conjunção do estranho com o familiar, do subjetivo com o objetivo, ou seja, uma metodologia que dê margem a soluções relativizantes (Da Matta, 1984). Desta forma recorreu-se ao método de história de vida por entender-se que a única maneira de apreender as modalidades pelas quais se constroem, se expressam, vivenciam o mundo dentro desta cultura específica seria dar voz àquelas que, melhor do que ninguém, podiam falar de si e sobre si mesmas.

"Com isto quisemos dizer que o modo como cada um está-no-mundo, controla o seu comportamento, que o ser-no-mundo é aquilo que é revelado no comportamento, que aquilo que compreendemos quando entendemos o comportamento é o ser-no-mundo que ele expressa, e que é apenas no contexto do ser-no-mundo que o comportamento é inteligível pra nós." (Keen, s/d, p. 22).

"A finalidade de nossa análise é perceber esse padrão tão claramente quanto possível. O comportamento do indivíduo é nosso dado; sua significação, nossa busca." (id. ibid., p. 24).

Necessário se faz apontar que esta pesquisa não teve como objetivo abranger a totalidade do mundo das mulheres, nem muito menos a totalidade ou um número x, ou y de mulheres, pois, fazendo uso de uma compreensão fenomenológica, já se deixa implícito: (1) o segredo como parte integrante de toda experiência; (2) que a relevância deste estudo está exatamente em descobrir as idiossincrasias, interpretar as diferenças.

"... mais importante do que o desejo de experimentar uma variedade de modos humanos de vida, está o desejo de transformar tal desejo em sabedoria e, ou enriquecer e aprofundar nossa própria visão do mundo, compreender nossa própria natureza e refiná-la intelectual e artisticamente." (Malinowski, 1976, p. 374).

Por conseguinte, tem-se que, somente a partir da apreensão de cada uma das integrantes do grupo, como sujeito singular de sua própria história, poder-se-á implementar a compreensão de aspectos essenciais na "Construção Social da Realidade." (Berger, 1985) deste grupo. E quem sabe, promover novas idéias, seja no campo teórico, seja como uma janela interessante para a interpretação de outras mulheres militares.

Finalmente, desejo ressaltar que este trabalho ofereceu uma possibilidade imensurável de repensar minha atitude política, profissional — e por que não dizer? — minha identidade pessoal, fazendo com que estes aspectos fossem ratificados e ao mesmo tempo relativizados em função das singularidades. Com isso quero enfatizar meus agradecimentos a todos os que dele participaram e às mulheres entrevistadas em especial, a quem o dedico, esperando que este possa ser de algum aproveitamento para elas.

CAPÍTULO I:

M E T O D O L O G I A

I.1 - PORQUÊ DO MÉTODO

"Na ciência, como na vida, sô se acha o que se procura. Não se pode ter as respostas se não se sabe quais são as perguntas." (Evans Pritchard, 1978, p. 299).

Vivenciando o interesse pelas mulheres da Marinha, de imediato os questionamentos afloravam de forma a querer dar conta das infinitas questões levantadas. Uma questão básica se apresentava: Compreender como é construída, vivida, sentida e pensada a "identidade" feminina das Mulheres da Marinha, a partir das quais uma avalanche de situações emergiam, tornando-se necessário pensar no como fazer e o que fazer para atingir tal fim. Era a necessidade de uma orientação metodológica, o que se impunha. Para tal delimitação, observaram-se três pontos que equivalem aos princípios metodológicos descritos por Malinowski no que diz respeito ao segredo de uma pesquisa de campo eficaz (1978):

- possuir objetivos genuinamente científicos;

- assegurar-se de boas condições de trabalho;
- aplicar a metodologia adequada.

Desenvolvamos estes pontos, segundo a nossa postura pessoal, social (política) e científica.

No que tange ao primeiro ponto, acreditamos depender da maneira como será abordado o objeto de estudo, respeitando-se, é claro, o enfoque teórico, regras e métodos mais adequados à apreensão da realidade deste, o que se pressupõe estar intimamente ligado a nossa visão de mundo e o interesse pelos processos básicos da interação cotidiana. Neste sentido, compartilha-se, sem nenhuma restrição, do pensamento de Tania Salem ao declarar:

"... a premissa de que a ordem social é continuamente produzida a partir do conflito e da negociação travados entre diferentes agentes sem desconsiderar, entretanto, as determinações sociais que sobre eles recaem." (1981, p. 53).

Tal perspectiva possibilita repensar o Homem em relação à especificidade de cada quadro cultural e histórico. Assim, a pesquisadora encontrou o nexu para tratar do assunto proposto através, principalmente, de Augras, Berger, Giddens, Luckmann. Isto porque o suporte teórico fornecido por eles permite-nos não dicotomizar áreas de conhecimento afins e importantes para a construção da realidade de cada grupo, de cada indivíduo, bem como a sua visão de mundo. Os referidos autores nos possibilitam um interacionismo entre os conhecimentos psicológicos, sociológicos, antropológicos e fenomenológicos, à medida que permitem

compreender o Homem simultaneamente como produtor e produto da ordem social (Berger e Luckmann, 1985) e conjugar subjetividade e objetividade (Augras, 1986b).

Neste momento deparou-se com a constatação do perigo, do medo, do tabu. Mas, como nos assegura Augras (1989), tabu não é só isso, aliás é bem mais ... é também pureza, desejo, poder, amor, morte, limite, criação, ... e assim se pode ingressar no segundo princípio metodológico de forma menos turbulenta — garantia de boas condições de trabalho.

Por que tabu quando falamos de subjetividade — objetividade, da conjugação? Por lembrarmos que a concepção teórica anteriormente descrita está preocupada

"... não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado." (Geertz, 1978, p. 15).

Significado que só pode ser alcançado através do encontro de duas subjetividades, haja visto, a dialetização implícita na atribuição de sentido. *"A razão dialética não se pretende hegemônica."* (Ferrarotti, 1981, p. 21). Ou seja, na busca do significado acontece a apresentação da inter-subjetividade que por sua vez implica que o pesquisador assuma a sua própria subjetividade. Provavelmente devemos perguntar o que tem tudo isso com boas condições de trabalho. Em primeiro lugar, é se posicionar, assumir ser, pelo menos no que tange a chamada ciência da Psicologia, um marginal, visto não seguir o modelo clássico de causa e efeito ou poder ser apontado como alguém que deve falar também sobre religião (outro tabu). Aqui no Brasil, ainda ago-

ra, poucos são os psicólogos a se darem conta da importância da fenomenologia, a partir do trabalho que vem sendo desenvolvido há anos pela cientista social M.R.A. Augras. Em segundo lugar é pensar a própria pesquisadora, tendo em vista ter ela pertencido ao grupo ora em estudo. É compatibilizar familiaridade e estranheza no sentido enunciado por Roberto da Matta (1984). É pensar a ex-integrante do grupo como um ser que tenha possibilidade de tornar as barreiras permeáveis (ao menos foi esse o intentado) ao seu estar dentro e fora ao mesmo tempo, obtendo, então, possibilidade de

"falar deles por vezes de dentro, de fora, em seguida, ou em outros lugares dessa experiência (...) Gestos súbitos de entrada e saída para conseguir captar especificidade, detalhes, relances." (Caiafa, 1985, p. 22 e 23),

o que se chama de boas condições de trabalho.

Só então, de posse desse conhecimento teórico, vivencial, profissional, emerge a perspectiva do terceiro princípio, de aplicar a metodologia mais adequada aos objetivos — procurar compreender os valores e a visão do mundo das mulheres militares, bem como os processos que intervêm na construção da identidade. Neste sentido, é de acordo com a abordagem da Psicologia na Cultura, que tem como premissa básica:

"A sociedade é um produto do homem (...) Pode-se também afirmar, no entanto, que o homem é um produto da sociedade. Toda biografia individual é um episódio dentro da história da sociedade, que a precede e lhe sobrevive." (Berger, 1985, p. 15),

que lançamos mão do modelo fenomenológico, por entender que com

ele obtemos um acesso mais fidedigno à realidade observada e, também, uma solução mais relativizante do conhecimento adquirido através da construção do significado advindo do encontro "pesquisador-pesquisado".

A partir dos suportes psicológicos, antropológicos, fenomenológicos e vivenciais, elegeu-se como mais adequada à utilização de dois procedimentos: o da observação e o da história de vida, pois estes nos permitem a fusão do extremo subjetivismo com extremo objetivismo.

I.2 - INTRODUÇÃO AO(S) MÉTODO(S)

Observar o fato e escrever o relato — estes são princípios relevantes em qualquer pesquisa de campo (Malinowski, Glat). A bem da verdade, um independe do outro e podem ser tomados em separado, sem que seja minimizada a relevância de cada um dos métodos envolvidos. Por outro lado, pode-se coaduná-los, como na presente pesquisa.

"Mais ainda, um procedimento técnico pode transformar-se, afinar-se e até combinar-se com outros modos de exploração." (Asti Vera, 1976, p. 35).

É comum, também valer-se de suportes que vão da anotação à gravação em fita cassete ou vídeo para análise posterior dos dados obtidos.

1.2.1 - LIMITES E ALCANCES

No que tange aos limites, poder-se-iam citar várias críticas, ou melhor, uma crítica que, sob diversos prismas, recae sempre na questão da subjetividade. Contudo, por entender que esta possa ser até prejudicial "**se e somente se**" tomada como projeção, substituição de sua própria vivência — o que ela não é — acredita-se não mais ser necessário discorrer sobre o assunto, haja vista, que aí se estaria tratando de um outro tipo de pesquisa, para um outro contexto, que não o das atividades sociais aqui buscadas (Blake, Cattani, Bolgar). Por outro lado, é exatamente a subjetividade que norteia a possibilidade de obtermos a constatação do fato e a escrita do dito tal como ele realmente é.

"O mundo fenomenológico não é o ser puro, mas sim o significado que transparece na interseção de minhas experiências e das experiências alheias, pela engrenagem de umas com as outras, e portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que chegam à unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência alheia na minha." (Merleau-Ponty in Augras, 1986a, p. 15).

Com isto privilegiamos o encontro de dois seres numa relação Eu-Tu e não Eu-Objeto, o que implica assumir o pesquisador um não saber, o que não significa dizer leigo no assunto (aliás, chega a ser incoerente pensar um pesquisador pesquisando o que já sabe, não concordam?); ou seja, é ter a sensibilidade, é saber ouvir a palavra do outro sobre si mesmo, é sair do

"grupo do 'eu' faz, então, da sua visão a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa." (Rocha, 1984, p. 9)

para que aí, então, não se caia numa armadilha egocêntrica, nem etnocêntrica, mas na relativização do conhecimento. Contudo, é importante frisar que, ao contrário do que o positivismo aponta, não se trata de simplismo, nem de simplificações, pois relativizar só é possível vivenciando a liminaridade, a estranheza e a familiaridade concomitantemente. Considera-se pois, as "*inúmeras descontinuidades e diferença provindas de trajetórias, experiências e vivências específicas.*" (Velho *in* Caiafa, *op.cit.*, p. 21), dentro de uma mesma sociedade, ou seja, através do exercício da pluralidade.

Cabe-nos agora especificar o que está envolvido em cada um dos métodos ou como se constituem.

I.2.2 - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Quer significar que "... na medida do possível e do conveniente, o pesquisador vive a vida do povo que está estudando." (Evans Pritchard, *op. cit.*, p. 302), não de forma total (o que seria impossível, tendo em conta a especificidade de cada um, de cada cultura) mas vivenciando, temporariamente, a simultaneidade de dois mundos.

Para tal, o pesquisador dispõe de sua própria pessoa e da ajuda de certos componentes do grupo que possam vir a ser informantes (atentando-se, porém, que este é somente um dos elementos do grupo e que por assim ser, tem seu próprio ponto de vista). Assim, diferentemente de outros tipos de pesquisa, as "técnicas" de que dispõe são o conhecimento teórico que o embasa, a compreensão profunda das nuances metodológicas; e sensibi

lidade, abertura para a interação com o(s) sujeito(s), a partir do que poderá fazer as anotações.

1.2.3 - HISTÓRIA DE VIDA

Compreensão aprofundada sobre a vida da pessoa que vivencia uma determinada situação. Neste ponto, torna-se importante frisar uma possível distinção entre história de vida e relato de vida¹, ou seja: enquanto a história de vida inclui o relato do sujeito e outras informações recolhidas de diversas fontes (documentos, testes, entrevistas, questionários), o relato de vida consiste na história de vida ou acontecimentos tal qual a pessoa narra ao entrevistador, não sendo necessária a verificação da autenticidade dos fatos. Na presente pesquisa, entretanto, far-se-á uso dos termos indistintamente, tendo em vista o pressuposto teórico utilizado, que nos garante a possibilidade de usar outras fontes (no nosso caso, a entrevista gravada, algumas leis, decretos-leis), não como meio de ratificar o dito, mas de reenfatizar o ponto de vista do sujeito e, assim, a sua visão de mundo.

"... a teorização prática dos leigos não pode ser meramente rejeitada pelo observador como um obstáculo à compreensão científica da conduta humana, mas elemento vital pelo qual a conduta é constituída ou feita acontecer pelos atores sociais." (Giddens, 1978, p. 56, grifo do autor).

[1] Esta distinção é aludida na tese de doutoramento de Rosana Glat, referindo-se a um artigo de Bertaux.

1.3 - UTILIZAÇÃO DOS MÉTODOS NESTA PESQUISA

Sem desconsiderar o rigor científico, ao contrário, reiterando a objetividade, assumiu-se claramente a subjetividade da pesquisadora, tanto no que tange a coleta de dados, quando à interpretação dos mesmos, tendo em vista a procura do significado construído pelo diálogo entre os Eu e os Outros. Se a familiaridade com o grupo (conhecimento do linguajar utilizado, dos regulamentos, de vivência no meio...) em alguns momentos ajudou, esta mesma familiaridade possibilitou a estranheza, o afastamento necessário. Isto porque, além de adotar a postura de uma profissional de pesquisa na área das ciências sociais, vivenciava também um dentro-fora, inegável, enquanto ex-integrante do grupo. E mais, é uma mulher em busca de apreender a vivência de uma minoria (as mulheres) dentro de um grupo majoritário, o dos homens. Tríplice marginalidade — benefício da objetividade.

Assim, para a realização da coleta de dados, atentou-se para a necessidade de participar realmente da vida do grupo e assim poder registrar as atitudes, os acontecimentos, os detalhes, tão logo quanto possível eles tivessem acontecidos. E apesar da sensação, naquele momento, de que alguns dados não seriam de grande valia, entendemos que não havia outra forma de compreender o grupo, senão captando a totalidade que aparece ao pesquisador quando, ainda, da novidade. Outro dado de relevância foi observar os comentários que faziam entre si, de outros e de si mesmo, pois, como nos lembra Malinowski

"O homem que se submete a várias obrigações habituais, que segue uma linha tradicional de ação, o faz impulsionado por certos motivos, movido por determinados sentimentos, guiado por certas idéias." (1978, p. 32).

Optou-se pelas entrevistas, com auxílio do gravador, por considerar-se a natureza da investigação e o enfoque teórico por nós utilizado, isto é, por compreender que, para a interpretação da visão do mundo dessas mulheres, necessária se faz uma relação pessoa-a-pessoa, tal como é trabalhado em Rogers (1977). Com isto, acreditamos obter uma validação ainda maior das colocações feitas pelas entrevistas, tendo em conta o dito e o como é dito. Além disso, por entendermos que o que está em jogo é a memória e a fala, chamamos a atenção para o fato de ambas serem reconstruções e por isso serem passíveis de enganos, reinterpretações e manipulações. Mesmo assim, ou através disso, concentram em si a subjetividade, a imaginação, criação ... capaz de expressar, formular o modo de agir do Ser, sendo, pois, não uma limitação metodológica da entrevista, mas uma de suas características, haja vista a não existência de um conhecimento puramente objetivo.

Desta forma, tornou-se possível apreender as sutilezas, as nuances apresentadas pelo fenômeno, tais como a observação pela pesquisadora quando de sua solicitação de "visitar" os cursos de treinamento (descrito em pesquisa de campo).

"Hã certos assuntos que não podem ser descritos em público, hã explicações que não podem ser fornecidas na hora (...) os indivíduos podem fornecer pontos de vista diferentes e distorcer a visão." (Evans Pritchard, op. cit., p. 306/307).

Tudo isso, ao invés de inviabilizar a pesquisa, só faz aguçar ainda mais o pensar os motivos, aprender que uma mentira pode revelar verdades, experienciar o segredo que não necessariamente esconda alguma coisa, mas que dê margem a pensar múltiplas verdades.

A interpretação oferecida pela pesquisadora não se pretende única; para tal, no trabalho, esperamos especificar nitidamente quando a descrição foi resultado da observação, dos relatos e interpretação das mulheres, de outras fontes e da própria pesquisadora, o que poderá possibilitar múltiplas apreensões sem que estas sejam consideradas menos fidedignas — assim como o segredo.

Finalmente, a metodologia utilizada teve como objetivo apreender os elementos constitutivos da visão de mundo deste grupo — Mulheres da Marinha — a partir de cada história de vida do cotidiano, visto que, "são sempre relatos de práticas sociais." (Ferrarotti, Maffesoli).

CAPÍTULO II:

PESQUISA DE CAMPO

II.1 - DESCRIÇÃO DO UNIVERSO ENTREVISTADO

O grupo que constitui o universo das entrevistas foi formado por trinta e sete (37) mulheres que tinham em comum pertencerem ou terem pertencido ao CAFRM*. No momento da realização do trabalho de campo, o grupo era composto da forma abaixo representada.

QUADRO I

QUADRO DEMONSTRATIVO — COMPOSIÇÃO DO GRUPO

CABOS	SARGENTOS	OFICIAIS	MILITARES DA RNR*	TOTAL
02	16	12	07	37

RNR* - Reserva não remunerada, apreendidas na sociedade geral, novamente como civil.

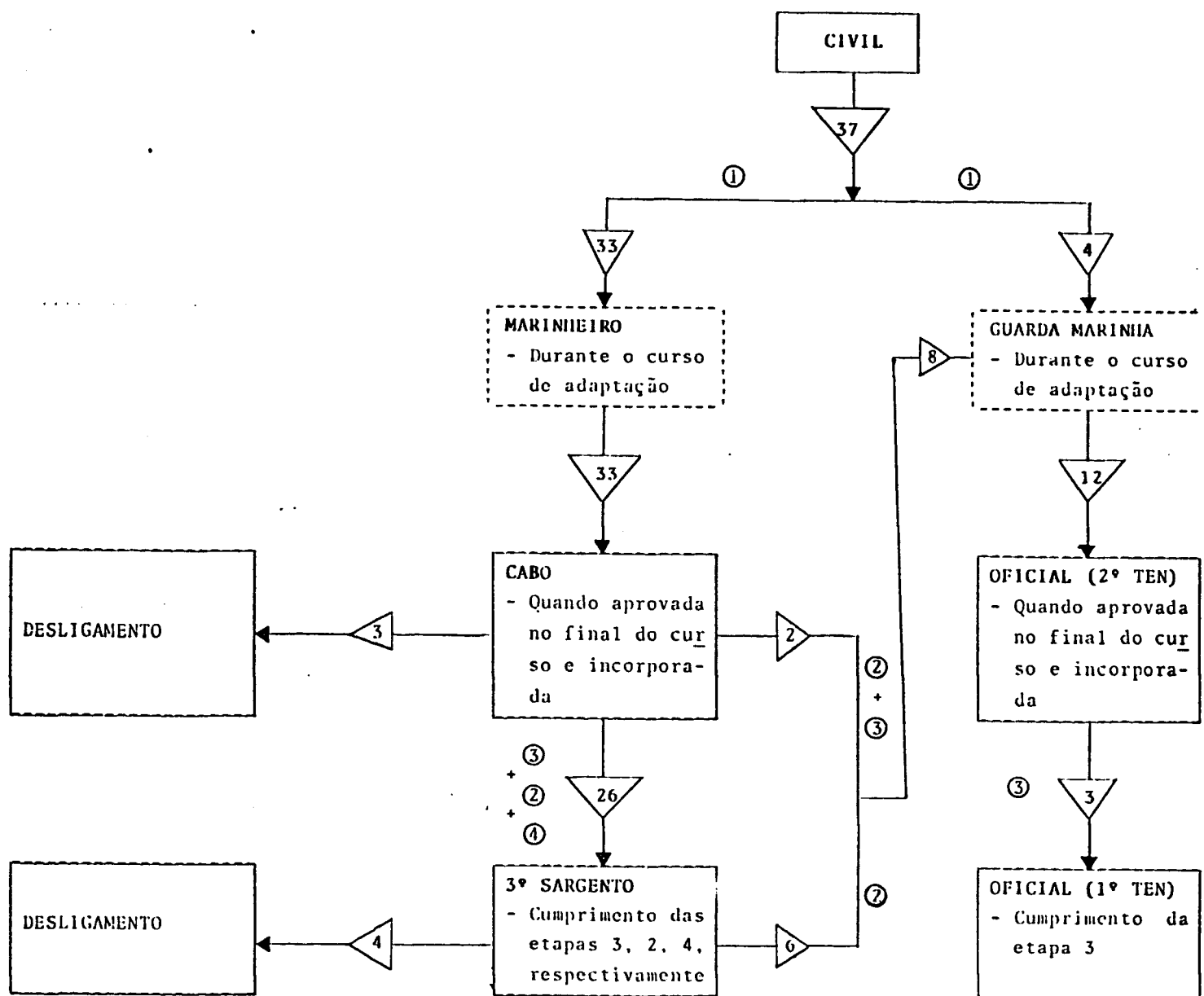
Observa-se que os elementos que compõem esse grupo são oriundos de turmas diferentes. Consideramos ser este aspecto significativo, pois: (1) torna o grupo representativo do universo de mulheres da Marinha; (2) possibilita-nos aventurar a hipótese de que possíveis diferenças nas vivências decorram, tam bém, das distintas relações interpessoais ocorridas durante os cursos de treinamento e das mudanças de atitudes dos militares (assimilação, internalização das mulheres, ...), desde o tempo da criação do Corpo de Mulheres Militares até os dias atuais.

A composição do grupo de mulheres que compõem o CAFRM*¹ é resultado de um processo seletivo que se inicia quando do concurso público para o ingresso na Marinha e estende-se durante toda a sua vida militar. Segue Quadro II que representa a progressão funcional do grupo até o momento da entrevista.

(1) Para melhor compreensão de como se compõe e surgiu esse grupo, ver nota sobre o movimento - anexo.

QUADRO 11

ACESSO E PROMOÇÃO NO CORPO AUXILIAR FEMININO DA RESERVA DA MARINIA



LEGENDA:

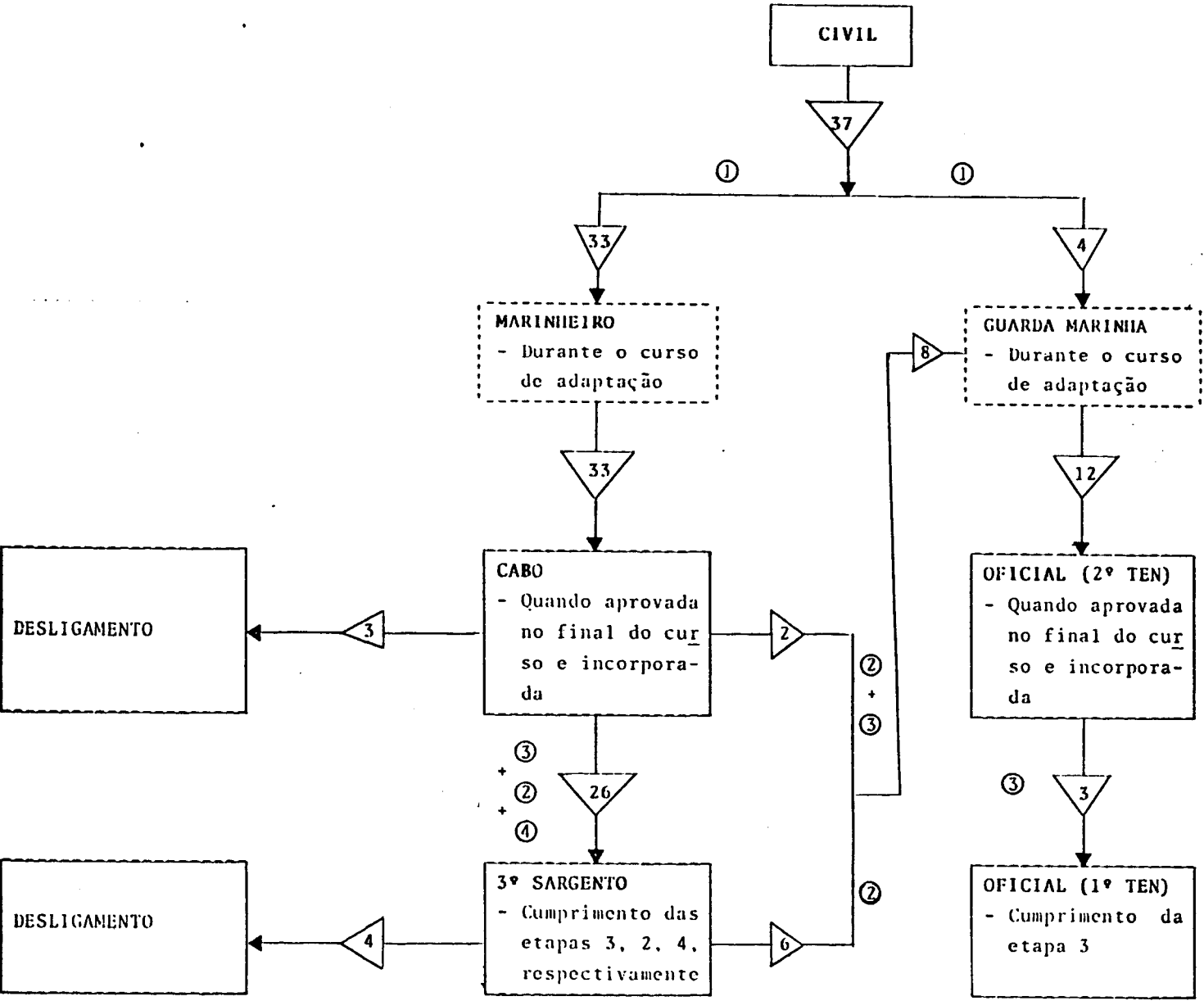
- ① Concurso externo
- ② Concurso interno
- ③ Interstício, mais conceito, mais vaga no quadro
- ④ Curso para sargento

SIMBOLOGIA:

- Contingente no quadro
- Período de adaptação
- Postos e/ou graduações
- Etapas

QUADRO 11





ACESSO E PROMOÇÃO NO CORPO AUXILIAR FEMININO DA RESERVA DA MARINHA



LEGENDA:

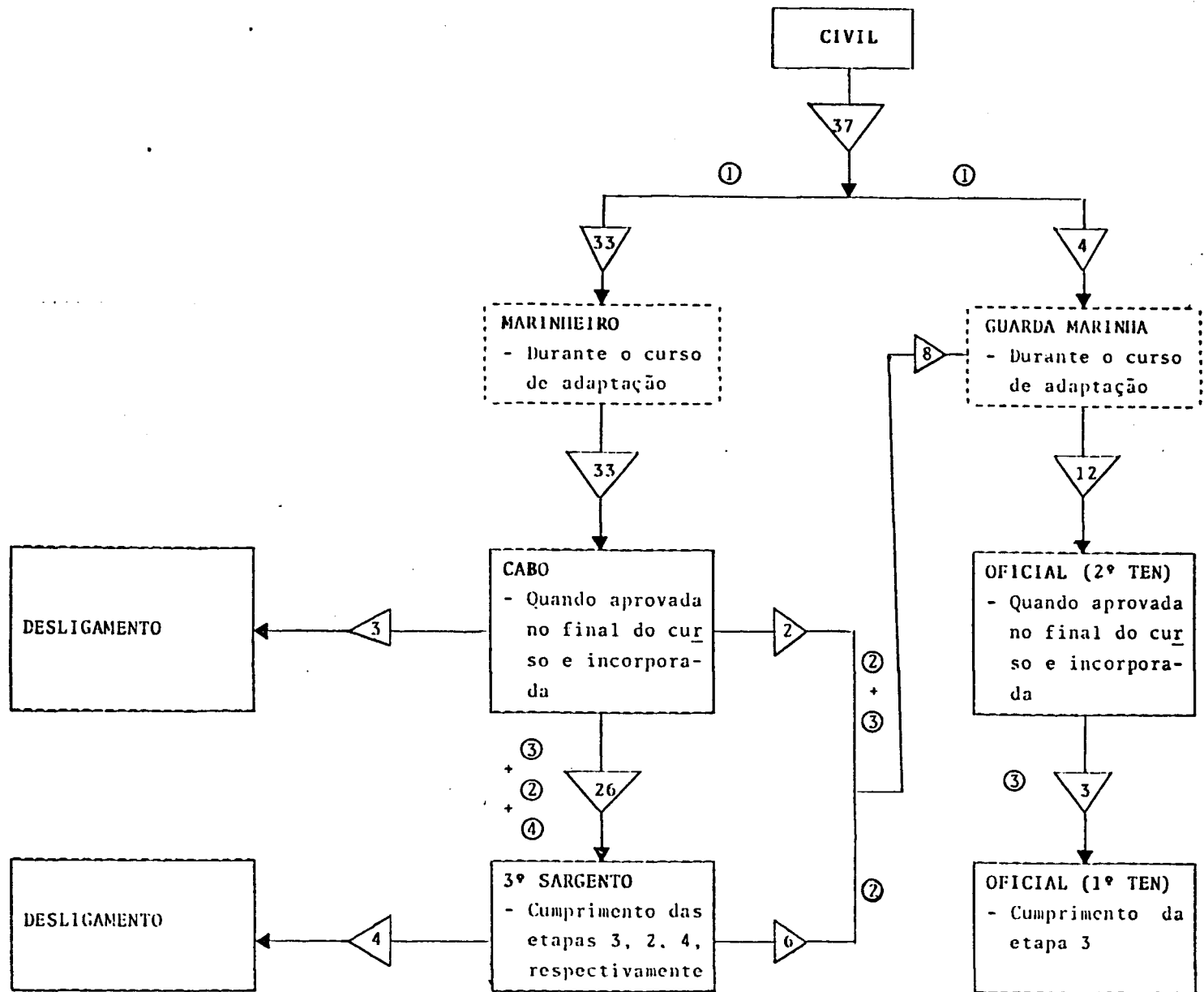
- ① Concurso externo
- ② Concurso interno
- ③ Interstício, mais conceito, mais vaga no quadro
- ④ Curso para sargento

SIMBOLOGIA:

-  Contingente no quadro
-  Período de adaptação
-  Postos e/ou graduações
-  Etapas

QUADRO 11

ACESSO E PROMOÇÃO NO CORPO AUXILIAR FEMININO DA RESERVA DA MARINIA



LEGENDA:

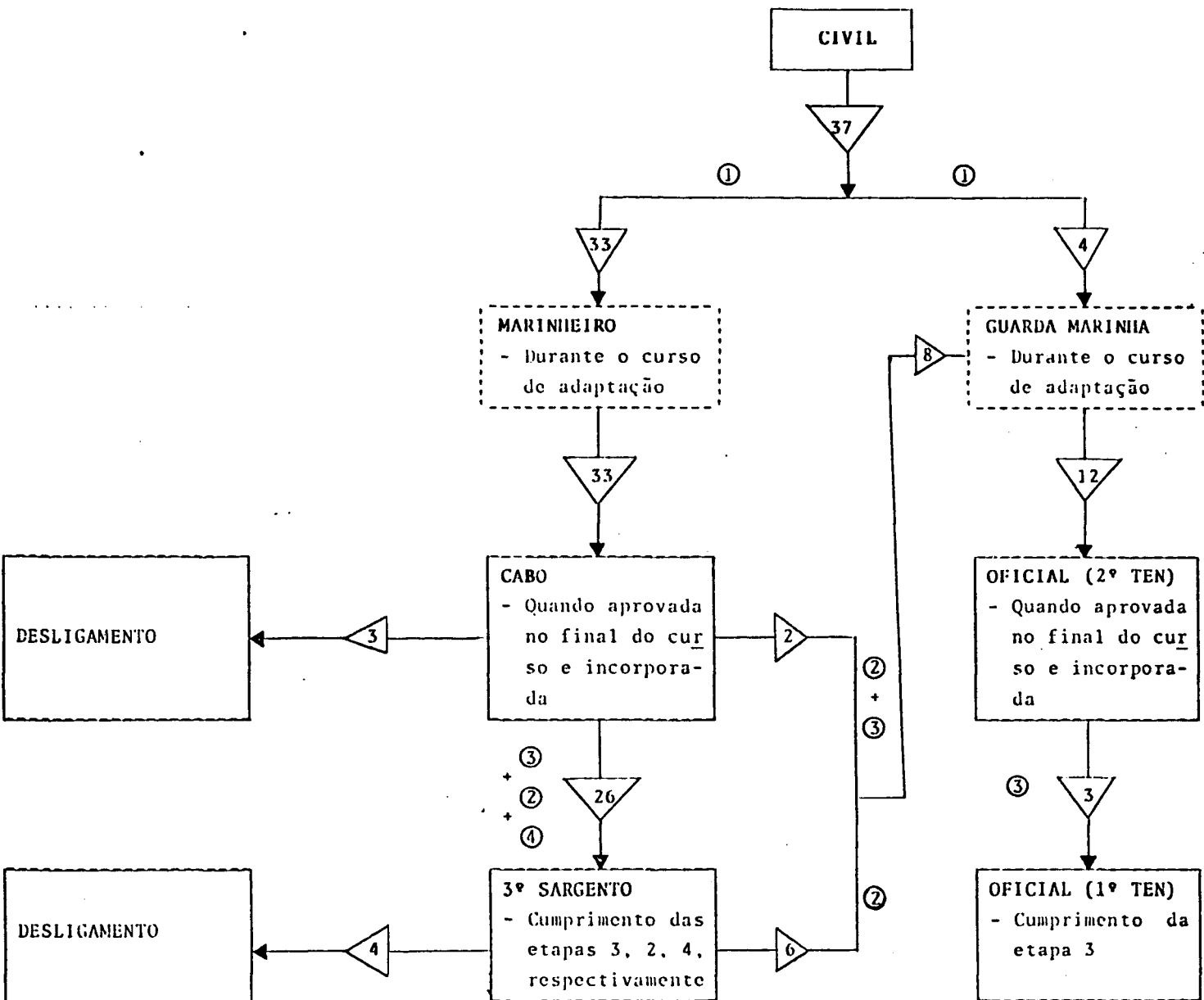
- ① Concurso externo
- ② Concurso interno
- ③ Interstício, mais conceito, mais vaga no quadro
- ④ Curso para sargento

SIMBOLOGIA:

- ▽ Contingente no quadro
- Período de adaptação
- Postos e/ou graduações
- Etapas

QUADRO 11





ACESSO E PROMOÇÃO NO CORPO AUXILIAR FEMININO DA RESERVA DA MARINHA



LEGENDA:

- ① Concurso externo
- ② Concurso interno
- ③ Interstício, mais conceito, mais vaga no quadro
- ④ Curso para sargento

SINBOLOGIA:

-  Contingente no quadro
-  Período de adaptação
-  Postos e/ou graduações
-  Etapas

Note-se que as entrevistadas que integram esses postos e graduações podem não se encontrar nessas mesmas posições (status) em função de terem sido promovidas, de ter ocorrido processo de mudança interna (pedido de baixa) e externa (não aproveitamento ao final do interstício - "ex-officio" -, e de dispensa, a bem da disciplina. No momento em que foram entrevistadas, apresentavam idade variável entre vinte (20) e trinta (30) anos.

No que tange à distribuição por estado civil, vinte e uma (21) eram solteiras, doze (12) estavam casadas e quatro (4) separadas ou divorciadas.

Considerando a formação acadêmica do grupo verificou-se que:

- a) das oficiais, além do nível superior, algumas concluíram cursos de pós-graduação;
- b) das sargentos, cerca da metade já havia concluído curso superior e aguardavam prova para suas especialidades e conseqüente promoção a oficial; a outra metade cursava universidades;
- c) as cabos estavam ingressando na universidade;
- d) das militares da RNR*, excetuando-se uma, todas tinham curso superior.

O local de residência da grande maioria foi e continua sendo a Zona Norte ou os subúrbios do Rio de Janeiro. Excetuam-se as que antes de ingressar na Marinha já residiam na Zona Sul.

Quanto à atividade desempenhada pelos elementos do grupo, antes de ingressar na "vida militar", podemos dizer que mais ou menos a metade percebia remuneração, necessária para subsidiar os estudos. Outras estavam desempregadas ou estagiavam. Verificamos dois casos em que as mulheres trabalhavam em suas especialidades e mantinham-se financeiramente. Deste grupo, três eram originárias de outros estados e vieram para o Rio exclusivamente em função do ingresso na Marinha; entretanto, apesar de já terem completado o interstício para retornarem ao lugar de origem, optaram, pelo menos naquele momento, por permanecerem no Rio de Janeiro. Outras três são migrantes por outros motivos anteriores ao ingresso na Marinha. As demais, são cariocas.

Cabe ressaltar que os dados acima alocados quanto à idade, estado civil, escolaridade, origem e residência foram citados para uma maior caracterização do grupo e principalmente por terem sido relatados nas entrevistas sem que, inicialmente, pergunta nenhuma deste gênero tenha sido feita. Logo, as informações aqui contidas são derivadas das entrevistas sem nenhuma verificação das fontes de informações oficiais, o que vai ao encontro do intentado pela pesquisadora, ou seja, a visão do mundo construída por estas mulheres. Assim, o que se faz nesta descrição do grupo não é calcado em nenhum parâmetro a priori, mas em constatações advindas do senso-comum.

Permitimo-nos, assim, inferir serem essas mulheres, na grande maioria, pertencentes à classe média baixa. Esta inferência deriva das suas ocupações anteriores, do local de residência, e de algo que consideramos de suma importância, não só pa-

ra a caracterização, mas para todo o processo aqui apresentado - o sonho de elevação de status.

II.2 - ENTREVISTAS

O trabalho de campo desenvolveu-se durante doze (12) meses, de fevereiro de 1988 a fevereiro de 1989, sendo que as entrevistas foram realizadas de junho de 1988 a janeiro de 1989. Das trinta e sete (37) entrevistas, uma se perdeu, em parte, em função de problemas com o gravador e outra foi feita sem a utilização deste instrumento por solicitação da própria entrevistada. A determinação do número de pessoas entrevistadas não se deveu a nenhum critério estatístico, mas ao que se entende por **saturação** nesta abordagem de trabalho (Bertaux, 1981). Ou seja, o momento em que, após ouvir tantas vezes o mesmo ritual, apreende-se aquele como sendo representativo para o grupo.

Todas as entrevistas seguiram o pressuposto metodológico anteriormente mencionado, possibilitando que se "abrisse" cada uma delas sempre com a mesma questão: gostaria de que você falasse um pouco sobre como foi, como está sendo você na Marinha, a sua vida na Marinha. A partir daí a entrevista seguia com uma combinação de escuta atenta e sinalização do tipo: você pode me falar como é/era isso? Como assim? E fechava-se quando as entrevistadas consideravam não ter mais nada a dizer. A duração, em média, foi de 1 hora e meia.

As entrevistas foram realizadas através de um convite informal, em locais e horários previamente marcados. Os locais

variaram em função das disponibilidades, receios e facilidades de adequação para as entrevistadas: OM* em que serviam; os banheiros destas; o vestiário das praças, dentro do 1º Distrito Naval; o vestiário fora do 1º Distrito Naval; as residências e locais públicos.

Utilizou-se como estratégia procurar-se pessoas já conhecidas da pesquisadora e, a partir dessas pessoas, pedir indicação de outras que quisessem participar, o que, em algumas vezes, funcionou, e, em outras, não. Nestes casos alegaram falta de tempo e de disposição, dúvida em relação ao trabalho ou até mesmo a necessidade da permissão superior na escala hierárquica. Durante o processo, algumas entrevistas foram marcadas uma, duas, três vezes e ainda assim não se realizaram, ou porque o "Serviço tava pegando", ou porque "Pôxa, esqueci que tinha uma prova importante", ou simplesmente porque "Ah! Fátima não tô a fim".

Claro se faz que tanto às pessoas que concederam as entrevistas, quanto às que não concederam, informou-se que se tratava de uma pesquisa sobre mulheres-militares em que gostaríamos de que elas nos falassem sobre suas vidas. Foram igualmente informadas quanto ao sigilo, não só em relação aos nomes (aqui fictícios), como também as OM* em que serviam, protegendo-as, assim, de uma dupla determinação. Foi mencionada também a liberdade de falarem sobre o que desejassem e de escutar a gravação a posteriori.

II.3 - OBSERVAÇÃO

A observação foi realizada em locais que, a convite das entrevistadas, tornaram-se permeáveis à "visitação", além de outros que permitiram uma maior inserção no dia-a-dia destas militares: o rancho* de praças e de oficiais, os vestiários e locais de livre circulação.

Um ponto importante a ser observado diz respeito ao que alguns chamariam de limitação ao trabalho, mas que para a pesquisadora foi bastante revelador. Ou seja, o fato de não ter obtido permissão para realizar observação direta ou entrevistas em determinadas OM*. Qual o significado da recusa? Na tentativa de apreender este significado, a pesquisadora retornou aos locais onde houve recusa e por escrito, solicitou-se permissão para realizar a observação, expondo o objetivo da pesquisa. Em um dos locais fomos recepcionados de forma cordial e atenciosa, por parte do oficial encarregado do pessoal, que expôs as "razões" da recusa: *"Um momento atribulado em que as militares estão com múltiplas tarefas, não dispondo, assim, de tempo"*. Reenfatizou-se a questão das entrevistas não terem de ser feitas nem nos locais de trabalho, nem necessariamente nos horários de expediente, e que a observação não implicaria quebra da rotina. Foi alegado então que, além do fator tempo, não havia interesse da Marinha, uma vez que "pesquisas de psicologia" já vinham sendo desenvolvidas, inclusive naquele setor. Por fim, argumentou-se que diferentemente das pesquisas (experimentais, quantitativas) ali desenvolvidas, estávamos trabalhando sob um outro enfoque, distinto daquele. Mais uma vez, educadamente, o oficial

respondeu com um "negativo" (termo substitutivo da negação e usado em larga escala pelos militares). Note-se que o oficial em questão já conhecera a pesquisadora, quando esta era integrante do quadro de Mulheres da Marinha. Já na outra OM* obtivemos como resposta outro "negativo", só que desta vez dito por um intermediário que alegou ter o seu comando tomado conhecimento através de outra OM* e que não se interessava. Estranhas recusas, que nos remetem a possíveis significações. Ser mulher num mundo de homens significa ser considerada uma intrusa? Ser ex-integrante da "fraternidade", tê-la renegado significa dever ser castigada? Ser pessoa permeável aos dois mundos (militar e civil) significa ter poder e/ou ser perigo? Acreditamos não existirem mecanismos capazes de extirpar do ser humano a internalização de sua vivência nem tampouco o edificado por ele na cultura específica em que lida/lidou.

A complexidade da situação-grupo levou-nos a buscar subsídios (além dos trazidos pelas entrevistas e observações), nos decretos e leis que regulam o ingresso, promoção, saída e mudanças referentes a este grupo.

II.4 - ANÁLISE DE CONTEÚDOS

Após a transcrição textual das entrevistas, seguiram os passos abaixo discriminados:

- . identificação dos temas emergentes em cada entrevista;
- . seleção das temáticas predominantes;

- . codificação das temáticas, considerando concomitantemente o número de vezes em que apareciam nas entrevistas, e principalmente, a significação dada pela entrevistada;
- . finalmente, a análise das informações, que foi realizada tomando como precípuos os dados que foram retirados da transcrição, acrescidos em alguns momentos da observação direta e do regulamento, o que se observará a partir dos capítulos subseqüentes.

CAPÍTULO III:

O RITO DE PASSAGEM

Tomando por empréstimo o roteiro do seriado "Ilha da Fantasia"¹, pretende-se descrever o que foi apreendido na pesquisa como rito de passagem. Para tal fim far-se-á a viagem seguindo o respaldo teórico oferecido por Leach, Mary Douglas, Turner e Van Gennep, isto é, entendendo o rito de passagem como um processo dinâmico, claramente demarcado em suas fases: separação, margem e agregação.

"Se, por conseguinte, o esquema completo dos ritos de passagem admite em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação), na prática estamos longe de encontrar a equivalência dos três grupos, quer no que diz respeito à importância deles quer no grau de elaboração que apresentam." (Van Gennep, 1977, p. 31).

(1) *Seriado da televisão, atualmente transmitido pela Rede Manchete, criado por Gene Levitt. Dentro do seu roteiro básico, temos vários personagens vivenciando, paralelamente, seus diferentes sonhos sendo a Ilha o espaço destinado à realização destes. Observa-se que a cada transmissão temos um único sonho servindo de título para o filme.*

O rito de passagem tem como função precípua a articulação de um estado a outro, retirando o Ser de sua rede de relações anterior e fazendo-o transitar num espaço-tempo não demarcado e não cronológico, até assegurar-lhe a agregação numa nova cultura. Com isso, proclama-se a mudança de **status** e coloca-se o sujeito em ação. Isto pode ser dito teoricamente, pois que, a nível da ação, não é tão simples - implica necessariamente a vivência de múltiplos rituais, uma vez que as barreiras existentes entre cada estado é um intervalo de indefinição social.

"O cruzamento de fronteiras e limiares é sempre cercado de rituais, como também a transição de um status social para outro." (Leach, 1978, p. 46).

Assim, o ser que está submetendo-se a essa mudança de **status** — o "iniciado" — deve ser posto à parte das pessoas comuns, ser enviado para longe de casa ou ser mantido num espaço fechado. Separado socialmente, ele é submetido a todo tipo de proibições-permissões especiais; ele está contaminado, por isso é perigoso, sujo. Esse já é o estado de ninguém, a zona de marginem, a liminaridade onde o ser vivencia crises, conflitos, a loucura, o caos, e portanto,

"... o estado de anomia e poder por excelência, existindo, pois, a possibilidade de apoderar-se de todas as forças e terminar com o mundo (Ragnarok). Nesse dia, caso isso venha a acontecer, o galo vai cantar e os deuses vão-se preparar para a luta." (parte do poema Edda, sobre a árvore do mundo, Yggdrasil - citado por Augras, 1986, em aula apresentada na FGV, disciplina de Personalidade e Cultura).

Tendo em vista esta tendência à morte, ao caos, o melhor a fazer é adotar alguns mecanismos que espantem os "maus-espíritos". Para tanto utiliza-se o tótem, o tabu, a violação, a punição, a reparação, o rito e suas conseqüentes derivações — ambivalência, poder, desejo, amor, ódio e toda a extensão de opostos, diferentes e semelhantes concomitantemente.

"Depois do Ragnarok, da morte dos deuses germânicos no combate em que todos, bons e maus, perecem, a profetisa do Volllspa antevê o surgimento de um novo mundo de paz, de esperança, em que reinará Baldur, o muito puro. Uma nova raça de homens aparecerá, e todos viverão felizes. Os deuses voltam para o prado, onde estavam no início; encontram na grama as pedras do jogo de xadrez, e entretêm-se com os relatos das batalhas passadas." (Borges, J.S., apud Augras, 1986a, p. 27).

Somente desta forma o iniciado pode ser trazido de volta ao social e apropriar-se de seu novo papel.

Contudo, importante se torna frisar que

"... a platéia de uma orquestra está interessada no que os músicos e os maestros fazem em combinação. O significado da música não deve ser encontrado nos tons produzidos pelos instrumentos individuais, mas nas combinações desses tons, nas suas relações mútuas e no mundo pelo qual os padrões sonoros particulares são transformados em modelos diferentes, porém relacionados." (Leach, op. cit., p. 55).

Logo, as fases do rito de passagem serão aqui destacadas para maior clareza acadêmica e não em função do processo, onde cada fase se mistura e justapõe-se, dando significado ao todo.

Assim, em nosso roteiro, entenderemos "Realize seu so

inho - Ingresse na Marinha", como a fase de separação, a "Ilha da Fantasia", como o período de margem, e "Caia na Real", como agregação.

III.1 - REALIZE SEU SONHO: INGRESSE NA MARINHA

"Não pode atravessar, sem estremecer, essas portas de marfim e de chifre que nos separam do mundo invisível. Os primeiros instantes do sono são a imagem da morte..." (Durand in Pitta, 1984, p. 15).

Ao dar início a esta viagem (separação), acreditamos ser de fundamental importância que, antes, observemos o que está sendo apreendido como sonho e quais as suas conseqüências.

Compartilhamos a "idéia" de Jung de o sonho ser o que é (1953). E, neste sentido, que ele

"... não é necessariamente uma realização reprimida de um desejo. Ou mais exatamente, que a sexualidade não é a única a agir no sonho. Que a vida psíquica, como o sonho, afronta grandes instâncias naturais: a sexualidade, a morte, a fome, o trabalho..." (Duvignaud in Pitta, op. cit., p. 83).

Assim entendidos, os conteúdos oníricos dizem respeito à realidade da vida cotidiana, desprendidos do tempo e do espaço.

"... os sonhos, são acesso direto a esse mundo da significação, isto é, da conjugação do significante e do significado. (...) este universo da imagem é bem real..." (Durand in Pitta, op. cit., p. 23).

Desta forma, por estarmos interessada em compreender as so-

nhadoras (mulheres) e não apenas o sonho, lançamos mão da perspectiva fenomenológica, que nos permite afirmar que, se existe uma área de sombra, não trazida à luz, esta se deve, na verdade, ou a limites intelectuais, ou à impossibilidade de abraçarmos a totalidade dos mundos e ainda a uma parte de realidade do sujeito que lhe é estranha.

Logo valemo-nos do sonho, entendendo que "... a eflorescência das imagens revela o eu profundo à ação do eu de superfície, do eu engajado em face do outro e do mundo..." (id. ibid., p. 20), o que nos faz poder considerar o sonho dessas mulheres

"... como meio privilegiado de acesso a tal realidade (Jung), ou como revelação da estranheza que atua no âmago do sujeito..." (Augras, 1986a, p. 61).

III.1.1 - SONHO DAS MULHERES

Passemos, agora, a observar o que compreendemos como sonho nos relatos das integrantes do grupo, ao mencionarem os motivos que as levaram ao ingresso na Marinha, bem como os procedimentos necessários.

- "Não é patriotismo ... é algo que me toca como num culto" (T. Brígida).
- "Ideal, sempre fui apaixonada pela Marinha... Eu sempre sonhei... dizia: se eu fosse homem, seria mari-nheiro" (Sgto. Georgete).
- "Já era uma obsessão, eu era apaixonada mesmo..." (Sgto. Catarina).
- "Foi um sonho, né? Novidade, aventura. Aquela coisa que a gente tinha... aquela coisa de filme americano. Ah, que bonito, mulher militar!" (Sgto. Consuelo).

- "Era uma idealização". (T. Augusta).
- "Pra mim não tem novidade, não - Eu entrei porque tava desempregada ... queria arrumar um emprego na área ... era o meu sonho". (Sgto. Eulália).
- "Foi única e exclusivamente porque sou divorciada, tenho uma filha e a preocupação é só de ... ela ter segurança, pois não casei de novo". (T. Dalila).

Apesar de não se pretender fazer uma análise dos conteúdos manifestos ou latentes dos sonhos — o que fugiria ao nosso enfoque teórico e metodológico — chamaram-nos a atenção determinados emergentes que, num primeiro momento, não colocavam a Marinha como a motivação principal, mas, ao mesmo tempo, marcavam a sua significação.

- "Eu queria um emprego garantido... Começou a aparecer uma série de concursos, e eu comecei a fazer, né? ... Fiz para Vasp, Xerox do Brasil, Furnas e pra Marinha... Fiquei aguardando sair o resultado... Então, a Marinha foi o primeiro concurso a sair, e a minha família toda ela é assim, ela é militar sabe!... Então eu fui e logo a seguir saiu o resultado da Xerox e da Vasp e minha mãe não me falou nada... E por ter sido a primeira colocada né, na Vasp e na Xerox... meu salário ia ser altíssimo... Minha mãe não me falou nada, continuei na Marinha, né?...". (Sgto Lucíula).

Como entender: (1) desejar um emprego garantido e fazer provas para instituições privadas, exceto a Marinha; (2) a desinformação em relação aos resultados dos concursos; (3) ser enganada pela mãe aos 21 anos, num assunto tão importante para ela?

- "Eu não tenho ideal nenhum, nunca imaginei, nem sonhei em entrar na Marinha. Foi por um acaso. Entrei na Marinha porque queria sair de casa, queria morar sozinha..." (Sgto Cacilda).

Como entender: (1) não ter nenhum ideal com relação à Marinha e ainda assim escolher esta (num outro estado); (2) o "acaso", quando na verdade desejava sair de casa?

Os que nos parecem sonhos, como os da Sgto. Catarina, T. Augusta (ver pág. 36 e 37), emergem como acesso direto à realidade destas², enquanto os das Sargentos Lucíula e Cacilda³, acima citados, parecem expressar áreas de sombras que não foram apreendidas claramente por elas, causando-lhes estranheza. Porém, respeitando os objetivos da pesquisa o que enfocamos como vital para a compreensão dessas mulheres, a possível interpretação acima não é intentada, mas os significados que foram sendo oferecidos através de suas próprias elaborações ao longo do tempo (durante as entrevistas e/ou histórico da vida na Marinha).

A essa altura nos perguntávamos: Separação e Sonho — o que têm em comum esses dois processos? A verdade é que a resposta se apresentava tão "vulgar", tão fenomênica, que, por momentos, nos fugiu. Mas, dada a frequência nas narrativas, remeteram-nos às questões iniciais. Por que os territórios destinados ao treinamento-adaptação serem tão distantes e isolados? Por que locais diferentes para praças e oficiais? Por que serem locais de difícil acesso e proibidos ao público de uma forma geral? Por que as mulheres aceitaram essas circunstâncias? Seria a busca de um trabalho seguro e/ou a necessidade de vivenciar o novo, o diferente, o perigoso? Só então, ao pensarmos estas instâncias lembramo-nos de que

(2/3) *Observe-se que estamos considerando todos os dados colhidos na pesquisa, e não somente este trecho.*

"Nossa vida, social e coletiva, é uma imensa defesa contra essas instâncias (...) são essas grandes instâncias que permitem a teatralização do sonho. Todos os nossos sonhos são dramatizados..." (Duvignaud in Pitta, op. cit., p. 83).

Eis porque falarmos de sonho para ingressarmos na "separação" : se nossos sonhos são dramatizados, também são ritualizados. Toda viagem não tem um preço? Pois bem, a do ingresso na Marinha, também o tem.

III.1.2 - PRIMEIRA PARCELA - RITOS DE SEPARAÇÃO

Os ritos de separação, também denominados de preliminares, têm por si só uma finalidade própria, um objetivo precípuo: a retirada do sujeito de seu espaço vital.

"O iniciado que se está submetendo a uma mudança de status deve, primeiramente, ser separado do seu papel inicial. Esta separação pode ser representada de muitos modos, ..." (Leach, op. cit., p. 95).

E, por ser somente uma das partes que compõem um rito maior - rito de passagem - deixa transparecer um processo espaço-temporal que já é vivido como **preparação**.

- "Nem dormi direito. Fui a primeira a chegar para me apresentar..." (Sgto Consuelo).
- "Fiquei supercontente! Arrumava a mala, fiz o enxoval - aquele negócio todo... Tudo branco, aquele ritual! Parecia a noiva ou a gestante com o enxoval. Curiosidade... eu não sabia como era... queria saber." (Sgto Florisbela).
- "Eu tive problema com o enxoval ... porque era um monte de roupa, né? Tive que pegar dinheiro emprestado, ... foi feito na base da amizade, com coisas mais baratas ... tinha que ser tudo branco ... pijama, calcinha..." (civil Sara).

- "Eu tinha pesadelos todas as noites, mas *aí* decidi: quando chegar ao Rio não serei boba." (Sgto Cacilda).

Através desses relatos, pode-se verificar que:

"... a passagem do imaginário para o simbólico, se impõe enquanto a ordem simbólica possibilita a organização entre o sujeito e o "mundo real", possibilitando a passagem da ordem da natureza para ordem da cultura..." (Vieira *in* Pitta, *op. cit.*, p. 46).

Assim, importante torna-se acentuar que, para que a organização desse grupo (naquele momento) fosse alcançada, pelo menos duas foram as variáveis envolvidas: o vestuário e o simbolismo da cor, que se vistos em separado e em contextos não específicos, não têm sentido algum. Mas, por serem aspectos temporários no corpo servem por isso mesmo para marcar a inversão de papéis, tal como trabalhado por Leach.

Observou-se, então, o quanto essa preparação fez emergirem sentimentos de expectativa, receio, entre outros como podemos verificar nos relatos abaixo:

- "Quando passei foi outro: Vou, não vou... quando fui, fui naquela expectativa..." (civil Clarisbela).
- Morria de curiosidade, mas estava meio assim, assim..., receiosa." (T. Brígida).
- "Eu não conhecia nada, tinha uma imagem do que seria o militar, mas não sabia como era a mulher na Marinha. Eu fui assustada." (Sgto Socorro).

Compreende-se, pois, que

"... toda passagem é essencialmente difícil, semeada de obstáculos e com um ponto de chegada obscuro, inseguro." (Pitta, *op. cit.*, p. 49).

Podemos notar que esta pré-passagem para um devir mergulhou-as na vivência do novo, do desconhecido, do perigoso e desejado, envolvendo uma passagem marítima e/ou terrestre.

- "O primeiro choque foi quando entrei no ônibus... eu não sabia que o sargento tava anotando os nomes e foi a maior bronca: que agora eu era militar, que devia satisfação aos meus superiores... falei: Meu Deus, onde estou entrando!... Depois aquela barca... chorei, do Rio à Marambaia." (Sgto Mercedes).
- "Surpresa... mas aquela passagem, aquela de barco... aquela passagem foi monstruosa." (Sgto Cacilda).
- "Eu achei que naquele dia ia só levar as coisas ... quando vi ... o ônibus, aquele barco ... não acreditei! Fui com uma roupa só, só o macacão do corpo." (T. Augusta).
- "Eu acho que a coisa mais importante que aconteceu foi o caminho para a Marambaia... aquela passagem de Itacuruçã... Ali da lancha você vê a Ilha, e aquilo era tão esperado por mim que parecia que só ia acontecer em sonho... Quando eu vi que aquilo era realidade pra mim... era tão importante." (Sgto Catarina).
- "Era a primeira vez que eu saía do seio da família ... pra mim foi assim, meio desbravador ... ainda mais que vinha de outro estado para o Rio." (T. Miracema).
- "Eu me senti uma mala - uma mala é uma coisa que você pega e joga lá... e vamos ver onde é que eu vou colocar." (T. Carmosina).

Espera-se que, através desses rituais, tenhamos começo do a descortinar, dentro do processo geral, o que compreendemos como preparação para a passagem de um Ser civil à um Ser militar. Nada fácil, ou melhor, bastante difícil, se pensarmos ser uma elevação de status.

"Retratar a imagem da passagem própria de um povo é, pois, retratar o modo pelo qual este povo enfrenta suas dificuldades psíquicas. (...) Entre as diversas formas de passagem (...), a imagem mais direta do fenô

meno é apresentada através do arquétipo da travessia. Travessia das águas perigosas, misteriosas, maternas; das águas desafiadoras das cachoeiras e do mar tempestuoso; ou das águas embaladoras dos lagos e do mar dormente." (*id. ibid.*, p. 49/50).

Logo, uma série de outros rituais de separação se faz necessário para que o sujeito possa ir ingressando num mundo novo. Nesta fase preliminar, poder-se-ia dizer que diversas sub-fases se processam em tempos distintos, de forma a ir separando gradativamente o sujeito de seu velho mundo. Num primeiro momento, o processo é lento e seletivo, iniciando-se, para algumas, desde o desejo (longínquo) do ingresso.

- "... Morava no interior de São Paulo... E de lá eu escrevi pro Globo, naquela folhinha: "Qual é o seu problema?"... Porque já em 79, começou a pintar alguma coisa no jornal que abria... aquele chove não-molha... disseram que estava em estudo... Enfim, 79 eu vim pro Rio. Comecei a trabalhar, lá eu trabalhava tam bém e quando foi em 81, final de 80, né? Eu estava lá na fila firme e forte!" (Sgto. Georgete).
- "Ligava para os jornais, para a Aeronáutica ... mandaram eu esperar que na Marinha iria abrir!" (T. Brígida).
- "... como nunca tinha feito prova na minha área específica... resolvi arriscar." (Cb. Marialva).
- "Abriu para Oficial (mas não na minha área) e eu já era formada. Aí eu falei: vou fazer como cabo." (T. Florinda).
- "Sempre achei que a seleção dá uma motivação diferente na vida das pessoas..." (T. Miracema).

O primeiro momento do sonho não demora horas, mas no caso dessas mulheres estendeu-se, por alguns meses ainda, durante os quais foram verificados vários pré-requisitos. Assim, passam por uma seleção propriamente dita, onde são testados seus

conhecimentos (em todos os sentidos - conhecidos também), seus dentes, sua visão, sua altura, seu funcionamento orgânico, psicológico, acadêmico, sua ideologia, ... e, mais recentemente, seu corpo, como atleta.

- "Vim aqui saber o que caíria, estudava à beça, eles iam vendo meu esforço. A cada prova ficava com medo, sabe? de saber o resultado. Eu achava que ia até ficar meio biruta se não conseguisse." (Sgto Catarina).
- "A cada resultado das provas, eu chorava de alegria." (Sgto Conceição).
- "A cada prova... meu namorado ia de madrugada para o jornal saber o resultado." (civil Madalena)

Como o nome já diz, é uma fase preliminar. E diversos são os obstáculos, mas

"... se o viajante, o passante tiver coragem e enfrentá-los, determinado a prosseguir sua viagem (...) O oponente pode, assim, tornar-se adjuvante, dependendo da coragem e inteligência do indivíduo." (id. ibid., p. 57)

Se a candidata está apta - tiver aptidão inata ou adquirida ou satisfizer legalmente - então está aprovada. Se não, existe o "jeitinho brasileiro". Se este também não der jeito, não há saída, ou melhor, não há entrada, a candidata está marginalizada - é incapaz para servir à Pátria.

- "Eu não tinha óculos ... usei o de uma colega ... o grau era diferente do que eu precisava. Tremia com medo de me reprovarem... mas no final deu certo." (civil Sara).
- "Foi passar para a Marinha e passar para a faculdade junto nê? Então foram duas vitórias... Nas duas eu fui muito bem colocada e depois eu vim a saber que a da Ma

rinha teve mutreta em cima, né?... Aí eu caí lá pro 6º pelotão... Eu tinha na época um tio que era da Marinha, ele era tio-avô, só que era civil e aí meu pai tinha pedido a ele, sem eu saber, que desse uma olhada como eu estava indo durante aquelas fases ... faltava só a última... ele falou que eu estava em 8º lugar... Quando cheguei lá na Marambaia... último pelotão. Agora, eu acho que não foi só isso... na entrevista eu fui com a cara e a coragem... eu de cara fui falando para o entrevistador: "eu não sei nada de laboratório", mas eu sou universitária, estou fazendo enfermagem e tenho capacidade para exercer a função de laboratório - sem falsa modéstia, me jogando em cima dele. E aí eu fui justificando a minha inexperiência técnica. Eu comecei a falar do sistema de ensino... Agora em termos de nota eu não sei quanto ele me deu... pode ter me dado um tremendo de um zero; zero não deve ter sido porque se não eu teria sido desclassificada... porque rezava isso... o zero desclassificava a candidata, mas eu não sei quanto ele me deu, não acho que ele me deu dez... mas uma nota que deu para a aprovação." (civil Madalena).

No segundo momento, por já estar num limiar, ao menos no que diz respeito ao ingresso na Marinha, o tempo dos ritos de separação vão ao encontro do objetivo final. Assim, o sujeito recebe de forma maciça, ou melhor, é massificado com uma avalanche de rituais de separação que se dão num espaço reservado, que garante o seu acontecer.

O barco:

Meio de transporte utilizado para fazer a passagem do meio familiar para o mundo estrangeiro (isso no caso das praças). Mas como se pode observar, no relato abaixo, o barco não era como no sonho — seguro, estável — não deslizava suavemente sobre as ondas. Era velho, com defeito. O mar, por sua vez, não era o de almirante* — suave — mas o de marinheiro* — batia, rebelava-se.

- "... aquele barco, barca... parecia um, um... menos um transporte... atravessar aquele mar... Deus me livre." (civil Clarisbela).

O espaço:

"Ilha, s.f. Terra menos extensa que os continentes e cercada de água por todos os lados." (Ferreira, 1985, p. 255)

"Ilhar, v.t. e p. tornar (se) isolado, incomunicável, como numa ilha; isolar (se)." (id. ibid., p. 255/256).

O espaço, tanto o físico como o vivido⁴, já que mencionado pelas praças e oficiais, faz emergir o rito que demarca, em primeira instância, o que se está denominando separação, isto é, a retirada do indivíduo de seu meio anterior. Com a mudança do domicílio, ou passagem material, tem-se como implicação a perda de direitos e prerrogativas do velho mundo. E ainda, ao se inserir o indivíduo num espaço especial — fechado, "cercado" — a que as pessoas comuns não têm acesso, retiramos sua autonomia de locomoção e, por conseguinte, sua independência.

A recepção:

De quem? Por quem? Para quê? Ao que nos parece, este momento demarcou um rito de inversão⁵, onde as figuras de au

(4) O treinamento das praças deu-se na Ilha da Marambaia, enquanto o das Oficiais deu-se no CEFAN - Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes - Av. Brasil.

(5) Tal como trabalhado por Douglas, Turner e Da Matta, permite uma inversão de status - tornando os indivíduos estruturalmente inferiores (neste momento predominantes) em superiores, e vice-versa.

toridade — oficiais, sargentos, cabos, marinheiros — aguardavam ansiosos e aparentemente satisfeitos a chegada das noviças.

- "... Primeiro a gente é recebida com aquela bandinha, achando que tudo são flores né? Nós não estávamos conscientizadas do que seria a nossa vida militar ... Então eu acho, quer dizer, chegamos lá de sapatinho alto, aquelas flores, com bandinha de música. Oh! que maravilha de cenário, né! ..." (Sgto Lucíula).

Nessa condição, as mulheres atravessam a soleira, ou melhor, o porta-lô* improvisado⁶, uma vez que o real se dá bem mais adiante.

E, como todo ritual de inversão, este, rapidamente se desfez, para dar início a um outro ritual que permeia todo o processo hierárquico, vigente na Marinha do Brasil.

"Atravessar o mar significa deixar-se levar pelo emba-lar da natureza, com tudo que contém este abandono de doçura materno (...) Este mar tranqüilo, porém, encena as possibilidades dos mais diversos e terríveis perigos. A morte está sempre presente." (Pitta, op. cit., p. 58).

- "... E depois, quando a gente teve que pegar o nosso sapatinho alto, entendeu, botar no ombro e carregar nossas malas, porque não tinha ninguém pra carregá-las ... Sapato enfiando na areia ... Gente chorando e os homens gritando..." (Sgto Lucíula).

(6) Consideramos esse "improvisado" levando em conta que o caráter de interdição, da ultrapassagem dessa linha fronteiriça, para este grupo foi marcado através de um meio "mais simples" - o cais, que enfeitado de uma certa maneira serviu de primeiro marco. Sem demarcar contudo "o limite entre o mundo estrangeiro e o mundo doméstico sem significar a entrada num mundo novo (ainda não haviam sido nominadas)". (Van Gennepe, 1977, p. 37).

A autoridade:

Este ritual tem como finalidade demarcar nitidamente as posições, papéis, hierarquias e remeter à totalidade da ordem. Neste sentido, ordens de comando são dadas às iniciadas e o caos se instala.

- "Os homens pareciam uns loucos - gritavam: direita, esquerda, ... e a gente sem entender nada..." (Sgto Conceição).

Sem distinguir um marinheiro de um oficial, com dificuldades para encontrar a direita e a esquerda, sem saber o significado de fila e linha, são colocadas "no seu lugar". Destituídas de seus orgulho feminino parecem mais um bando de retirantes - e realmente o eram - haja vista que, para ingressar no novo mundo, retiraram-se do anterior.

- "... Eu carregando uma mala, essa cena nunca vai sair da minha cabeça... Aí chegaram aquelas moças pra entrevisitar... Aí eu sentei em cima da minha mala, e comecei a comer uma maçã... Aí a repórter perguntou: ... O que você traz nesta mala? Pô, aquilo foi chocante, até a repórter ficou emocionada, eu trago o meu estado..." (Sgto Cacilda).

Assim atravessaram, finalmente, o porta-lô* "real", na sua condição original, ou seja, de iniciadas de quem nada sabe e nada pode — pelo menos é esta mensagem que apreendemos nos diferentes relatos, inclusive no que se segue.

- "... a gente pensa que não é grande coisa... perde-se tudo: vergonha, higiene... fica perdida..." (T. Manuela).

No pátio, expostas sob sol escaldante, suadas, empoeiradas, famintas, permaneceram durante horas. Para que fim? Para novos rituais, além deste em si. Jornalistas e fotógrafos⁷ - todos queriam desfrutar de suas presenças.

O nome:

Mudança? Não. Separação de quem foi, o que foi - perda de sua individualidade. Morria o indivíduo e nascia a "criança". Para tal descaracterização/caracterização, bastava o oficial, de cima de um tablado (posição acima e à frente), anunciar que iriam ser designadas a partir daquele momento, como: Marinheiro ou Guarda Marinha, nº x, nome de guerra⁸. Assim, tem-se não o indivíduo, mas uma massa passível de classificação.

- "... Nós estávamos lá no pátio, e o homem lá na frente falando... Uma confusão, ele lá de cima gritando, nome de guerra, número... Eu nem atendi, me chamaram por Maria, eu fiquei esperando me chamarem... Depois teve uma segunda chamada... Aí foi que me liguei que aquela Maria só podia ser eu... Não tinha nada a ver comigo... Maria é um nome comum e nem passou pela minha cabeça que fosse eu... Mas ninguém me chamava assim... Aí fui reclamar... Ele disse que tudo bem, pois o mais importante era o número... O número é realmente uma coisa meio estranha..." (T. Florinda).

Pré-agregada à nova sociedade, pela nova nomeação, estava garantida em seus direitos e vantagens, deveres e poderes. Tanto assim, que, se de praça passasse a oficial, mudaria novamente o "seu nome"; afinal, são várias as categorias e as sepa-

(7) Voltaremos a estes personagens neste capítulo(III), parte 2.

(8) Nome de guerra: falso nome que em certas circunstâncias se adota para não ser conhecido ou em tempo de paz, designação através do pré-nome ou sobrenome.

rações.

- "Eu queria ficar com o meu nome, meu nome de guerra de quando era praça. Mas eles queriam mudar... disseram que eu tinha que ter sô um⁹, pois agora era oficial." (T. Augusta).

O rancho*

Modificação dos hábitos alimentares, afastamento do passado. Separação não só do grupo de fora, mas dentro do próprio grupo, à medida que a entrada no rancho* se dava por ordem de pelotão (organizados de acordo com a classificação na prova de seleção).

O cabelo:

Por ser o cabelo uma das características significativas no reconhecimento da pessoa, verifica-se que a mudança e/ou corte introduz uma alteração no reconhecimento individual e a nível social.

- "Foi horrível, parecíamos todas iguais ... o meu cabelo ficou todo punk, sem ser moda naquela época ... e se ainda fosse cabelereira, mas barbeiro... ah! foi de mais!" (Sgto Noemi).

Sendo o corte feito por um barbeiro, "a moda à la homem" obtêm-se não só a massificação como também a idéia de es

(9) No caso das praças é comum o uso de dois nomes ou melhor, no me mais um dos sobrenomes. Enquanto que, no caso das Oficiais, utiliza-se normalmente sô um nome.

tar despojada dos direitos anteriores.

- "... barbeiro estava lá, fardado. Ah! aquilo me deixou revoltada... Foi uma maneira de cortar a gente. Dizer que nós não tínhamos privilégios ali, que não seriam abertas exceções. Que a gente teria que se submeter às ordens deles... Foi uma maneira de como é que se diz? Ser agredida, né? Mas eu fiquei quieta, me acomodei." (T. Augusta).

O vestuário:

Retira-se a "roupagem": jóias, bijuterias, roupa civil, enfim, quaisquer características distintivas. Introduz-se

"O uniforme - que torna todos os homens iguais no nível de sua posição. (...) a farda igual e corporifica (...) suas diferenças sendo de grau e não de qualidade." (Da Matta, 1983, p. 47).

Aqui o que se percebe não é muito diferente do ritual anteriormente mencionado. Tendo como agravante o fato de a cada situação (gala, rotina) ou passagem (posição) na vida do sujeito alterar/transmutar o tipo de uniforme bem como seus adereços (insígnias, chapéu, etc.), mantendo-se, contudo, um padrão que é exclusivo da Marinha do Brasil e que, por isso, tem um significado demarcado para aquele grupo e para a sociedade geral.

- "Eu achava horrível... Todo mundo de camisa listradinha. Eu me imaginava presidiária mesmo. Presidiária de televisão... O de educação física até gostava... O que eu detestava mesmo era o caxangã*... agora o quepe de sargento eu até gosto..." (Sgtº Euvira).

Vê-se pois, tratarem-se de "... signos distintivos de papéis sociais específicos, e contextos sociais específicos."

(Leach, op. cit., p. 67).

Todos os rituais até então mencionados se deram num espaço de tempo bastante curto, o que nos faz pensar na necessidade de uma ruptura radical com o mundo de fora, de forma eficaz e eficiente, uma vez que estas pessoas já se encontravam numa situação marginal.

Consideradas impuras e perigosas, no estado inicial em que se encontravam, podiam não só contagiar os demais, como por eles serem contaminadas. Logo, medidas tornaram-se necessárias, de ambos os lados, de forma a purificar/proteger das más influências. Assim, um espaço especial foi recriado especificamente para o evento. Desse modo, não só as iniciadas se prepararam, mas também as autoridades. Os alojamentos foram readaptadados (até então só serviam para homens): aumentaram o número de armários e beliches; os banheiros foram reformados, o pátio tratado.

"... Sô fui com aquela calça... gastei uma grana... a primeira pessoa que eu dei de cara?! O Tenente Crispino foi a minha recepção, pô primeira linha. Seleção não foi só com a gente não, seleção foi com os instrutores também... Achei lindo o passeio, curti pra caramba a Ilha... achei linda. Até disseram que as flores foi só pra nossa ida..." (civil Madalena).

Tem-se, então, não só um espaço segregado — do social (visitas só são permitidas, quando o são, na periferia: antes do porta-lô* que delimita o espaço do sagrado, do proibido, do que não pode ser visto por estranhos ao meio), do próprio grupo (existe uma separação bastante rígida de pelotões, armários, vestiários...); mas também ordenado de forma hierárquica: existe

toda uma separação que distingue espacialmente o próprio grupo (pelotões separados por alojamento); separação dentro de um mesmo alojamento, e separação do grupo de mulheres dos demais grupos (sargentos, oficiais, oficiais superiores, etc.).

A combinação/justaposição dessa série ritual parece-nos apontar, focalizar o aspecto estruturante do papel, marcando identidades sociais, de maneira a coagir e massificar todos os indivíduos, posto que, assim como a farda, têm como função

"... esconderem o seu portador, protegendo o papel desempenhado da pessoa que o desempenha e, ainda, separando o papel que define sua posição no ritual dos outros papéis que desempenha na vida diária." (Da Matta, op. cit., p. 47).

Desta maneira, entendemos o significado desta fase como servindo para efetuar não somente a desagregação, mas também, propiciar a divisão do mundo, de modo a ir vinculando cada indivíduo (anteriormente pessoa) a um determinado papel social, a partir do que, poder-se-á juntar, integrar e massificar, formando um novo grupo. Assim é que um mesmo ritual tanto serve para separar do mundo anterior, como para colocar o sujeito na margem (exposição ao sol); separar e agregar (despersonificação / personificação — nome).

Isto foi possível quando esse ser foi transformado numa matéria bruta que, separada de seu nicho anterior, tornou-se:

- . um ser dependente, já que sem autonomia de locomoção;
- . um ser que perdeu seus direitos e prerrogativas do velho mundo;

- . um ser neutralizado, uma vez que foi retirado da sua rotina;
- . um ser esvaziado, pois que foi isolado da cultura à qual pertencia.

Tendo aberto mão de todos os seus papéis tradicionais, transformado em matéria prima, o ser encontra-se como o feto prestes a nascer, logo no limiar. Ninguém salta da barriga da mãe para o mundo, nem tampouco a cegonha o deixa na porta da casa. O indivíduo para vir ao mundo ou "... *subir na escada social, deve descer a posições mais baixas.*" (Turner, 1974, p. 205). É o que veremos, na parte dois, visitando a Ilha da Fantasia — período de margem.

III.2 - A ILHA DA FANTASIA — O CAOS

- *"Eu não sabia... sabe quando você entra num escuro, a sensação foi semelhante à do dia em que eu fui ter "Iolanda"... que eu fui pra sala de parto sem nenhuma contração... então sabendo que ia dormir e acordar mãe, e ali era aquilo... eu tava indo mas não sabia o que ia acontecer."* (cível Madalena).

Assim como na "Ilha da Fantasia"¹⁰, não importa qual seja o seu sonho; "A Ilha" tem como objetivo propiciar-lhe a realização.

Fantasia é

(10) Ver nota de rodapé, pág. 32.

"'imaginação criadora'. O ser humano encontra-se constantemente submetido a frustrações. Suas necessidades profundas raramente são satisfeitas de modo direto e imediato. Para resolver as tensões resultantes das situações conflitivas, o indivíduo dispõe de inúmeros mecanismos de defesa, cujo valor adaptativo é desigual. Um deles é a fantasia, que consiste em levar inconscientemente a pulsão para o plano imaginário, a fim de obter-lhe a satisfação, de forma simbólica, pela criação de imagens. A fantasia alimenta devaneios, sonhos e certos delírios. É frequente na criança e manifesta-se nos adultos "normais" em consequência de insucessos." (Sillamy, s/d, p. 143, grifo nosso).

Logo, todas as fantasias em relação ao Toten (Marinha) poderão ser vivenciadas, se forem apreendidas enquanto tabu. Para tal demonstração, seguiremos o roteiro do seriado.

III.2.1 - CHEGADA AO DESTINO

Vários são os meios que poderiam conduzir um indivíduo a um determinado lugar. Contudo, por tratar-se do destino dessas mulheres, medidas especiais foram tomadas para garantir a passagem, tal como esperado pelo Toten. Haja vista que destino quer significar:

"Sm.1. Sucessão de fatos que podem ou não ocorrer, que constituem a vida humana, considerados como resultantes de causas independentes de sua vontade; sorte, fado. 2. o futuro. 3. Aplicação, emprego. 4. Lugar aonde se dirige alguém ou algo; direção." (Ferreira, op. cit., p. 159 e 160).

As iniciadas ou sonhadoras trazem consigo uma "mala" de esperanças, expectativas, imaginações, idéias e sentimentos, correlacionados direta ou indiretamente ao destino.

- "Bom, a minha família sempre foi de militares. Então eu acho que já estava até na marca do sangue ser militar, também... Quando surgiu uma oportunidade de ingressar, eu me apresentei como voluntária." (T. Carmosina).
- "... uma coisa diferente, eu não conhecia nada, tinha imagem do que seria o militar, mas não sabia como é que é mulher na Marinha... Vaidade, colocar uma far-da... eu fui assustada, esperando o pior... Sempre achei necessário para a pessoa aprender disciplina, solidariedade, pois mais tarde iria-se construir um lar e teriam essa imagem para passar pros filhos... dar valor à comida, ao que se tem..." (Sgto Socorro).
- "Imaginava que a vida militar era uma vida de disciplina, regra e obediência... ter que acatar ordens, tudo isso. Eu já previa que ia ser assim com rigor. Diferente lá de fora. Militar é militar. Paisano é paisano." (Sgto Catarina).
- "Achei que ia ser uma colônia de férias. Conhecer muita gente, uma coisa diferente." (Sgto Mercedes).
- "Eu tinha a noção de militarismo assim: que as pessoas tinham uma hora certinha para fazer tudo. Tempo para fazer tudo." (T. Florinda).
- "Um emprego garantido..." (Sgto Lucíula).

Na chegada, a recepção, composta pelo suposto anfitrião e toda comitiva — fazem do desembarque um momento único, já que revestido de toda a pompa.

- "Quando eu cheguei lá e a banda tava esperando por nós, aqueles hinos... puxa vida eu cheguei até a me beliscar. Será que isso tá acontecendo mesmo?" (Sgto Catarina).
- "A chegada foi bonita... banda, flores... aqueles uniformes impecáveis, eles aguardando a nossa chegada ... tudo muito, muito bonito." (Sgto Conceição)

Porém, daí para frente, o que se passa tão logo se desfaz a comitiva, não é mais o "sonho sonhado", é o ingresso no "sonho dirigido", onde cada etapa segue um processo não aleató

rio, mas minuciosamente construído, ou melhor, colocado em prática pelo(s) especialista(s) responsável(eis) pelo treinamento, bem como por todos os nativos e intermediários.

III.2.2 - O SONHO DIRIGIDO

Por uma série de artefatos, mecanismos, ou melhor, rituais é engendrada uma seqüência episódica que faz com que as iniciadas mergulhem, cada vez mais profundamente, na vivência. Desta forma, os primeiros comandos têm como objetivo o ingresso na vivência do ser Militar.

Na semi-obscuridade em relação aos personagens envolvidos, as mulheres iniciam uma jornada que é vivenciada como sendo possível graças a "sua aprovação" para ingresso na Marinha. Neste sentido, esta aprovação reveste-se de um "poder mágico" que possibilitará a realização do sonho. Contudo, o que se percebe é que a seqüência lógica, tão almejada e decantada na ciência clássica, assim como na fantasia que tinham em relação ao Totem, nesse processo de vida não existe.

- *"Eu imaginava outra coisa, pra mim foi uma decepção. Pensei que era uma coisa mais organizada... Tentaram passar, mas na realidade não aconteceu, não era nada daquilo."* (Sgto Genoveva).
- *"Eu entrei sonhando... moral e cívica. Pátria acima de tudo... Quando a gente chega, vê que não é nada disso."* (Sgto Georgete).

O que se apreende é uma série de vivências contrárias a uma ordem que é continuamente buscada pelo Ser, numa tentativa de organização espaço-temporal que permita localizá-lo num/

no cosmo. Na ausência dessa ordem as moças vêm-se instaladas de forma definitiva num mundo com múltiplos parâmetros, onde o tempo cronológico deixa de existir, dando primazia a um tempo — atemporal. Aqui o caos se estabelece.

- "Aqueles primeiros dias foram o caos..." (cívil Clarisbela).
- "Foi terrível. Eu nunca passei tanta fome, tanto desespero na minha vida." (T. Augusta).
- "Uma confusão de coisas tão grande... A gente não sabia nem o que estava acontecendo." (Sgto Consuelo).
- "O primeiro dia foi uma loucura, nê? Aquilo tudo desorganizado. Acho que não esperavam a nossa chegada e não sabiam nem o que iam fazer com a gente, nê? Ficava pra lã, pra cã..." (T. Carmosina).

Como entender saltos tão descontínuos, como viver ordem e desordem concomitantemente? Como vivenciar o desconhecido, o novo, o diferente, como se tudo fosse natural? O ser humano "normal" não está preparado para isso. Isso é conflito. Conflito é para os "loucos". Isso é passagem pela zona limiar onde tudo pode e deve acontecer se quiserem transpor os conflitos, ou melhor, atingir objetivos — realizar os sonhos.

Observa-se, porém, que nenhuma das vivências/sentimentos acima relatados poderiam advir sem a existência de uma sequência episódica que colocasse em questão múltiplos rituais os quais ajudam não só a separá-las do velho mundo mas também a irem ingressando num novo. Ou seja, efetuar uma transição onde, naquele momento, não se deixa de "ser" o que se era, nem se deixa de estar no vir a "ser" — na margem.

Passemos então à verificação de alguns ritos que consideramos significativos e que são caracterizados por Van Gennep como cerimoniais que preparam para a aliança.

(A) Exposição ao Sol

"É certo como diz Van Gennep, que as passagens seguem de algum modo um padrão de paradas e movimentos, um movimento quase que cósmico de alternância entre o velho e o novo..." (Da Matta *in* Van Gennep, 1977, p. 20).

- "... Nós ficamos lá no pátio... durante horas, um sol escaldante... e nunca que aquele tenente dizia o meu nome..." (civil Amália).

(B) A Troca de Presentes

"Estas trocas têm eficácia direta, possuem ação coercitiva. Aceitar um presente de alguém significa ligar-se a tal pessoa." (Van Gennep, *op. cit.*, p. 43).

- "Eu gostei do uniforme, mas me sentia diferente... Principalmente porque eu tinha ganho todos ... mas outras não ... Vieram os uniformes com número trocado... algumas foram presenteadas e outras não..." (civil Marieta).

(C) A Saudação

"... Quando se trata de parentes, vizinhos ou membros da tribo renovar e reforçar a relação de pertencer a uma mesma sociedade (...) e quando se trata de um estrangeiro, introduzi-lo em uma sociedade restrita..." (*id. ibid.*, p. 46).

- "... Então lá era pior, porque eles tinham que fazer continência pra gente, a gente tinha que fazer pros sargentos..." (civil Sara).

(D) A Refeição em Comum

"A comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto (...) é claramente um rito de agregação..." (*id. ibid.*, p. 43).

- "... nós chegamos e almoçamos... eu não lembro bem ... estava mos todas juntas... comida horrível... mas nós comemos tudo..." (Cabo Olinda).

Vê-se, pois, que se trata de ritos que, de certa forma, já agregavam o sujeito ao novo grupo.

"Trata-se de um procedimento de transferência mútua da personalidade, tão simples em seu mecanismo quanto o que consiste em se amarrarem juntas as pessoas, ..." (*id. ibid.*, p. 44).

Considera-se ainda, ao longo do processo, o fato de irem criando um espírito de corpo.

- "... eu acho que ali a gente tinha muito de companheirismo... Você é um grupo. O sentimento de coletivo parece que impera ... você acaba sendo o x pelotão ... deixa de ser você pra ser o x pelotão... Você acaba brigando por ele, tudo você defende...". (T. Miracema).

"Os neófitos tendem a criar entre si uma intensa camaradagem e igualitarismo." (Turner, *op.cit.*, p.118).

Por outro lado, se o indivíduo anteriormente foi retirado de seu habitat, necessário se faz um novo ritual para alojá-lo num novo espaço.

- "... chorei que nem uma desgraçada, queria voltar ... porque estava num alojamento sozinha, eram 150, pouco espaço, aquela gritaria. O homem apitando lá fora ... Meu Deus, o que é isso!..." (Sgto Genoveva).

O rito de alojamento resulta numa redução do espaço próprio, pessoal.

- "... Parecia que eu tinha diminuído, sabe?" (Sgto Georgete).

Todavia, por ser o espaço pessoal repleto de conteúdos físicos, psicológicos, sociais, outros rituais são necessários para a demarcação de posições, retificando e ratificando situações vitais na vida de uma pessoa. Quais sejam:

. Se o nome foi retirado - nomina-se, numera-se,... classifica-se:

- "... o cara já começou a gritar: Você é nº 0000, não sei o quê. Aí fui nº 0000, não posso esquecer. Fui repetindo o número até o alojamento, assustada, para não esquecer..." (Sgto Genoveva).

"Eu pensei: ele vai me dar um número pra quê? Quem tem número é presidiário..." (Sgto Georgete).

. Se

"A fala, pelo seu caráter físico e abstrato, interpretativo e manipulador, concentra em si todas as modalidades de formulação e atuação do ser no mundo." (Augras, 1986a, p. 23).

Tolhe-se, pela lei do silêncio — seja no que tange aos horários (22 horas encerram-se as atividades, apagam-se as luzes e o silêncio deve ser mantido), seja também — e principalmente — no que se refere ao conteúdo.

- "... e eu comecei achar aquilo estranho, e eu me lembro de uma vez que chegando lá, na Marambaia, depois de um final de semana, a primeira ordem do dia foi não comentar que aquele acidente do Rio Centro tinha havido. Foi no dia 1º de maio, dia do trabalhador ... eu não aglentei..." (civil Janete).

Introduz-se um novo vocabulário mecanizado e exigido em situações específicas.

- "... e lá na Marinha é aquela coisa de ficar calada, de ficar assim meio alienada... é "positivo", é "negativo", "sargento número tal", "nome Tal" ... era forma de apresentação..." (civil Janete).¹

. Se a condição de mulher era negada a todo momento através dos regulamentos, ou de marcações explicitadas nesse período, ela era trazida à tona pela quantidade de vezes em que era mencionada.

- "... Eles tinham que nos encarar como militares, ... mas nós tínhamos que esquecer que éramos mulheres ... Eu fui saber que tínhamos que ter um tratamento diferente por sermos mulheres... mas esse tratamento jamais poderia ferir a disciplina militar..." (T. Augusta).
- "... eles queriam ... aquele sargento ... que a gente batesse o pé no chão com força... como é que ia ser? ... Nós somos mulheres... Tem que dançar conforme a música..." (Sgto Joaquina).

. Se a semelhança entre homem e mulher era a todo momento sinalizada — concomitantemente se diferenciava quando era apontada.

- "... Você chega num ambiente que só tinha homem, aí eles ficam se coçando na sua frente, falam palavrão ... você entrou num ambiente de homem, você vai ter que se adaptar aos hábitos dos homens... Acho que eles é que

vão ter que se adaptar ... ao invés de falar palavras enormes, vão ter que dizer palavrinhas a que você já está acostumada..." (T. Brígida).

. Se a menstruação implicava para aquelas dispensa da educação física, visto ser um estado perigoso, sujo, impuro, por outro lado apontava a pureza, a limpeza, o poder da mulher de parir, ovular, criar.

- "Quando os instrutores não eram homens eu até falava, mas com eles eu ficava com vergonha... tinha um que eu paquerava... ia falar... que nada!..." (civil Marieta).

. Se a abstinência sexual se impunha — visto círculos hierárquicos diferentes não poderem se misturar e dentro desse grupo só haver mulheres (o que impediria uma relação salutar, segundo a "aparente" visão de mundo da instituição — expulsão de uma "possível" homossexual) — a todo o momento a sexualidade aflorava.

Sargento Cacilda / Civil Madalena

- "... sei que aquela menina foi expulsa por esta razão.
- ... não sei ... acho também que ela era testa de ferro.
- ... nem pra Marinha não dizia nada. Vai dizer que não tem gay?
- ... existia ela, existiam outras. Por que só ela? Na época, a outra garota que com ela andava era conxavo de Almirante. Então quando surgiu a confusão ela inventou um noivado.
- ... o que aconteceu foi o seguinte: foi uma coisa que eu passei e sofri pra caramba. As duas ficavam a noite inteira falando ao lado da minha cama ... eu simplesmente não conseguia dormir. Aí perdi 3 educação física seguidas e fui repreendida. Eu tive que abrir o jogo porque ia ser punida. Aí expliquei ao Tenente "Y"

Ele disse. - Você tem que provar. Você grava, faz alguma coisa. Eu tinha um gravador, então eu procurei gravar a conversa delas duas e foi aí que mostrei a gravação para o tenente. Transando eu não via, porque elas botavam um lençol pendurado, e eu tinha vergonha de olhar.... olha, eu via elas peladas, tomando banho juntas. Elas ficavam se alisando, dando massagem uma na outra. Mas eu escutava cada coisa que vocês não iam acreditar, as indecências que elas falavam uma para outra...

- ... Quer dizer que você dedurou a garota?
- Eu dedurei, mas a intenção não era que elas fossem expulsas da Marinha... Eu queria que elas saíssem pelo menos de perto da minha cama.
- Eu não faria isso..."

Observe-se que, tanto Madalena quanto a sargento Cacilda, tiveram neste mesmo período um relacionamento sexual com oficiais, transgredindo as normas estabelecidas pela instituição, ao mesmo tempo em que apontavam as companheiras. Tudo isto realizado com a cumplicidade de outras autoridades.

Civil Madalena / Pesquisadora

- "... a sargento Fabíola até falou: - cuidado, cuidado com o que vai fazer ... aí passou ... a gente namorou um tempão.

Quem?

- Eu e o tenente Crispino ... o capitão José chegava pra gente e dizia: - Dêem um tempo vocês dois..."

. Se em alguns momentos tornavam as barreiras mais fluidas — por exemplo, com uma saída, não prevista, do local de adaptação — mudavam a data e transferiam-na para a Semana Santa. (Não sem antes o padre lembrar-lhes o significado) "... devotada aos ritos que recriam a paixão e ressurreição de Cristo." (Da Matta, op. cit., p. 41).

- "... A gente ficou uma semana lá... Não, uma semana não, onze dias mais ou menos, foi isso aí. Mandaram a gente só no outro fim de semana para casa. Era Semana Santa. Quase não voltei..." (civil Clarisbela).

. Se as autoridades eram "mais condescendentes" do que com os homens, apontavam-lhes, no entanto, e a todo momento, a responsabilidade que carregavam.

- "... ele sempre mostrou pra gente que ser a primeira turma... vocês têm que estar preparadas pra isso, pra aquilo..." (Sgto Consuelo).

. Se a limpeza era necessária, apontavam, a todo instante, a sujeira, não oferecendo tempo para a limpeza necessária.

- "... e corre, corre para tomar banho... não dava tempo... cheguei dentro da aula de nataçãõ minha nossa se nhora!... e depois mais banho, mais limpeza..." (Sgto Georgete).

Após analisarmos a significação desses rituais, bem como a incidência nos relatos, sentimo-nos seguros para afirmar que esses e outros cerimoniais que, num primeiro momento, pareciam-nos contraditórios, incoerentes, explicitaram-se à medida que apreendemos estar envolvida a superestimação do corpo. Neste sentido, mais do que um cuidado com a higiene, percebe-se claramente que o que está em jogo é o respeito por regras (não das mulheres), corpo de idéias (e físico) que estipula limites, tolhe o indivíduo em seus gestos e movimentos, fazendo-os sentir como se nada possuíssem a não ser vazio (ver relato T. Augusta, p. 71). Dessa forma, as mulheres vão deixando fluir

seu comportamento, que é "... normalmente passivo e humilde. De vem, implicitamente, obedecer aos instrutores e aceitar punições arbitrárias, sem queixa." (Turner, op. cit., p. 118).

- "... meu pai era militar... então já sabia alguma coisa. Eu só achava assim meio estranho esse negócio de superior ter sempre razão... mesmo que fosse uma coisa absurda. Mas sei lá... Na época eu queria ver como é que era e fui ficando, abaixando a cabeça..." (civil Sara).

Trata-se de medidas arbitrárias que fazem com que a "sujeira" possa ofender a ordem e por isso há necessidade constante de purificação, refazendo a organização do mundo. Todavia, não sendo um sistema linear e sim dialético, de ordem / desordem, da confrontação de opostos, coloca-se que, assim como a menstruação, que expõe à vista a poluição sexual — o que tem de ser separado e unido, posto que compreendido por todos — a sexualidade e os demais ritos experienciados nesse período — significam na verdade — "... vivenciar a dupla situação de complementaridade e separação." (Augras, 1986a, p. 45).

E assim, seres, diferentes quanto à educação, cultura, potenciais físicos, acadêmicos, psicológicos... são vistos como iguais. Portanto, o grupo em questão pode ser percebido como uma massa, em quem se pode incutir que a saída na Semana Santa é mera coincidência ou um esforço concentrado para que elas "possam matar as saudades"; que o curso é desorganizado somente por ser o primeiro e por eles não saberem ainda lidar com mulheres. Insinua-se que, não tendo possibilidade (tempo, disposição, iniciativa...) de pensar, não se dão conta de que os ritos habilmente construídos "... escondem e revelam, servem para

iludir ou clarificar." (Da Matta, *op. cit.*, p. 60). Enfim chamam a atenção para as regras, para as posições ... para a ratificação do tabu, através das transgressões, punições e reparações.

É importante frisar que estes foram alguns dos rituais mencionados e que, por impossibilidade acadêmica, cansaço dos leitores e/ou limitações da pesquisadora, não os narramos em sua totalidade. Mas grifamos a multiplicidade de situações ocorrentes que perfazem esse momento, preenchendo-o com aulas de educação física, natação, ordem unida, de regulamentos, primeiros socorros, manuseio de armas; uma série de vivências que fazem emergir sentimentos/situações como as que passamos a reproduzir, com fins a dar voz às iniciadas, e por conseguinte marcar o que apreendemos como margem — caos, conflito, angústia...

Civil Clarisbela / Pesquisadora

- "... No dia em que cheguei no inferno daquela barca que parecia um... parecia tudo, menos um transporte... atravessar aquele mar, Deus me livre!

Como você se sentiu?

- Me senti horrível, foi um medo... sei lá, ficar longe de casa... achei que não ia gostar... Aquela menina, aquela que casou com o sargento X, ela dizia que íamos ter que cortar o cabelo... Eu tinha cabelo comprido, aí ficou todo mundo naquele trauma, naquele suspense ... Aí a gente chegou lá, aquele inferno, carregando aquela mala grande, andando naquela areia. Graças a Deus eu fui de tênis e a mulherada lá andando de sapato alto... Eu não estava acreditando no que estava vendo, onde eu estava, eu não acreditava que aquilo estivesse acontecendo comigo.

Como assim?

- Sei lá. Eu tava achando aquilo muito sacrifício assim pra eu... eu queria... 1º dia, 1º dia a gente chegou,

aquela comida horrorosa, podre ainda por cima. Aquele pessoal que não sabia o que fazer com a gente. Era um tal de dar ordem, contra ordem... E aquele bando de, daquelas mulheres de polícia... Mais doidas do que nunca. Aquela loucura toda... E dava n? disso, você é o n? tal, você é a mais antiga.

E quando deram o seu número?

- Não, normal. Isso aí eu não... papai já era militar e eu já conhecia um pouco... Não conhecia da selva que era aquilo lá, lá dentro... Eu já conhecia, nada me assustava... Mas eu estava assim, tava muito anestesia da ainda, não deu para sentir... Eu fui sentir mesmo na hora em que fui dormir, porque aí começou aquela choradeira geral no alojamento e eu, junto, chorava pra caramba.

E depois...

- Depois o corte de cabelo, aquilo tava me deixando em suspense... Eu tinha o cabelo comprido, nunca tinha cortado, foi o caos pra mim, mas aí tudo bem... A gente ficou uma semana lá... Não, uma semana não, onze dias mais ou menos, foi isso aí. Mandaram a gente no fim de semana para casa. Era Semana Santa. Quase não voltei.

Mesmo?

- Já no primeiro dia eu quis... consegui telefonar para casa; fui eu e um bando de meninas reclamar que queria sair... E falei pro papai... pai vem me buscar, eu quero ir embora. Era muito criança mesmo... Mas tinha um tenente lá do lado, o fulano me convencendo a não sair: que nada, é o primeiro impacto. Aqueles primeiros dias pra mim foram o caos. A gente chorando, aí um puxava o outro... aquele padre... capelão... ele vinha conversar com a gente, aí o pessoal se desmanchava em choro. Era tudo aquilo, a gente lidar com ... a gente sair de casa e vai lidar com pessoal... Todo mundo com criação diferente... Até hoje ficou tão marcado o negócio na Marambaia... Eu estive em Saguarema há pouco tempo ... a gente andando, senti o cheiro de estrume com terra. Lembrei da Marambaia no ato... a gente tava acostumado da a marchar naquele cheiro... Até hoje ficou marcado... era um querendo pisar o outro. Aquelas sargentes da polícia feminina, qualquer coisinha davam aqueles brados, escandalos : Vocês jogaram modess não sei onde, deixaram calcinha não sei onde!

E o que você sentia?

- Ah! Eu achava até graça daquela mulherada, então daquela sapatão, da Gertrudes, achava graça, tanto que eu vivia alheia. muita coisa só soube depois que saí da Marambaia.

O que mais te incomodou?

- Serviço me incomodava horrores... Não gosto nem de lembrar, até hoje sonho com serviço... era uma morte pra mim.

Teve algum ganho?

- Sô se foi experiência de vida, assim mesmo desagradável...

O que significou no todo, Marinha?

- Marinha foi uma passagem de vida, sei lá, uma lição de vida, sei lá, uma parte de minha vida. Eu amadureci muito e apanhei pra caramba lá dentro.."

Tenente Carmosina / Pesquisadora

- "No primeiro dia foi uma loucura nê, aquilo tudo desorganizado...

Como você se sentiu?

- Me senti assim uma mala. Uma mala é uma coisa que você joga lá, entendeu? E vamos ver onde é que eu vou colocar. Fiquei assim, chateada...

Por que?

- Pela, vamos dizer assim, discriminação que faziam Uma entrevista que teve para saber quais os parentes que você tinha, oficiais, oficiais-generais... Aquilo foi terrível, quer dizer, praticamente quis mostrar o quê? Quem tinha algum conhecimento, tudo bem. Quem não tinha, ficava largada às traças. Eu achei muito negativo, discordo muito disso, então eu não aceitei, mas me adaptei, nê?... Desde os 12 anos que eu vivo — vivi, nê? — num colégio interno, porque eu quis, entendeu, por causa da experiência... Então, quando cheguei na Marambaia, aquilo ali pra mim não era novidade nenhuma. Agora, claro que eu esperava uma outra coisa, nê? Aquela organização que teve um pouco, mas muito depois, nê?

Como foi a vivência na Marambaia?

- Foi tranqüila, acho que por isso que eu nem... aquilo ali passou como um rio.."

Tenente Augusta / Pesquisadora

- "... Eu tinha uma tendência fácil a me adaptar às coisas, sabe? Eu achei que, se eu estava ali, é porque eu tinha optado por estar. Aquilo ali era só um período que ia passar. ... Ah, isso faz tanto tempo, tanto tempo. Eu achava que nunca ia decorar aquele número,

nunca... A gente passou a ser um número. É o tal do 21 ... Nem lembro mais o número que eu era. xx, é. Eu acho que eu era xx. A gente, que estava acostumada a ser identificada pelo nome nê, passa a ser um número. Até hoje nós somos um número, nê? Hoje em dia você é identificada pelo número. O teu nome pode ser confundido.

Isso causou alguma sensação?

- Ah, massificação. Todo mundo era igual, ninguém era diferente. Todos nós éramos iguais. Ninguém era diferente. E isso era uma limitação pra gente. Ninguém entendia a limitação da gente, nê? Eles... geralmente ... algumas se saíram bem, outras se saíram mal. Outras até desistiram, nê? Ser um número, eu não gostava. Nem na escola, quando me chamavam pelo número, eu não gostava, imagine lá, nê? Tanto que eu nem gravei o meu da primeira vez. Eu não entendi. Eu peguei o talher, porque eu estava com fome e fui almoçar. Depois eu fui descobrir qual era o meu número, porque naquela época era tudo tão novo... Tinha até receio, nê? Então, na hora que aquele homem lá falou não sei o que, eu não gravei, não gravei. Simplesmente peguei o talher e fui embora, nê? Depois eu descubro, pensei assim comigo. Não vou nem perguntar de novo, senão eles vão brigar comigo... Tinha vários grupos, dentro daquele nosso grupo... eu acho que a gente estava ali no mesmo local, a gente precisava umas das outras, bem mesmo. Então, nós tínhamos de nos unir contra eles, nê? Porque éramos nós contra eles. E isso nós não fizemos.

Você percebia como uma batalha, é isso?

- Era uma guerra, aquilo lá, todo dia. Acorda, acorda, corre, escova os dentes, tem um minuto pra trocar de roupa. E um minuto dá pra trocar de roupa? Meu armário parecia uma zona. Tirava o maiô, aquele maiô de banho, tirava a calça jeans, no final da noite é que a gente ia arrumar tudo. Simplesmente eu não tinha tempo pra pensar em nada, entendeu? A preocupação era fazer tudo aquilo ali, dentro daquele tempo. A gente não tinha tempo pra ficar pensando em outras coisas. Só quando deitava a cabeça no travesseiro é que a gente ia pensar, mas aí o corpo já estava cansado, eu queria dormir. Aquilo ali foi uma forma de alienar a gente. Eles colocaram a gente na linha.

Você estava dizendo que "não conseguimos... ?

- Nos unirmos? Foi difícil. Dentro de um grupo, dividiram em pelotões e dentro daquele pelotão existiam vários grupos... Simplesmente convivía com elas. Só por que o tempo vai passar, nê. O tempo vai passar. Esse

era o nosso maior pensamento. Era isso que fazia a gente continuar...

Mas, como é que você se sentia?

- A primeira noite pra mim foi horrível. Nossa! Eu não conhecia ninguém... Eu não sei quem chegou perto de mim pra conversar. Não sei. Não me lembro quem foi a pessoa. A gente começou a conversar até dar a hora de dormir, sabe? Mas eu lembro que eu até chorei. Só chorei depois que cortaram o meu cabelo.

E como é que foi isso?

- Ah! Olha, até hoje... cortar cabelo, pra mim, até hoje é um sacrifício.

E mesmo?

- Não adianta. Eu chego lá, parece que eu estou num abatedouro. O cara: "toc, toc, toc"... "Ficou bom?" E. Ficou, nê. Tudo bem.

E como é que você se sentiu nessa hora?

- Ah! eu me senti tão mal. Meu Deus! Eu me senti enganada. Ainda mais quando chegou a hora do rancho*, que nós fomos ranchar, o bendito do cabelereiro estava lá, fardado, sentado na mesa comendo. Ah! Aquilo ali me deixou revoltada. Que necessidade havia?

Como é que você entendeu isso?

- Foi uma maneira de cortar a gente. Dizer que nós não teríamos privilégios ali, que não seriam abertas exceções. Que a gente teria que se submeter às ordens deles. A gente aceitou, de uma certa maneira. Eu acho que, na época, era aquilo, entendeu? Pra mim aquilo também... Não foi ... Aquilo ali me frustrou, porque eu não queria cortar o cabelo. Foi uma maneira de, como é que se diz, ser agredida, nê? Mas eu fiquei quieta, me acomodei... na verdade nós não éramos esperadas. Nós caímos na Marambaia. Ficamos lá uns quatro ou cinco meses... Ter entrado naquela época, pra mim, contava muito. Contava o sonho, contava o aspecto financeiro, entendeu? Contava até uma satisfação pessoal, porque eu nunca tinha me afastado de casa, eu nunca tinha convivido com tantas pessoas diferentes, eu nunca tinha passado por tantas coisas difíceis. Então, pra mim, aquela época foi assim... Me revirou toda. Eu, como pessoa, me revirou toda. Eu achei que passar por aquilo, foi importante pra mim. Eu cresci.

O que revirou?

- Ah! Revirou outra Augusta. Eu cresci como pessoa, eu passei a ser mais segura, a encarar as pessoas, sabe? Eu passei a ter coragem de falar assim: Amanhã eu vou em tal lugar... Então, a partir daquele dia eu senti que eu podia encarar as pessoas, eu tinha passado muitas dificuldades. Então eu agora posso tudo.

Você acha que isso foi propiciado pela vivência na Marambaia?

- É, foi. Foi uma oportunidade que eu tive de provar a mim mesma que eu conseguiria viver longe da família, sem a ajuda de ninguém... Pra mim, foi uma forma de crescer. Eu tinha que aproveitar tudo. Transformar aquilo em lucro pra mim, não em prejuízo. Eu sei que a gente passou por muitas violências lá. Físicas, mentais. Quando a gente saiu de lá, eu me sentia vazia... como se tivessem me sugado... Eu tinha me submetido tanto, a tantas provas... Provas é muito forte, é muito cruel. Tinha me submetido a tantas situações difíceis que eu tinha deixado me levar. Eu fui indo, sabe. Sabe aquela coisa, vai passar, vai passar... Quando acabou aquilo tudo, eu estava cansada.

Foi difícil se readaptar à vida lá fora?

- Foi, eu achei que foi. Nós ficamos muito tempo isoladas. Eu achei que foi muito difícil. Eu acho que eu mudei. Mudei, mudei muito... Mudei porque eu me sentia diferente dos outros. Eu não me sentia mais aquela garota que saía na rua, assim anônima.

Seria uma mudança em curto espaço de tempo?

- É. Eu me sentia mais velha.

É mesmo?

- É. Parece que tinha um peso, sabe? Eu carregava aquela responsabilidade. Você é militar, vocês são pioneiras, vocês têm que dar o exemplo, vocês têm que não sei o quê... Os homens vão rejeitar vocês, mas vocês têm que ser superiores a isso, sabe? Se posicionar. Tudo isso foi jogado em cima da gente, e eu era ainda muito imatura pra tudo isso... Se eu tivesse de servir, eu não sorria pra ninguém. Eu era simplesmente educada, sabe? As pessoas me chamavam de Caxias. E eu era, sabe, porque aquilo tudo me deixou um pouquinho alienada, pode-se dizer. Eu era assim, militar exemplar, exemplar. Nossa! Ninguém tinha o que falar de

mim, porque era uma maneira de eu me preservar. Eu me protegia com aquilo. Eu não deixava que ninguém me alcançasse. Porque era isso que eu pensava: já que eu estou aqui, eu não vou deixar que ninguém, por uma besteira, uma coisa, venha e estrague tudo aquilo que eu construí, entendeu? Porque era isso que gerava. Até hoje o que gera um militar é essa coação do mais antigo, "Vou te botar no livro". Essa punição. E isso, onde eu fui trabalhar, era muito forte, muito forte." (Sgto Cacilda).

- "... Era a desorganização. Era muita insegurança da parte deles, eles transmitiam isso pra gente... era ser militar pela primeira vez, foi negativo e está sendo até hoje porque a gente está recebendo as consequências. Nós somos vítimas e cobaias o tempo todo. Nós não passamos de um teste, de uma experiência. Vamos ver se dá certo, por acaso tá dando... É essa coisa de rigidez, hora certa, ter que baixar a cabeça: do oficial dar ordem e você ter que cumprir ... isso não se encaixa em mim. Isso eu acho que vai ser minha briga o resto da vida, se eu continuar na Marinha. Devo pegar algumas cadeias. Responder sim e depois ponderar ... isso não dá e, é aí que eu choco com a Marinha, talvez a grande maioria, porque você deixa de ser você e; eu tenho esse lado meu muito forte... Eu fico angustia da porque fico dividida, eu quero falar porque eu quero ser eu, mas eu não posso porque eu também sou militar. Se eu for eu agora, eu vou pegar uma punição, vai pra minha caderneta* e isso é ruim em termos de promoção. Aí eu tenho que deixar de ser eu pra ser o Sgto Cacilda, que baixa a cabeça..." (Sgto Cacilda).

Tenente Dalila / Pesquisadora

- "... Foi uma experiência boa o curso de adaptação, eu gostei muito, principalmente por causa das amigas que a gente faz lá. Foram quase cinco meses. Olha, eu gostei. Apesar dos pesares, né, que você sempre encontra pessoas que você acha que estão te prejudicando, que querem o seu mal... o caso dos instrutores, né? Mas depois que você sai de lá, você vê que isso tudo é necessário pra formação militar, na disciplina, e que o cara só está fazendo o papel dele mesmo... O pior período da vida militar é esse período de formação, de adaptação, né? Porque é exigido muito, toda hora...

Mas é em função de quê? Da rigidez que você diz?

- Exatamente, da rigidez, porque o resto... a mulher já é mais disciplinada do que o homem, a mulher já é mais fácil de se adaptar do que o homem...

A partir de quando você começou a se sentir militar?

- *Me sentir militar? Eu acho que eu nunca me senti militar."*

III.2.3 - SENTIMENTO SENTIDO

Tal como é trabalhado em Carl Rogers (1987), o sentimento advém da experiencição, pois que somente ela permite total compreensão e possibilidade de mudança.

- *"No primeiro dia a gente foi como cego em tiroteio. Cansei de vir aqui no 1º Distrito e pedir informações às garotas. Mas elas não diziam, ou melhor, diziam que são eu experimentando. Hoje, eu entendo o porquê. Se me pedissem para explicar como é o curso, não dá para ser explicado, tem que ser sentido. Cada pessoa sente de uma maneira diferente." (Cabo Marialva).*

Como no seriado, as fantasias são as mais diversas, porém a estrutura é uma só. Isto é, no primeiro momento, os hóspedes ou iniciados são instalados, mantidos em isolamento e estabelecem um curto diálogo com o anfitrião. Ao levantarem questões como: - O que farão neste lugar? O que virá a seguir? Poderá sua fantasia ser realizada? Será isso que estão vivendo verdadeiro...? - Obtêm como resposta: Quem sabe? Talvez. Depende de você...

A partir daí cada uma das pessoas começa a viver a sua própria fantasia de uma forma meio mágica, tendo em conta as não respostas do anfitrião e nenhuma separação conhecida, familiar que demarcasse, "normalmente", o início da fantasia.

- "Chorei que nem uma desgraçada. Queria voltar... sabe lá, tá num alojamento sozinha... no meio de 100, 150... Meu Deus o que é isso? O que mais marcou foi a solidão, o isolamento." (Sgto Gonoveva).
- "No primeiro dia estava me sentindo sozinha, não conhecia ninguém..." (Sgto Mercedes).
- "Uma confusão de coisas tão grande ... a gente não sabia mesmo o que estava acontecendo. Eu me senti... é novidade, você acha todo mundo estranho, mas não sabe nem o que está acontecendo..." (Sgto Consuelo).

Com o sentimento de não estar aqui e nem lá, ou seja, numa ambivalência existencial, já que inseridas tanto lá como aqui, origina-se a sensação de estranheza e todas as suas possíveis derivações.

- "Acho que foi medo, por isso chorava tanto. Não era assim que tinha imaginado... ficou esquisito, medo, incerteza, sei lá... aquela confusão,... senti falta dos meus..." (Sgto Florisbela).
- "Tudo era novidade, você fica meio assustada com a forma de tratamento..." (Sgto Mirayl).
- "Eu sentia angústia, solidão, depressão... mas vai muito da estrutura, do ideal de cada um..." (Tenente Creusa).
- "Era tudo muito, muito estranho, me sentindo sozinha..." (Sgto Mercedes).
- "Pô, foi me dando um medo, um desespero... passei a noite toda divagando..." (Sgto Cacilda).
- "Ah! eu me sentia muito triste, perdida ... estranha..." (Sgto Luciula).

Desamparo, medo, solidão, novidade, surpresa, as palavras constantes nos relatos, o que nos levou a verificar mais de perto o que significa estranho. Assim, buscou-se através da análise realizada por Freud, a possibilidade de apreender não só o significado da palavra, mas a hermenêutica do processo. A

própria expressão contém um sentido ambíguo que nos remete a idéias opostas, mas não necessariamente contraditórias. Se, por um lado, temos o íntimo, amigavelmente confortável, seguro, tranquilo, familiar, por outro temos o misterioso, sobrenatural, que desperta medo, terror.

"... estranho é tudo aquilo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio a luz." (Schelling, in Freud, vol. XVII, p. 281).

Decorre, então, não ser antagônicas, como nos parecia à primeira vista, a gama de sentimentos "contraditórios" emergentes nos relatos, pois através dos diversos ritos de margem o "treinador", dotado de poder especial, obtinha o controle das emoções (seja quanto a recalçá-las, deixá-las emergirem em outras direções, determinar as frequências, etc.) através de um mesmo material, isto é, a pessoa e suas fantasias. Por outro lado, quando surgia uma remota possibilidade de distinção entre fantasia e realidade, outro mecanismo intervinha, mostrando uma nova regra que, de certa forma, alterava a anterior, camuflando a verdade. E novamente sujeitos a manipulações, quando uma luz deixava vislumbrar o truque (tarde demais!...) a "Ilha" já havia atingido seu objetivo — levá-las à compreensão e à aceitação do "real".

Contudo, o que se pode observar é tratar-se de uma aceitação que não é "positiva e incondicional" (Rogers, 1987) haja vista o sentimento de indignação, insatisfação, rancor derivado da fraude.

- "... olhe, eu esperava lidar com pessoas mais honestas, mais sinceras, realmente mais militarizadas ... e não aconteceu isso de encontrar, e não aconteceu nada disso. Aqui a gente vê muita falcatrua, muita falsidade... e fico um pouco decepcionada..." (Tenente Carmosina)
- "... eu imaginava outra coisa, pra mim foi uma decepção..." (Sgto Genoveva).

Vê-se pois, uma nova ambivalência, agora de forma muito mais generalizada, posto não envolver sentimento ligados a somente uma situação mas ao seu "sonho total". A ambivalência se dá em relação ao próprio Toten - Marinha - e suas leis, daí a necessidade dos tabus para proteger a todos - Marinha, Mulher e leis, que, de forma contrária, não resistiriam, fosse porque "Ela" não se manteria como Toten; fosse porque, se demonstrado sentimentos profanos em relação a "Ela", as iniciadas seriam vistas como inadequadas, ou desistiriam de adorar o Toten. Logo, só lhes resta serem humildes e demonstrarem afeição ao "objeto" adorado, para a realização da fantasia.

Assim, podemos dizer tratar-se de um sistema etnocêntrico, tendo em conta que

"no plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensar a diferença, no plano afetivo, como sentimento de estranheza, medo, hostilidade." (Rocha, 1985, p. 7);

onde percebe-se o dual formado pelo grupo do eu e o grupo do outro, ambos se estranhando e se defendendo, com receio de pensar a diferença "... a diferença é ameaçadora porque fere a nossa própria identidade cultural." (*id. ibid.*, p. 9) e, por conseguinte, a igualdade do "nosso grupo".

III.2.4 - ANTECIPAÇÃO DO RETORNO: "QUE SONHO LOUCO!"

Seguindo o nosso roteiro, deparamo-nos com um personagem, que, a certa altura da vivência, expressa o sentimento da seguinte forma: "Que fantasia maluca!" Paralelamente, em nossa Ilha da Fantasia, verifica-se que um dos sentimentos mais enfatizados, não só se assemelha a esse, como em algumas passagens é ele-mesmo.

- "... aquilo ali era demais ... então a gente procurava levar sempre na brincadeira, determinadas coisas, nê? Era loucura... fugindo um pouco da realidade, sei lá, brincando... fantasiando as coisas..." (Sgto Gumercinda).
- "... Marambaia! Acho que aquilo é tipo lavagem cerebral, porque é uma coisa de louco. Não sei, a gente perde um monte de coisa. Perde a vergonha, higiene, sei lá... quis esquecer..." (Tenente Manuela).

Isto nos leva a pensar na própria estrutura cósmica, ou seja, o universo composto por ordem e desordem; logo, composto por coisas que são permitidas e outras que são proibidas. Contudo, como conviver com situações em que temos a sensação de termos sido frustrados em coisas que eram/são tão importantes para a nossa visão de mundo, para o nosso jeito de ser? Como compreender a vivência nesse estado de transição em que não se é uma coisa, nem outra, protegido e profano?

Tudo é proibido, ou melhor, é não-permitido: Não é permitido passar por uma autoridade e não prestar continência. Não é permitido usar expressões que não aquelas "ensinadas". Não é permitido afastar-se do curso por mais de tantos dias. Não é permitido se apresentar pelo nome. Não é permitido misturar-se com

peessoas de outros círculos. Não é permitido se permitir.

Enfim, não é permitido tudo que contrarie a ordem, a hierarquia, os regulamentos, as regras do jogo, pois

- "... vocês devem lembrar que são mas não são, ou melhor, sô virão a ser quando da conclusão do curso." (cível Laura).

Esse é um estado perigoso, que deve ser

"... controlado por um ritual que precisamente a separa do velho status, a segrega por um tempo e, então publicamente declara seu ingresso no novo status..." (Douglas, 1976, p. 119/120).

Desta forma, com medidas de coerção, rituais autoritários, resguarda-se a ordem ideal. Por conseguinte,

"... os preceitos positivos e negativos são mantidos por serem eficazes e não meramente expressivos: observá-los traz prosperidade, infringi-los traz perigo." (*id. ibid.*, p. 67).

A bem da verdade, até encontramos iniciadas que vão ao encontro do exposto por Freud, ao dizer: "Tudo é proibido; eles não têm nenhuma idéia do porquê e não ocorre levantar a questão." (Vol. XIII, p. 41). Porém, segundo o texto de Freud,

"... não existe nada que mais gostassem de fazer do que violá-los, mas temem fazê-lo; temem precisamente por que gostariam, e o medo é mais forte que o desejo (...). Se a violação não fosse vingada pelos outros membros, eles se dariam conta de desejar agir da mesma maneira que o transgressor. (...) a violação de certas proibições tabus constitui um perigo social que deve ser punido ou expiado por todos os membros da comunidade,

se é que não desejam sofrer danos." (id. ibid., p. 51 e 53).

- "... a única hora que eu gostava mesmo era a hora da bandeira, porque era a hora que tinha silêncio... se bem que o pelotão, o pelotão não, uma pessoa num dia começou a rir e deu a maior bronca... fomos todas punidas... a outra hora que mais gostei foi quando acabou." (Tenente Florinda).

O que fazer em relação a dois sentimentos tão fortes e tão opostos?

Resignação, sacrifício... esse é o preço do céu.

"... as pessoas descrevem seu sacrifício é de que as oferendas, são presentes, tributos ou agradecimentos aos deuses. Tais atos são uma expressão do princípio da reciprocidade. Ao se dar um presente aos deuses estes são compelidos a retribuírem com benefícios para os homens." (Leach, op.cit., p.101).

- "... número, alojamento, rancho... eu acho que você tinha que ter, dar uma dose de sacrifício pra passar por aquilo... eu via como uma etapa... mas eu me adequava até bem... então eu acho que a gente não pode levar as coisas a uso de faca, né?... Era ver como é que era, porque aquilo era um curso. Depois..." (Tenente Noêmia).
- "... Eu sentia solidão, angústia e depressão, mas vai muito da estrutura, do ideal de cada um... Como sempre, tive meus objetivos, sabia que aquilo era passagem..." (Tenente Creuza).

Fácil fica compreender, até aqui, a lógica da violação do tabu e as conseqüentes punições. No entanto, verifica-se que a loucura, o caos, a estranheza emergem de forma mais significativa quando da suspensão desta mesma lógica. Neste momento a magnitude do fenômeno se expressa. Poder ou não poder, ser ou não ser permitido — proibido ... Para quem? Em que momentos?

- "... umas tinham tratamento melhor... porque mulher é mulher em qualquer lugar... quem tinha relacionamento com os homens..." (Sgto Gumerinda).

Neste exemplo, temos a quebra de um dos principais regulamentos, isto é, a permeabilidade entre círculos diferentes, trazendo à tona um dos maiores tabus de todas as instituições — a sexualidade.

Vê-se então que os tabus, bem como a sua violação, dizem respeito tanto aos fracos e oprimidos, quanto aos deuses e poderosos. O que nos leva a pensar que, sem desprezar a veracidade de afirmações como:

- "É como lá fora, quando se junta homem com mulher, já viu nê..." (Sgto Mirayl);

ou ainda

- "Eles não sabem lidar com mulheres, são muito incoerentes..." (Sgto Euvira);

acreditamos estar envolvido algo muito maior que incoerência, despreparo. Ou seja, o desejo de que as violações ocorram com bastante frequência e quantidade, demarcando então que homens e mulheres são concomitantemente semelhantes e diferentes, e mais: que "a justiça da comunidade então passa a exprimir graus desiguais de poder nela vigentes." (Freud, vol. XXII, p. 248). Se num dado momento for eficaz a quebra do tabu, importante faz-se explicar que isto não é direito de todos, mas daqueles que a "autoridade" julgar útil para o seu fim.

Recordamos que jornalistas e repórteres puderam entrar num lugar sagrado, já que destinado somente aos "Deuses" e às que se propuseram à iniciação. Assim, se parte de um segredo pode ser revelado (parte, pois não foi permitida a permanência durante todo o curso, mas somente nos momentos e horas previamente marcados pela autoridade) imaginamos que este destinou-se a demarcar o poder desta Força Armada, através de um processo iniciático, até então inexistente, e que necessariamente deveria ficar registrado na história.

- "... aquela reportagem da Globo... parecia que eu era um bicho no zoológico... me senti muito esquisita ... Mas eles tinham que registrar, né?... Era a primeira turma..." (Sgto Florisbela).

Obviamente, todo o aparato de estimulação à quebra dos tabus se dá de forma muito sutil, já que a primazia da mensagem é: todos são iguais perante a lei — assim dizem as autoridades — e portanto

"... o comportamento agressivo demonstrado por candidatos a um "status" mais alto, embora se encontre com frequência, tende a ser abafado e reprimido; afinal de contas, o candidato "está se elevando" simbolicamente, e, terminado o ritual, gozará de maiores privilégios e direitos do que até então." (Turner, op. cit., p. 212).

Todavia, acredita-se que a tentativa de abafá-los, reprimá-los não passa de uma brincadeira, por sinal bastante infantil, do "fazer de conta". Com isso obtém-se o reforço do princípio hierárquico, que reafirma os limites dos papéis sociais, dramáticos e individuais. Estes, essencialmente distintos, e ainda similares, compõem o processo dialético da vida. O Homem e a Mu

lher, a existência, não existe um sem o outro e vice-versa; não existe dinâmica sem ambigüidade, não existe ambigüidade que não descreva um tabu.

Vejamos o que diz Augras sobre o tema:

"Conjugando instinto (animalidade) com pensamento (humanidade), o caçador situa-se no ponto exato de articulação entre natureza e cultura.

Do mesmo modo, a mulher do caçador move-se em duplo nível de existência. Compartilha a vida do caçador, mas é-lhe vedada a participação nas atividades de caça." (1989, p. 31).

Da mesma forma se dá a criação e o acesso no CORPO AUXILIAR FEMININO DA RESERVA DA MARINHA.

1. Corpo

"1. A parte central ou a principal de um edifício; 2. A substância física, ou a estrutura de cada Homem ou animal (...); 6. Conjunto de militares que constitui uma arma especial; 7. estrutura, contextura." (Ferreira, op. cit., p. 128).

2. Auxiliar

"Que ou quem auxilia. Prestar auxílio a; socorrer, ajudar." (id. ibid., p. 50).

3. Feminino

"1. Relativo ao sexo caracterizado pelo ovário nos animais e nas plantas; 2. Feminil." (id. ibid., p. 218).

4. Reserva

"1. Ato ou efeito de reservar(-se); 2. Aquilo que se guarda ou reserva para circunstâncias imprevistas; 3. Grupo de cidadãos que cumpriram os requisitos legais do serviço militar, mas ficaram sujeitos a incorporar-se às fileiras, se necessário; 4. Parque florestal que serve para assegurar a conservação das espécies animal e vegetal; 5. Retraimento, recato (...); 7. Atleta que substitui o efetivo quando necessário (id. ibid., p. 415).

5. Marinha

"1. Praia, margem, beira-mar (...); 3. Forças Navais ou navios de guerra com sua equipagem." (id. ibid., p. 307).

Com isso vemos demonstrado que faz parte de dois mundos — o da Natureza e o da Cultura. Capaz de sintetizar opostos (rua e casa, mundo interno e externo), ela é, queira ou não, marginal por excelência.

"No caso do caçador, que precisa ao mesmo tempo fundir-se com a natureza e dela se destacar para dominá-la, a mulher aparece como encarnação dessa dupla necessidade." (Augrās, 1989, p. 31).

Daí, dever ser a mulher objeto de uma infinidade de tabus e/ou de regulamentos para resguardar o homem do seu domínio.

"Decreto nº 85238, de 7 de outubro de 1980.

Parágrafo 1º, do Artigo 1º, Capítulo 1.

O Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha destina-se a suprir a Marinha com Oficiais e Praças da Reserva para o exercício de funções técnicas e administrativas em Organizações Militares (OM), em terra, mediante convocação para o Serviço Ativo.

Artigo 5º e 6º - Capítulo 2.

Art. 5º - O QAF0 será constituído por Oficiais dos seguintes postos:

- . Capitão-de-Fragata;
- . Capitão de Corveta;
- . Capitão-Tenente;
- Primeiro-Tenente; e
- Segundo-Tenente.

Art. 6º - O QAF0* será constituído por Praças das seguintes graduações:

- Suboficial;
- Primeiro-Sargento;
- Segundo-Sargento;
- Terceiro-Sargento; e
- Cabo.

OBS.: Assemelhadas aos militares homens (segundo Lei nº 7622 de 9 de outubro de 1987)¹¹ sofrem ainda assim restrições/diferenciações quanto aos postos e graduações que podem atingir. (Ver nota sobre o movimento - anexo).

Inciso III do Artigo 12 - Seção I

- Possuir certificado ou diploma de técnico registrado, de conformidade com a legislação federal específica; e...

OBS.: Para os homens, a exigência de formação específica não existe.

Parágrafo 1º e 2º do Artigo 18 - Seção III

Parágrafo 1º - O curso de Adaptação para o QAF0 terá a duração mínima de quatro (4) meses e será realizado em Estabelecimento de Ensino para Oficiais, podendo ser complementado por Estágios de Adaptação em outras Organizações Militares para tal fim designadas.*

Parágrafo 2º - O Curso de Adaptação para o QAFP terá a duração mínima de três (3) meses e será realizado em Estabelecimento de Ensino para Praças, podendo ser complementado por Estágios de Adaptação em outras Organizações Militares para tal fim designadas.*

(11) Lei que altera a anterior e, no Artigo 6º amplia a promoção (no caso das oficiais) em mais um posto — Capitão-de-Mar-e-Guerra.

OBS.: Para os homens o tempo de duração do estágio de adaptação, não só difere como também não possibilita a promoção imediata.

Artigo 21 - Seção IV

A convocação para o Serviço Ativo, de que tratam os Arts. 19 e 20 deste Regulamento, não implicará em compromisso de tempo mínimo de prestação de serviço, podendo, a qualquer tempo, as militares serem licenciadas, a pedido ou ex-ofício a bem da disciplina.

OBS.: Para os homens, há compromisso de, no mínimo, três (3) anos.

Desta forma, a mulher é a mais pura expressão do que tanto se teme/deseja - O PODER.

III.3 - CAIA NA REAL: ETERNO RETORNO

"Com a poética romântica, a exploração do imaginário torna-se conhecimento de um domínio real, e este conhecimento de um "sobre naturalismo" é consequentemente revelação." (Durand in Pitta, 1984, p. 15).

Pré-agregada ao novo mundo, num espaço limiar, encontra-se a mulher numa extrema ambigüidade. Neste sentido, medidas foram tomadas com fins a não permitir a interrupção/parada no meio da viagem. Isso porque, como vimos anteriormente, esse era um estado perigoso, fronteiro, que ratificaria o sonho hedonista, caso persistisse.

Assim, rituais já vinham sendo realizados, com o objetivo de ir agregando o indivíduo a seu novo **status**. Para tal, já haviam sido nominadas, comiam juntas, relacionavam-se sexualmente com elementos de outros grupos, experienciavam uma "suposta fraternidade". Mas só isso não era suficiente. Foi preciso uma demarcação mais significativa; afinal, a passagem implicaria uma elevação de **status**.

Verificou-se que, assim como na primeira fase do processo, aqui também os anfitriões proporcionaram novas ilusões. O que foi obtido através de um novo ritual que pôs em ação o "Tabu do tabu" (Augras, 1989). Era necessário deixar que a passagem para o mundo de fora dos locais de treinamento fosse emergindo de forma a ir absorvendo a pessoa. Para esta vivência há de se implicar o sujeito em regras distintas da então vivida, ou melhor, no cumprimento da não-regra. O que consideramos ter sido realizado com a "semana-livre" oferecida ao final do curso, quando as autoridades substituíram as atividades obrigatórias pela dita "Olimpíada". Mudaram as regras, mas não o confinamento. O que era proibido deixou de ser; o que não era, passou a ser. Exigia-se alegria, torcida, prazer de fazer o que se gosta (vôlei, basquete, ...) — só não podia não fazer.

- *"Naquela semana tava tudo trocado... as regras mudaram e nós resolvemos dar um não no pessoal. Eu, Crispino, Esmeralda e Manuel... porque aí já tavam enchendo o saco da gente... aí a gente trocou... então eu passei as Olimpíadas inteiras ao lado do Manuel e a Esmeralda ao lado do Crispino... deu um não na cabeça de todo mundo... foi só uma brincadeira... a gente ganhava uns toques... nenhuma repreensão seria... (civil Madalena).*
- *"Olha, aquela semana foi incrível, todo mundo tinha que ter prazer, brincar... mas isso só é bom quando é*

natural... quem não quis fazer nada... tinha que fazer parte das torcidas..." (Sgto Conceição).

"E o brinquedo do bumba-meu-boi é importante, porque justamente nele o boi é dominado; suas ações dependem absolutamente do grupo, que tem, então, a sensação de ter poder para controlar, dominar a força bruta do destino, o tempo e a morte." (Pitta, op. cit., p. 59).

Observa-se, então, que, mesmo sendo gradativamente inseridas no outro mundo, a situação das mulheres era limiar. Portanto, preciso se fez conduzir-se a viagem para o pós-limiar, posto que, naquele momento, a mulher militar estava prestes a nascer. Era chegada a hora do "Parto". O que fazer? Como fazer, para agregar?

"Não basta a pessoa morrer. Tem que ser entronizada a sua condição de morto, mediante os rituais." (Augras in Pitta, op. cit., p. 40).

Neste sentido, a cerimônia de promoção (assumpção) envolve um ritual pomposo que, de certa forma, sintetiza, por si só, um outro rito de passagem¹².

- "... eu me senti militar a partir da formatura ... aquele juramento... me arrepiei toda... Eu achei um barato, sabe?... Aquele bando de gente olhando... Eu me emocionei pra caramba. Lá na Ilha eu me sentia aluna mesmo ... aluna de escola da Tia Tetêia..." (Sgto Genova).

- "Ah! A formatura pra mim sabe, tava toda boba, toda orgulhosa... só dava eu, né?... Chorei pra caramba... gostei... daquela experiência em si... do sonho, entendeu? Foi bonito. Porque a realidade foi terrível ... Então eu continuo sonhando com o militarismo, amor à Pátria, morrer pela minha Terra... porque eu adoro essa Terra, o país é uma droga, mas eu amo essa Terra..." (Sgto Georgete).

(12) Descrição derivada também da observação.

Visto que:

- (a) O **desligamento** - separação do espaço anterior (locus do curso de treinamento-adaptação).
- (b) A **preparação** - para que, no dia do "parto", os sujeitos se apresentem modificados: o corte de cabelo (tem que estar mais do que nunca na marca); o vestuário é especial - branco gala.
- (c) **Recepção** - familiares presentes, autoridades de diferentes organizações militares (na primeira turma, por exemplo, aconteceu até a presença do Ministro da Marinha); os padrinhos são chamados, trocam-se as insígnias — símbolo da nomeação; as primeiras colocadas são presenteadas pelas autoridades de alto escalão; todas desfilam sob a nova condição.

Agregadas ao novo mundo, com uma nova aparência, posição, função, morre o indivíduo, nasce a pessoa. Mas como não se nasce do nada, foi preciso morrer de sua condição fetal para vir ao mundo. Morte e renascimento são uma coisa só (fazem parte de um só processo). Decorre daí que, na ilusão de terem feito sacrifícios suficientes, esperam haver mais justiça, ficar mais fortes, poderosas e, assim, superarem os conflitos — a esperança de um dia melhor.

Tenente Carmosina / Pesquisadora

- "... eu acho que essa fase de 2º tenente é assim mesmo... Você não tem aquele, aquela autoridade... depois é que começam as coisas a melhorarem...

Depois quando...?

- Depois de 3 anos.

Por que, Carmosina?

- Porque... é o tempo que você fica como 2º tenente, aí depois você é promovida depois de 3 anos.

Mas me diz uma coisa, muda porque você foi a 1º tenente ou porque você adquiriu estabilidade?

- Não, eu acho que muda porque você foi promovida mesma. Acho que independe até da estabilidade... porque agora a gente vai ter estabilidade depois de 3 anos, e antigamente não; e já mudava né?... O pessoal iria dizer... ah, ela continuou na Marinha... está mais segura, ela já é... já se coloca como uma oficial, já é uma oficial, mesmo..."

Ao que tudo indica, no entanto, a entrevistada enganava-se. O processo é dialético e interminável. Então, ao mesmo tempo em que vivenciam a agregação, inicia-se uma nova fase.

A partir dessa constatação pressupomos ter chegado a hora de Cair na Real, o que se processa a nível da ação, através da forma pela qual as iniciadas são distribuídas pelas organizações militares, e também dos diferentes rituais que prosseguiram, lembrando-lhes, a todo momento, que são, mas não são, militares; que têm e que não têm poder.

"As pessoas acham que por você ser oficial pode tudo, até seu subordinado acha... Ah! Mas não é assim. Você tem também o teu superior que tá ali... te dá um..." "Você pode fazer"... mas depois... "quem manda sou eu"... e você fica... "Poxa", mando ou não mando?... (T. Carmosina).

Poder-se-ia enumerar uma centena de rituais, além desse, que jogam/retiram da liminaridade constante. Contudo, por

razões óbvias, os rituais não terminam. Restringimo-nos, então, a dois pontos que pensamos poderem representar a nossa suposição: de que não existe somente um Rito de Passagem nitidamente demarcado, apesar de o primeiro ser o mais importante.

Em primeiro lugar, ao lembrarmos o regulamento, refletimos que, no mínimo durante nove anos (mais enfaticamente de três em três), as mulheres vivem uma incerteza apontada pelo fato de poderem ser desligadas/engajadas; desligadas / reengajadas e finalmente desligadas/efetivadas. Além disso, o interstício é ponto importantíssimo para a mudança de status dentro do mesmo grupo (cabo para 3º sargento, 3º sargento para 2º sargento, ... 2º tenente pra 1º...), o que introduz a possibilidade de mudarem de posição ou não (terem mais ou menos poder). A dúvida, a incerteza, o medo, ligados a essas situações, podem ser observadas através dos seguintes relatos:

- "O médico me deu licença... a minha gravidez está complicada... eu tirei, mas voltei... Não posso me afastar totalmente, está na época do reengajamento... promoção... Não posso ficar em casa todo o tempo... sabe como é, né?... mas está difícil ..." (Sgto Genoveva).

Tenente Florinda / Pesquisadora

- "... era uma ansiedade muito grande ... 2º lance que eu passei né, eu não fazia nada na área, na época que tava pra sair a renovação... e o meu chefe naquela, pegando no meu pé... E eu dizendo... tenho que entregar minha alma a Deus, entendeu?... Mas aí veio o lance do serviço... Então eu trabalhava, tinha dias em que eu saía às 22 horas e trabalhava sábado, Carnaval... então isso me ajudou, porque as pessoas viram, precisavam.

Você já tinha sido promovida?

- Já, já tinha sido, mas definitivamente não... definitivamente foi agora, ... para 3 anos."

Em segundo lugar, acreditamos na existência de um outro Rito de Passagem, renovado cotidianamente. Percebemos como, ao entrarem no vestiário, as mulheres separam-se do mundo anterior, pois que mudam sua aparência externa através da substituição da roupa civil pelo uniforme, mudam as atitudes, comportamentos.

Sargento Socorro / Pesquisadora

- "... Todo mundo atrasado e com os minutos contados para trocar de roupa... Sempre tinha uma brincadeira ou outra, era agradável... Eu achava agradável essa convivência aqui, mas era muito pouca, muito rápida... Todos tinham seus horários... sua formatura; mas eu gostava desse momento de convivência no armário... A farda sempre pesa em termos de comportamento em público... você tem que se limitar, você não pode ser extravagante... eu estava na farda, represento uma instituição, e aí, eu me fechava...

Então só essa diferença?

- Sentia uma espécie de responsabilidade da farda. Eu não era a Socorro, e sim, uma cabo que representava a Marinha. Por outro lado, eu achava que tudo o que fazia, o pessoal iria me dedurar ao "SIM", ao Senimar* - entregação. Eles vão saber da minha vida privada; não posso fazer as coisas assim e tal, não sei o quê ... quando meu marido vinha me apanhar aqui na área, mesmo a paisana, nada de beijinhos, não pode dar as mãos, etc.

Fora daqui você tinha essa preocupação?

- Era uma coisa meio neurótica, mesmo; levei alguns anos para me livrar disso. E, nos bailes, tinha impressão que alguém da Marinha estava me vendo. Não podia dar nem um "sarrinho". Agora, trago mais meu lado civil pra farda do que a farda para o meu lado civil. Agora eu sou eu, Maria Socorro Santos, mesmo usando a farda."

As mulheres ingressam nas organizações militares em que servem e se deparam com múltiplas situações que apontam diferenças e semelhanças entre elas e os homens — deixando-as na margem.

Sargento Mercedes / Pesquisadora

- "... de início ainda tinha aquela rivalidade e incerteza... inclusive em relação ao rancho* da OM*, que havia a parte dos peões, dos operários e ... os cabos almoçavam junto com os operários... só que aí não almoçavam mulheres. Nem as faxineiras, nem as assemelhadas almoçavam no rancho* de cima... junto com os sargentos ... então a gente ficou sem rancho*... a gente era cabo e tinha que almoçar com os operários mas era mulher, não podia almoçar lá... Até que o diretor da OM*, disse que a gente poderia almoçar no rancho* de sargentos em horário diferente do deles...

Vocês duas sozinhas?

- Sim, só nós duas, éramos as únicas mulheres (militares) na OM*. Aí os sargentos começaram a nos olhar de cara feia. Achavam que estávamos tendo muitos privilégios, a gente ser cabo, almoçando com eles. Então eles reclamaram ... o diretor nos chamou e disse: - vocês vão almoçar com os operários. E que as mulheres assemelhadas também iriam almoçar com os operários, lá embaixo... porque ficaria sem sentido, só nós duas junto com eles. Aí as civis é que não gostaram.

E foram?

- Foram. Desceram por nossa causa... Nós fomos culpadas... E nós deixamos de almoçar lá porque o rancho* dos operários era terrível, a gente era empurrada. A gente ficava na fila, quando a gente via, já estava sentada à mesa. Era horrível. Eu só entrei lá uma vez, de manhã, na hora do café. Tinha chegado muito cedo e resolvi ir para lá. Aí entrei por uma porta e saí por outra, era horrível.

Horrível como, Mercedes?

- Horrível, sei lá. Era uma gritaria, um empurra-empurra, palavrão, a mesa toda suja, e eu ali só, no meio daquele monte de homens.

Como é que você sentia isso, quer dizer, você era cabo, não podia no rancho* de cima, mas você era mulher... Como é que ficou pra você?

- Pôxa! Era terrível. Uma hora eu era considerada cabo, outra hora eu era mulher, e era uma salada danada. Eu ... Eles tinham que me definir. O que que eu era afinal, né?

Você ainda não sabia, também?

- Eu achava era uma confusão total, né? Como é que eles vão me ver agora? Formatura, como é que eles vão me ver agora? Me ver como mulher ou como cabo? Formatura, éramos nós duas na frente, porque a gente era mulher. Os homens, atrás.

Mesmo de sargento?

- A formatura? Ah, não. Os sargentos formavam ao lado. A gente formava junto com os cabos, na frente. E ninguém gostava de formar na frente, porque o local que era a formatura era de frente pro sol. E o sol batia mesmo. E eles achavam que a gente era mulher, tinha que ficar na frente, senão a gente ia ficar muito escondida lá atrás. Acho que era por causa da autoridade deles. Aquele sol batendo. Aí, uma vez, a fulana desmaiou. Desmaiou porque realmente nós ficamos de meio dia às 3 da tarde esperando o diretor lá da OM*. Acho que era visita de um Ministro. Na época era o Maximiliano. Ia visitar a OM*. Aí, nós ficamos de meio dia às 3. Aí, deu 1 hora da tarde, a "fulana": "Aí, não aguento mais", aí ela caiu. Aí, a partir daí, toda a formatura que tinha entrega de medalha, a gente ficava pra entrega de medalha debaixo da árvore e na sombra. Tinha que acontecer alguma coisa pra eles mudarem de ideia. Até que foi bom.

Aí, de repente você não era mais militar, quer dizer, você não formava, era pra entregar medalha, e mais uma vez parece que tinha uma divisão

- Tinha uma divisão. Era tudo assim. Era tudo cheio de divisão.

Como é que você se sentia? Mulher militar, uma hora mulher, outra hora militar? Como é que foi isso?

- Que confusão, né? Ah, eu me sentia confusa. Por dentro eu sabia o que eu era. Eu era mulher que estava ali pra trabalhar na minha profissão, ganhando o meu dinheiro e isso de ser militar eu nunca... nunca fez muito a minha cabeça. Eu distinguia as coisas. Militar era o jeito dos outros me verem. Não era como eu me sentia. Então, o jeito dos outros me verem não influenciava muito. O importante era o que eu era, o que eu sentia, o que eu achava que eu era. A importância que eu me dava. Tanto que eu nunca vi comandante como mais importante que um cabo, do que um marinha. Pra mim era tudo igual e eu só chamava de senhor porque era uma convenção. Então, sabe, isso nunca fez minha cabeça e eu começava só a dar ouvidos aquilo que interessava. O que não me interessava, "Ah, você é mulher", aquele papo de você é mulher, não pode trabalhar em oficina, minha namorada eu nunca vou deixar ser militar, porque eu acho que não deve. Sabe, aqueles papos. E eu nem dava ouvidos."

Ao saírem, passavam a vivenciar mais enfaticamente diferentes papéis que, algumas vezes, implicam negação desse que

vivenciaram durante a maior parte do dia. O que se pode observar através dos 3 relatos que se seguem:

Sargento Consuelo / Pesquisadora

E como é que ele via, Consuelo, enquanto mulher militar?

- "Ele detestava a Marinha, porque ele achava que todos os homens dali não prestavam. Eu tinha que estar sendo duas pessoas. Eu acho que não tinha nada a ver. Eu brinco e falo uma porção de coisas e me divirto com o pessoal do trabalho, mas nem por isso há falta de respeito. Não existe isso... não vou descer meu nível, não vou estar num botequim da Praça Mauã... Eu achava que eu nem deveria conversar. Ele era preconceituoso demais, muito radical.

Ficavam duas pessoas, Consuelo?

- Ficavam. Isso era um absurdo, não consigo imaginar como eu era assim. Por isso é que foi muito bom terminar. Existiram momentos que não vão existir com outra pessoa. Não vai ser a mesma coisa, né?"

Sargento Florisbela / Pesquisadora

- "... no começo e até hoje, ele curte muito, porque acha tudo engraçado... ele leva tudo na gozação... ele detesta o militarismo, odiou o tempo todo dele de exército, o tempo? Ah! ele ficou 9 meses, 17 dias e 2 horas e 20 minutos... ele odeia coisa de militarismo, mas ele acha engraçado, entendeu?

Em você?

- É, ele acha engraçado e aceita tudo... depois que a minha filha nasceu ficou tudo anestesiado, entendeu... Porque eu tenho que ficar de olho: como é que ela está na creche?... Como é que ela tá transando isso de ficar sem mim?... E aí eu anestesio os outros lados.

Tá vivenciando só ser mãe?

- Só ser mãe... pelo menos por enquanto, né?... quer dizer... porque eu só sou mãe dela de noite, né!"

Sargento Mercedes / Pesquisadora

- "... o convívio com outras pessoas. Os meus amigos da faculdade. Era outro tratamento.

Como era, as pessoas sabiam ou não sabiam que você era militar?

- Olha, depende. Só às mais chegadas que eu falava. Até

hoje, eu sô falo que sou militar em último caso. Eu falo que trabalho na Marinha.

Por que isso?

- Porque eu acho que é uma coisa que não tem nada a ver comigo, ser militar. Então, eu acho que as pessoas não precisam... não é que eu oculte. Eu não falo mentira, eu não falo que eu sou civil. Eu sô oculto.

Você acha que as pessoas te veriam de uma outra forma? Te perceberiam de uma outra forma?

- Acho que sim. Ou então, se eu gostasse muito de ser militar, se eu vibrasse, aí, tudo bem. As pessoas me viriam como militar. Aí, tudo bem, eu falaria. Mas, sabe, não faz a minha cabeça, assim.

E você acha que as pessoas te criticariam?

- Ah! eu acho que algumas... Agora não. Eu acho que agora as pessoas já se acostumaram mais com a idéia. Depois de 7 anos, pras pessoas é uma questão de costume. Mas no início... Agora até... no início eu selecionava muito as pessoas que eu ia falar. Na época, eu fazia um curso na UERJ. Logo no início, fazendo curso de inglês na UERJ, lá é que eu não falava pra ninguém.

Por quê?

- Porque lá a mentalidade... O militar naquela época, e ainda agora, é muito mal visto. No Brasil, militar é muito mal visto. E lá eram jovens que tinham idéias diferentes, tinham idéias de democracia, que jogavam pedra em militar, já pensou se eu falasse que era militar? Eu achava que iam todos se afastar de mim.

Você não seria aceita pelo grupo?

- É. Ou então não iam conversar mais aquelas coisas comigo. Eles iam, né, pensar que...

Pensar que você também era ...

- É. Que eu era também... dedo duro ou coisa parecida. Quer dizer, eles não iam... Eles iam continuar conversando comigo, mas outros papos. Não iam continuar conversando comigo sobre política. Quer dizer. Eu não queria aquilo. E não tinha nada a ver. Eu queria me enquadrar com as pessoas da minha idade. Ter aquelas idéias, também. Conversar com eles naturalmente. E se falasse que ia ser militar, eles iam me marginalizar. Aí eu não falava. Ali na UERJ eu não falava pra ninguém."

Novamente imersa numa vivência caótica, confusa, sem sentido (aparente), não é de se admirar o surgimento de sentimentos de decepção, desapontamento, desamparo, advindos da confrontação entre o mundo dos sonhos e o da realidade.

- "A gente entrou muito bobinha, nê, achando que a Mari-nha era um exemplo de idoneidade e no entanto não é assim... fiquei, no início meio perdida, desorientada..." (cível Madalena).
- "Tudo que acontece lá fora, acontece aqui também; fiquei decepcionada, desorientada..." (Sgto Socorro).

Nesse momento lembramo-nos de Freud, ao afirmar que:

"Hã, contudo, algo a ser dito como crítica a seu desapontamento. Rigorosamente falando, ele não se justifica, pois consiste na destruição de uma ilusão. Acolhemos as ilusões porque nos poupam sentimentos desagradáveis, permitindo-nos em troca gozar de satisfações. Portanto, não devemos reclamar se, repetidas vezes, essas ilusões entrarem em choque com alguma parcela da realidade e se despedaçarem contra ela." (Freud, vol. XIV, p. 317).

Mas ao repensarmos as diferentes, múltiplas situações vivenciadas por essas mulheres, indagamos: Como não reclamar? Como não justificar, explicar, enfim, buscar uma saída que proteja sua saúde mental, visto que são estigmatizadas pelo seu desapontamento ou pela falta dele?

- "Aí voltei do curso e fui pro Departamento ... e comecei a achar uma diferença muito grande do pessoal, do tratamento. Na outra OM* em que eu trabalhava, o pessoal era rigoroso. Era mais militarizado... Apesar de ser bem melhor, mas me assutou essa diferença... as pessoas começaram, começam a agredir, quando você é militar... começam a fazer pressão para que você também não seja. Então eu até que estou vivendo. Mas, em princípio isso foi difícil." (Tenente Florinda).

- "... vivem dizendo que sou rebarbada, não cumprio o que marca... se bem que tem coisas que eu não concordo e não vou concordar nunca. São pra você ter uma idêia, uma vez não deixei uma civil assinar o livro de ponto... ai me chamaram, repreenderam... mas não era essa a ordem?... Isso só aconteceu porque ela era coxada*... Eu não tô nem ai... quando saio, estou dirigindo... descendo o Alto. Você nem me reconhece... sou livre..." (Sgto Lucíula).

Ainda assim, verificamos que, apesar de elas protegerem seu Eu, vivem na marginalidade, visto que a auto-conscientização não implica unicidade e sim preservação da identidade.

Porém, se até então tiveres dúvida, caro leitor, de que se trata de um Ser marginal que busca a todo custo um senso de continuidade – de saúde – e que, portanto, vivencia a multiplicidade, ambigüidade, acompanhe-nos na descrição de uma Cader neta-Registro*, a qual, de forma sintetizada (só nos termos), possibilita-nos a compreensão do que acreditamos demarcar (legalmente) as diversas mortes – renascimento na vida da militar¹³.

III.3.1 - O REGISTRO

"Folha 01 - identificação

Curso de Adaptação para o QAFP*/QAFO* - matrícula nº...

Incorporação e matrícula - O Exmo... "Resolve" Dar praça especial, assemelhada a Marinheiro Especializado...

Curso (meio) - A data tal, foi matriculada...

Conclusão - ... Com média...

Juramento à Bandeira - A data tal...

Promoção - A data tal, pela portaria..., foi convocada para o SAM*, como cabo-engajado.

(13) Todos os termos aqui utilizados são oriundos de uma caderneta-registro*, tal como se apresentavam.

Convocação para o Serviço Ativo da Marinha (SAM*) - por um período inicial de 3 (três) anos, a partir de...

Desligamento - A ..., para ... organização militar tal ...

Apresentação - A data tal ...

Função (Assunção) - A data tal, assumiu as de ...

Diversos - a) aptidão para a carreira - conceito
b) aptidão média para a carreira

Comportamento - x pontos perdidos.

Inspeção de saúde - foi julgada apta para o SAM*.

Credencial de segurança (concessão) - A data tal, foi concedida credencial de segurança no grau de sigilo "Y".

Atividade remunerada extra-marinha - não exerce qualquer atividade remunerada extra-marinha.

Férias - A data tal, ...

Requerimento - No requerimento ... solicitou prorrogação do período inicial de convocação para o SAM*, foi e xarado o seguinte despacho: "Deferido", até data ...

Função (Passagem) - A ... passou as de ...

Desligamento (Desembarque) - A ..., a fim de se apresentar ao Quartel Militar ...

Apresentação - A ...

Licenciamento do SAM* - A data tal ... foi desligada por ter sido licenciada a pedido.

Reserva - A data tal ... foi classificada na primeira categoria como Reservista Naval, recebendo o certificado nº x e deixando como endereço ...

Com isto, esperamos ter demonstrado com que intensidade se demarca não só a morte e o renascimento; mas deixado implícito que o mundo não é feito única e exclusivamente por nós; ele nos é oferecido quando nele entramos (Geertz, Berger, ...). As diferentes articulações entre "ele-e-eu", ao mesmo tempo em que apontam, negam, sinalizam, obscurecem que o mundo é passagem. É

o que podemos observar ao atentarmos para alguns termos¹⁴ dessa caderneta.

Assim, para que ocorra a assunção ("elevação a um cargo ou dignidade ..."), necessário se faz o desligamento ("separar, destacar..."), de forma que o indivíduo vá se adaptando ("ajustando, acomodando, adequando-se ...") e possa ser incorporado ("dar forma corpórea, juntar num só corpo, tomar forma corpórea..."), o que o torna apto ("que satisfaz legalmente, que tem aptidão inata ou adquirida..."), para poder ser nomeado ("atribuir cargo ou comissão, designar pelo nome..."), e, então, possa jurar ("praguejar, invocar, afiançar..."), à bandeira e receber concessão ("privilégio, dar, permitir, outorgar ...").

Todavia, para que nossa organização, não pareça uma adaptação, analise por outro lado o que estamos apreendendo como rito: Imagine-se vivendo o Serviço Ativo da Marinha ("... que exerce ação ... apto a agir com rapidez, intenso ...; diz-se do vulcão que está ou poderá entrar em erupção ...") estando na Reserva (CAFRM)* concomitantemente. Imagine-se numa sucessiva apresentação-desembarque. Imagine-se semelhante e diferente ao homem (assemelhada a marinheiro especializado) ou nomeada segundos tenentes). Imagine-se licenciada a ir para a Reserva, quando já se estava nela (CAFRM)*. Imagine-se viver a Função (assunção) como Função (passagem). Ao que nos parece, tudo isso só é possível através de rituais de passagem, dialetizando morte e nascimento, vivenciando a marginalidade para que cada uma dessas "Santas" se tornem elas mesmas.

(14) A definição dos termos aqui apresentados são originário de FERREIRA, 1985.

"Depois de acordar do sonhar, uma pessoa pode adquirir uma visão suficientemente clara para reconhecer as presenças sensoriais do sonhar, como indicadores de traços existenciais pessoais cujas significações são análogas as significações percebidas dos entes sonhados." (Boss, 1979, p. 202).

Isto segundo nosso entender, dar-se-ã (deu-se) com maior ou menor abertura perceptiva, clareza, em função de como foi (serã) construído/recriado o seu sonhar — o seu espaço experiencial, ou dito de outra forma — Como Virgem Maria (assunção) e/ou como subida (assunção) até ela (por ser diferente dela).

CAPÍTULO IV

A RETOMADA DA CASA

O sonho e toda a sua ritualização de passagem descrevem fenômenos que se presentificam num espaço-tempo não demarcado cronológica e geograficamente. Contudo, se o tempo cronológico é irreversível e, por isso, fonte da impotência, o espaço traz consigo a potência que se exercita constantemente quando o sujeito "retorna" aos locais de origem. Por conseguinte, faz emergirem vivências que não estão, necessariamente, no passado, por poderem fazer parte do aqui e agora. Assim, ao descrevermos os espaços percorridos, deixamos implícito a questão do tempo.

IV.1 - ANTES: ADV. 1. EM TEMPO OU LUGAR ANTERIOR. 2. DE PREFERÊNCIA. 3. PELO CONTRÁRIO. (FERREIRA, 1985, p. 30)

A Casa:

- *"Queria sair de casa, morar sozinha... para a Marinha tinha que vir para o Rio, tinha medo, nunca tinha saído de casa."* (Sgto Cacilda).

- "Primeira vez que eu saí do seio da família, né, porque pra mim foi assim meio desbravador, né? Eu vim de São Paulo, uma criação diferente, tanto de povo como de tudo." (Tenente Miracema).
- "... eu sempre fiquei assim; desde, vamos dizer, 12 anos, que eu vivo, vivi, né, num colégio interno, porque eu quis, entendeu? ... por causa da experiência..." (Tenente Carmosina).
- "Queria sair de casa... na minha casa eu não fazia nada." (Sgto Mirayl).
- "Expectativa de sair de casa..." (civil Clarisbela).

Trabalho:

- "... sem perspectiva de trabalho..." (Tenente Creuza).
- "O país estava numa recessão, e trabalho..." (Sgto Luciúla).
- "... eu estava desempregada..." (Sgto Laura).
- "... ganhava pouco..." (Tenente Augusta).
- "... era contratada pela Marinha e havia o risco de terminar a verba e ser mandada embora ..." (Tenente Da Lila).

Escolaridade:

- "... fazia mestrado na PUC..." (Tenente Dilena)
- "... na época, estava fazendo Psicologia." (Tenente Brígida).
- "... estava no 2º período da faculdade..." (Sgto Joaquina).

Espaço Familiar:

- "... mamãe achava que a Marinha iria ser uma boa; já meus tios achavam a vida muito difícil... todos falavam, pois somos muito unidos..." (Tenente Manuela).
- "... meus pais achavam bonito, mas na hora ... começaram a falar que eu ia ter que viajar para longe ... iam ficar com saudades, eu também, né?" (Cabo Olinda).

- "... minha família chorou, não queriam... mas me apoiaram." (Sgto Mercedes).
- "Nós somos muito unidos... então eu iria trazê-los para o Rio, para perto de mim." (Tenente Miracema).

Observa-se, pois, que "o antes" é tão comum e esperado, que a princípio poderia tornar-se superficial. Isso porque esses espaços vivenciais são, na verdade, formas rotineiras de se saber com quem está se falando, ou de conhecer um pouco sobre a vida de outrem. Dessa forma, nada mais natural do que essas mulheres informarem à pesquisadora quanto às suas atividades cotidianas, face a uma não solicitação de apresentação formal; e a pergunta efetuada no início de cada entrevista: Como foi? Como é a sua vida na Marinha?

Contudo, chamou-nos a atenção a complexidade desta forma de apresentação, tendo em vista a necessidade premente de uma mudança espacial. Pois, se, por um lado, ao falarem das relações de amizade, familiares, acadêmicas, predominaram expressões carinhosas, por outro lado, foi-nos relatada a necessidade de afastamento dessa constelação espacial, como por exemplo: o querer sair de casa, mudar de emprego, conhecer outras pessoas, etc. O que nos levou a pensar nas possíveis origens do "sonho sonhado" — Mulher na Marinha, ou ainda, "*Morar sô grande sonho! A imagem mais inerte, a mais fisicamente absurda, como esta de viver na concha.*" (Bachelard, s/d, p.100). E de imediato, adveio a tentativa de compreender o significado vivencial dessa "saída de casa".

Saltaram-nos aos olhos, num primeiro momento, significações corriqueiras, mas nem por isso não verdadeiras: a fase

de vida em que a maioria se encontrava; o final de um curso e a conseqüente busca de colocar em prática a teoria; a real necessidade de um emprego. Porém, por tudo quanto foi visto nos capítulos anteriores, acreditamos que se parássemos por aqui permaneceria a incompletude, a falta de intimidade para com o sonho sonhado. Assim, por compreendermos que

"As dimensões do espaço são criadas a partir das extensões do corpo. O ser é o seu centro: o espaço é abetido e orientado pela movimentação do ser dentro do mundo." (Augras, 1986a, p. 38/39),

passamos a pressupor que, para essas mulheres, no momento do ingresso na Marinha, era chegada a hora do primeiro vôo além ninho. Fosse porque um *"... sonhador de casas vê casas em todo lado. Tudo serve de motivação para os sonhos que evocam pousadas."* (Bachelard, *op. cit.*, p. 54); fosse porque a casa não passasse de uma simples horizontalidade onde faltasse

"... aos diferentes cômodos um abrigo num canto do andar, um dos princípios fundamentais para distinguir e classificar os valores de intimidade." (id. ibid., p. 36),

ou ainda, simplesmente, pelo fato de que os *"... homens não sabem construir as casas senão a partir do exterior."* (*id. ibid.*, p. 63). A questão é que uma mudança, uma passagem se impunha de forma a *"... dar um destino de exterior ao ser do interior."* (*id. ibid.*, p. 26). Mas sigamos adiante para acompanhar este vôo, este devaneio de uma nova morada.

IV.2 - DURANTE: PREP. EXPRIME DURAÇÃO: NO TEMPO DE, OU PELO ESPAÇO DE (FERREIRA, OP. CIT., P. 171)

— OS CURSOS DE TREINAMENTO

No que tange aos cursos para cabos, sargentos e oficiais, as rotinas e seus respectivos espaços foram predominantemente enfocados pelas entrevistadas, tanto no que diz respeito à descrição física, quanto no que diz respeito aos sentimentos decorrentes deste espaço, tal como foi relatado no Cap. III. Entretanto, neste segmento torna-se importante frisar o que passamos a considerar como significativo: não a geometria, nem a geografia dessa possível nova casa, mas a mudança de significações do espaço experiencial. *"Viver no futuro e viver no passado é perceptivelmente diferente do modo como experiencio o agora."* (Keen, s/d, p. 5).

- *"Desesperada... na minha casa eu não fazia nada ... mas me adaptei bem ... chorava, mas escamava* demais... era sempre voluntária para os serviços... chegava na hora... tava doente, enganava..."* (Sgto Mirayl).
- *"Foi difícil, dois filhos — ficar longe, pouco tempo de separada... muitas dúvidas, saudade de casa..."* (cívil Madalena).
- *"Não sabia onde ia morar, sentia-me sozinha... foi o que mais marcou... liguei para casa (outro estado) chorei, chorei..."* (Tenente Brígida).
- *"Outro impacto foi a rotina, que é um corre-corre danado... eu era muito fresca... eu tinha empregada e nem metia a mão na pia... me lembro um dia o sargento botou a gente pra limpar o banheiro... a gente não conseguia ficar 5 minutos, eram vasos entupidos, bichos mortos... fiquei apavorada."* (Cabo Olinda).
- *"A primeira semana foi de desamparo; eu me sentia sozinha... era muita gente — Durante quatro meses eu via a ilha — sabia que era bonita mas me sentia presa —*

a quilômetros de distância das pessoas, não tínhamos permissão de sair sozinhas, nem para beber água." (Cabo Marialva).

- "Achei legal por ter um monte de gente diferente. Me senti com saudades de casa." (Sgto Eulália).
- "Negativo, foi um dia que teve ... aquelas apresentações sinfônicas... era um dia que queria ir para casa. Aí falaram que a gente tinha que ficar acordada assistindo um concerto... e eu queria era consertar outras coisas em casa... aquela coisa de querer obrigar você a se divertir... é muito complicado... você sentir um prazer que não quer sentir... foi quando realmente eu senti, né, aquela coisa me cerceando." (Tenente Miracema).
- "Era uma loucura, escola de sargento, faculdade, cuidar de casa, pagar contas. Foi pior que na Marambaia em matéria de humilhação... tinha que rastejar no chão em dia de chuva... à toa... monte de bronca... mas eu sempre coloquei a Marinha em segundo lugar — só vivia estudando para a faculdade." (Sgto Mercedes).
- "Curso de oficiais é uma festa, não dá para comparar em nada. Eles não formam oficiais. Ele não chega aos pés do curso da Marambaia... eles botam a gente lá como se fosse um bando de imbecilóides, de nível superior, decorando, decorando... as mesmas coisas de antes. Para mim eu tava tirando férias, estava no CIAW*, que era a minha casa, eu conhecia todo mundo. Agora é mais fácil que o de cabo, porque lá pelo menos você tem seu banheirinho lavado, seu alojamento varrido, você não vai ser doméstica, faxineira..." (Tenente Manuela).

Assim, as expectativas do novo espaço e o viver o presente geravam conflito. O "lugar" anterior fora preterido, mas o novo era caótico. Uma aparente oposição em relação aos sentimentos ou à simples similaridade de vivências do antes e do durante levou-nos a verificar o quanto a passagem entre dois mundos diferentes deflagra "choro", "choque", "loucura"... como representativos da liminaridade.

Que diferença do sonho sonhado!

A nova casa desmoronou-se ou a ilusão acabou?

Não importa, pois, ao que nos parece, o tocar da corneta, o grito de guerra, a água gelada do mar morto implodiu as paredes (verticalidade) — abalou os alicerces (centralidade), fazendo com que fossem remontadas as lembranças da casa natal. Haja vista que, se ela não era tão suntuosa, branca e imensa, havia pelo menos, alguns centros de simplicidade, espaços habitados, segurança, proteção contra o sol, a chuva, o mar, o céu ou qualquer ameaça possível.

Mas então o que fazer, pensar ou sentir quando se está no meio de um voo, quando um navio está à deriva? Duas são as possibilidades: ou retornar aos braços da "Mãe-Terra" ou seguir rumo em direção à "Mãe-Marinha". Ambas dolorosas, desejadas e receadas, pois vivenciadas num estado limiar. Voltar implicaria uma não passagem para um nível acima, uma permanência na mesmice, numa horizontalidade que possivelmente remeteria a sensação de fracasso, de insegurança e incerteza.

- "... eu estava achando horrível, o caos, mas eu tinha que provar a mim mesma e aos outros que tinha capacidade... fui ficando." (Tenente Perpétua).
- "... tinha medo de não passar, de não ser capaz... como iria me sentir?... dei o melhor de mim." (Sgto Euvira).

Por outro lado, seguir é não saber o que encontrar; é temer o desconhecido, sentir-se impotente, vazia, desprotegida.

- "... Aí eu pensei: eu vou, pois é preferível perder quatro meses e ver como é... Não iria ficar a vida toda com aquele negócio de como teria sido... Mas, chegando lá, a gente não conhecia ninguém... eu pensando: Meu Deus, o que é isso?... choro, vazio..." (Cabo Marialva).

Ora, o que se verificou, ao menos em relação a essas entrevistas, é que na vivência caótica em que "o medo é aqui o próprio ser." (Bachelard, op. cit., p. 161), não vislumbravam saídas, nem entradas, pois não havia como fugirem de si mesmas. Era "... preciso viver para construir sua casa e, não, construir sua casa para viver nela." (id. ibid., p. 89). Isto só era (foi) possível experienciando o devaneio onde "a imagem se estabelece numa cooperação do real com o irreal..." (id. ibid., p. 57). Assim, vivenciaram a multiplicidade de novos espaços, com a venda nos olhos, comprando, refazendo seu vestuário, procurando a farda de seu tamanho, o camarote* mais adequado, o beliche estratégico.

- "... Você ocupa o seu espaço sem invadir o do outro. No meu caso eram 6 no mesmo camarote*. Então tinha beliche e uma gostava de dormir em cima, a outra em baixo..." (Tenente Dalila).

De forma que, nessa pequena imensidão — às voltas com a solidão e a intimidade — suas vidas se concentram, se preparam e se transformam, elevando-as de nível, mudando mais uma vez de casa. Não uma casa qualquer, mas uma casa em que possam ver, espreitar, desfrutar seus sonhos mais bonitos. Uma casa que cause inveja aos olhos dos indigentes, dos pobres, dos fracos que não se lançaram ao mar.

- "... chocante... todo mundo parando, olhando... botavam a cabeça para fora das lojas... Me sentia vaidosa, não me sentia inibida... parecia uma estrela reconhecida... isso na rua. No rancho*... a primeira vez escutei de uma civil... lugar de mulher é na cozinha e não na Marinha... eu encarei como recalque..." (Sgto Socorro).

Logo, a nova moradia será mais clara, sólida, terá mais espaço. Será ocupada pela nova adquirente, possuidora de direitos legítimos, tendo em conta ter pago o preço e obtido o poder de uso (empossadas ao final do curso).

IV.3 - DEPOIS: ADV. 1. POSTERIORMENTE, EM SEGUIDA. 2. ADEMAIS, ALÉM DISSO • (FERREIRA, OP. CIT., P. 144)

O vendedor da casa foi o mesmo para todas as mulheres; as intermediárias (tratamento), nem sempre — variavam em função do poder aquisitivo de cada uma: com parentes militares: A.

"... ela era coxa* de Almirante ... por isso se deu bem..." (cível Madalena), com intimidade para com os homens: B. "... ela saía com um Tenente ... era tudo conchavo*" (Sgto Euvira), sem nada disso - C. "... quem não tinha parente ficou largada às traças..." (Tenente Augusta), ou até mesmo da boa ou má compreensão acerca das características reais do imóvel.

- "Na época o salário valia, mas as coisas foram invertendo... Não sobra nada em termos de gratificação ... mas veja no meu caso... eu me separei, tenho meu apartamento, tenho que viver com meu salário. Se, de repente, sair daqui e tentar um negócio fora, vou ter que me condicionar a voltar para casa de meus pais, ou então arrumar um emprego qualquer, trabalhar numa loja — não está nos meus planos." (Tenente Dilena).
- "Respeito profissional não há, não sou vista como profissional... eu sou projetista de sistema, mas sou vista como uma sargento... mas eu acho que no todo tá mudando, até o modo de comer com a gente no rancho* ... não tinha guardanapo, os talheres não eram bem lavados..." (Sgto Lucíula).
- "... falar com o sargento já era o fim... com o Mare-Guerra terrível... eu não conseguia falar na frente do homem, foi um tal de q.q.q... não saía nada ... Foi horrível. 20 homens... a gente entrava... eles gritavam assim: cessa o papo — navio na boia... a gente

se sentia uma intrusa... depois eu soube que havia uma série de recomendações." (Sgto Genoveva).

- "Eu queria fazer uma coisa diferente; com o passar do tempo eu vi que não era tão diferente assim — é uma rotina também... pensei que ia ter um lugar de militarismo... depois da Marambaia não existe mais necessidade de coesão. Eu senti muito individualismo, elas mudaram... até eu também — não sei — lá a atenção estava toda voltada para ali — não podíamos sair, não tínhamos vida privada." (Sgto Socorro).
- "Foi um choque... eu achava que ia trabalhar no Castelinho Verde que tinha aqui na Ilha. Fui para Niterói, como ia estudar? ... trabalhava em Niterói, estudava na FAHUP, morava em local distante... tava tudo ruim... depois de seis meses de inferno, aí veio a sorte, fui transferida para a Ilha, reivindiquei o laboratório, estudava perto... mudei a faculdade para engenharia." (Sgto Mercedes).
- "A gente tinha medo que violassem a privacidade que a gente tinha, que era tão pouquinha naquela época... todo mundo queria estar perto... todo mundo queria estar falando com a gente... Fiquei cinco ou seis anos ... Eu fui a Sargento e voltei pra lá. Porque lá é um lugar que as pessoas costumam ficar muito tempo. CAF* costuma ficar muito tempo em qualquer lugar." (Tenente Brígida).
- "Foi um caso até meio de hostilidade... Nós ainda continuávamos marciânicas, né, porque eu acho que o nosso habitat mesmo era a Marambaia... Você ficava se sentindo assim ET... com anteninha na cabeça e tudo... ficava todo mundo olhando pra você, esperando atitudes de você, e você realmente não sabia qual era a melhor..." (Tenente Miracema).

Então, o que fazer? Mais uma vez saídas existiam e, na verdade, encontrá-las dependeu em muito de saber porque prisma foi analisado o prédio e suas condições. Mas convém lembrarmos que

"A casa é um corpo de imagens que dão ao Homem razões ou ilusões de estabilidade. Reimaginamos constantemente sua realidade: distinguir todas as imagens seria revelar a alma da casa..." (Bachelard, op. cit., p. 30),

haja vista que, mesmo quando "... reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade." (id. ibid., p. 65).

Ao analisarmos os espaços percorridos, através dos relatos das entrevistadas, verificou-se não só uma polaridade envolvendo o terraço e o sub-solo, mas também uma intermediação quanto aos andares imaginados, fazendo com que percebêssemos muito claramente a multiplicidade de vivências numa mesma pessoa, a diversidade de vivências entre elas. Assim, para algumas

"A consciência se comporta então como um homem que, ou vindo um barulho suspeito no porão, se precipita para o sótão para constatar que aí não há ladrões e que, por consequência, o barulho era pura imaginação. Na realidade, esse homem prudente não aventurava-se ao porão." (id. ibid., p. 31).

Já para outras, o mais alto ruído era de imediato transformado numa melodia que acalentava a ilusão de que eram as autoras. Para outras, ainda, permaneceu o buscar de uma restauração nos cômodos. Mas não foram só estas; algumas preferiram implodir o prédio e partir em busca de novos refúgios. Ao que nos parece, não é importante verificar-se medo ou coragem, pois acredita-se que ambos os sentimentos fazem parte de um mesmo processo — o de encontrar o seu canto, uma roupa sob medida, uma casa que as proteja, lhes dê segurança, comodidade e conforto. Uma casa que seja realmente delas.

Ao refletir essa impexibilidade de ter sua "própria casa", pusemo-nos a pensar que outros significados pode ter uma casa para ser tão vital. Neste momento nos ocorrem diferenças em relação a outros lugares, outros povos e outras culturas. Tal ocorrência faz-nos levantar a hipótese de que a casa, para este grupo — o das mulheres da Marinha — tenha enorme impor-

tância em função da falta de delimitação (necessária à preservação do ser, entre o eu e o outro). Isto afirmamos ao observarmos, por exemplo, a forma de cumprimento existente em nossa sociedade em geral, onde os limites corpóreos são a todo instante invadidos; como também a justaposição de nossas residências, que se amontoam e se emaranham, dificultando a diferenciação. Ora, tudo isso nos leva à necessidade de caracterizar o que seja uma casa e, por contingência, em que espaço está situada.

Casa:

"Edifício destinado, em geral, a habitação; lar, família..." (Ferreira, *op. cit.*, p. 93), por conseguinte vulgar, comum, doméstica, o torrão natal, terra, cidade natal, o país onde nascemos, a terra dos pais. Logo, a princípio, indica o lugar onde se descansa, lugar de afeto, harmonia, calma, segurança, onde as coisas estão no seu devido lugar.

Porém, ela não se constrói no nada, situa-se em outro plano, em outro espaço — o da Rua. Vejamos agora o seu significado.

Rua:

"Via pública para circulação urbana, total ou parcialmente ladeada de casas..." (Ferreira, *op. cit.*, p. 426). Por conseguinte, local de grande circulação, de transações comerciais, mercantis e culturais. Logo, es-

paço perigoso, cheio de imprevistos, movimentação, acidentes.

Decorre, pois, que, se na primeira há toda uma ordem, hierarquia, um universo controlado na segunda os alicerces são múltiplos, e mais do que isto — desconhecidos, perigosos, impessoais. Consequência disto

"... é que na Rua é preciso estar atento para não violar hierarquias não sabidas ou não percebidas (...) e escapar do cerco daqueles que nos querem iludir e submeter (...) Mas em casa, tudo se passa ao inverso. Aqui o espaço é rigidamente demarcado e dividido..."
(Da Matta, 1983, p. 70-71).

Num primeiro momento, consideramos os cursos iniciáticos para a Marinha como a rua, à medida que as falas das entrevistadas apontam o desejo de sair de casa. A rua é uma passagem, um espaço provisório, que foi vivido ritualmente como momento caótico, crítico, exatamente por ser estranho, desconhecido — logo, sem controle. Por outro lado, estes cursos apareciam como possibilidade de transgredir as fronteiras. Porém, como foi visto, toda transgressão é perigosa e faz com que o espaço vital seja ameaçado, contenha lacunas, vazios. Daí, medidas foram necessárias para a construção de novas moradas. O que foi possível através da aprendizagem ritual, onde, por exemplo, as formas de cumprimento, tratamento, demarcavam diversos papéis, a limitação dos espaços.

- "... o tratamento... o tratamento formal muda. Por exemplo, o Fragata que eu chamava, tratava de você porque eu era civil contratada e ele era até meu chefe... Quando eu voltei, eu tive que passar a chamá-lo de Se-

nhor... Principalmente quando tinha alguém por perto..." (Tenente Dalila).

- "... tinha um Marinheiro que... acho que sô porque era oficial mulher... ele passava por mim e não prestava continência... mas ele não fazia isso com os homens. Tive uma conversa e mostrei-lhe que ele tinha que me cumprimentar com respeito." (Tenente Clotilde).

Mas, importante é atentarmos para a brilhante exposição de Roberto da Matta, quando afirma ser

"... evidente que a oposição rua/casa separa dois domínios ou universos sociais mutuamente exclusivos e que podem ser ordenados de forma complexa, pois que se organizam tanto na forma de uma oposição binária, quanto em gradações (num continuum)." (Id. ibid., p. 71).

O que se pode ilustrar no seguinte relato:

- "Toda a área que você trabalha muda. É outro mundo dentro da Marinha. A do Marcílio Dias, por exemplo, é a Marinha de jaleco — uma hora eles dão a entender que não vão te cobrar certas coisas porque são médicos... porém numa certa hora eles te dizem: Eu sou primeiro tenente... já a Marinha de gola é mais coesa — dão o objetivo da Marinha em si... então isso justifica algumas coisas. Já no QA* ... como nós... a gente esperava outra coisa, outro mundo... tipo, eu vou trabalhar na minha área, mas... você é limitada... porque aí é a parte do Sargento... se fizer... ele vai ao comando dizer que você passa por cima dele." (Tenente Augusta).

Assim, somos levados a observar que tanto a casa como a rua admitem múltiplos e distintos cômodos, mas que a real grandeza não está em se habitar este ou aquele compartimento, senão nos deslocamentos, nas passagens realizadas, tal como em Da Matta.

- "... tem lugar, que se sabe que você foi praça... vão te jogar na cara o tempo todo, como sendo um defeito... Se você cai num lugar que acham que ter sido praça é ótimo, então ter você é uma honra... uma demonstração de grande esforço... e aí eles te colocam lá em cima." (Tenente Brígida).

Haja vista que é por meio destes deslocamentos

"... que se pode exagerar (ou reforçar qualidades), inverter (ou disfarçar qualidades pela troca de posições) e ainda neutralizar (ou diminuir ou apagar qualidades) ..." (Da Matta, op.cit., p. 77-78);

criando então um espaço intermediário, um espaço ambíguo, um espaço que faz emergir a instância máxima — o Poder. Cão sem dono, sem espaço específico e que por isso permeia a ilusão de pertencer aos dois mundos — casa e a rua — esperando, com isso, apagar as diferenças.

Acredita-se, pois, que esta seja a "magia" intentada pelas mulheres militares ao almejarem fazer da Marinha sua "nova casa".

- "... Aqui mesmo eu fico tomando conta do departamento como se fosse a minha casa. Eu cuido como se fosse. A geladeira se está limpa... antigamente tinha uma plantinha aqui com água, eu ficava cuidando da planta..." (Tenente Creuza).

Nesse sentido a casa protegeria a sonhadora, tendo em conta poder existir, por mais habitada que seja, um armário cuja chave foi propositalmente perdida e cujo segredo do cadeado somente ela conheceria.

Que frustração se fôssemos analistas! Mas, como não o

somos, lidamos com a nossa impotência e com o conhecimento advindo do encontro entrevistadora — entrevistadas, que faz emergir a todo momento, ser a casa a própria pessoa, o que nos permite, através da dialética casa/rua, apreender a dialética existente no ser que sai de um determinado "cosmo", da mulher que saiu de casa para construir uma outra.

"De fato, o ser que sai de sua concha, nos sugere devaneios do ser misto. Não somente o ser "meio carne, meio peixe". É o ser meio morto, meio vivo e, nos grandes excessos, meio pedra, meio homem." (Bachelard, op. cit., p. 90).

Para a construção de sua morada, independente do ponto em que se situem — na Marinha ou na Rua — a mulher, elemento intermediário, pertencerá sempre a ambos, posto que não se trata de dois espaços superpostos, nem Ela, de um ser único; ao contrário, ser múltiplo e ambíguo, que através de seus sonhos dinamiza a vida num eterno retorno à casa-mãe.

CAPÍTULO V:

A MORTE BUSCADA: "SOIS REI"

"Então, eu não sofro a morte. Eu faço a morte. Eu escolho a morte. E escolho o sacrifício como um meio de liberar-me, de fazer-me ascender a um mundo melhor." (Augras in Pitta, 1984, p. 40).

Não estranhe esta mensagem, por mais que ela lhe pareça funesta, e por isso não tenha nada a ver com este trabalho. É exatamente com esta perspectiva que esperamos explicitar o que encontramos como resposta às questões iniciais da pesquisa, quando nos perguntávamos: Por que diferenciam-se as exigências de escolaridade, para homens e mulheres, quando ingressam na Marinha? Por que é diferente o tempo mínimo exigido para permanência? Por que tantas diferenciações, discriminações?

Se você vem nos acompanhando nesta viagem, é possível que a esta altura (ou até mesmo antes), você esteja a se perguntar: É a Marinha esse terror? Se tudo parece tão ruim, tão desanimador, massacrante, imposto — por que outras mulheres continuam a ingressar? Por que estas entrevistadas permanecem?...

Para elucidar tais interrogações, iniciou-se a análise das dúvidas e explicações das próprias entrevistas.

Sair-Ficar

- "Sair, sair sô para melhor. Perco sete anos e nem mais seis soldos* tem¹. Não tô procurando. Não tenho chance, mesmo. Sô se for um concurso público, mas não seria o mesmo sistema. Já tive ofertas, mas arriscar três meses de experiência, e aí? Tentaria e talvez me questionasse depois. Tenho vontade de sair, mas me acomodei muito. Vou fazer para oficial, mas não estou com vontade nenhuma... Trabalho no setor de pessoal, então vejo o que acontece: posso ser chutada por uma menina que é gostosinha, bonitinha e não tenho como competir..." (Sgto Genoveva)
- "Vontade de sair, tenho. De ser mais eu, mas aí eu caio. Fiz contabilidade, não tenho experiência. Fazer para oficial? É sô ganhar mais. É passar do braço para o ombro. A hierarquia é mais rígida... Mas a tentativa de melhorar é sempre válida. Ainda não me acomodei. Acho que vou fazer um outro curso, que me dê autonomia. Penso fazer um concurso público, pois acredito que se possa atuar de modo diferente. Não tenho procurado. Para o ICM por exemplo, não tenho gabarito. Financeiramente eu estou melhor que muita gente. Mas eu ganho pelo que sou, e não pelo que faço, daí ser mal remunerada. Não consigo me imaginar suboficial velha, cheia de filhos, esperando a barriga crescer. Até os quarenta anos tenho que conseguir algo melhor." (Sgtoorgete).
- "Eu estou militar por enquanto. Não sei se continuarei. Por isso estou estudando... Se de repente surgir uma oportunidade melhor, eu saio, vou embora. Eu acho que é difícil encontrar na minha área um emprego lá fora pra ganhar o que ganho. Não surgindo, eu fico porque eu gosto... Mas hoje em dia você tem que ver a situação financeira. Não basta sô a segurança. Estou guardando dinheiro, aplicando... Talvez abrir uma confecção, ou algo meu." (Tenente Carmosina).
- "Eu já fui convidada a sair... estava como sargento... havia um comandante lá, que nem é mais da Marinha, um grande de lá, um dos diretores do Citibank ... ele me

(1) Anteriormente era concedido seis remunerações a militar, quando esta pedia o seu desligamento da Marinha.

convidou para ir... eu tava terminando a faculdade ... Naquela época realmente eu balancei... porque não sabia se ia passar para oficial ... a proposta era boa, mas achei melhor esperar... ah, eu esperei tanto tempo!... Você fica realmente com a boca adoçada... mas poderia ser uma coisa passageira... e eu tenho uma característica — eu não gosto de fazer as coisas sem pensar; em determinados pontos isto é até ruim. Mas se era um ideal que eu tinha... no decorrer de três anos eu estava atingindo aquele objetivo. Meu noivo, analista, vibrador, ia saber dos resultados de madrugada, antes de sair na banca... abriu pra Petrobrás... até pensei... ano que vem... porque não gosto de instabilidade, a verdade é essa, né?... teria um bom emprego, ganharia até mais do que na Marinha e desempenharia o que gosto... ai a família foi contra. Em relação ao mercado ai fora, na minha área tá melhor, mas o país tá o caos... aqui é seguro e, levando por esse lado, tá muito bom. Eu nunca tive receio de não reengajar, o meu conceito foi sempre muito bom... de modo que eu nunca tive dúvidas de que iria continuar." (Tenente Noêmia).

- "E ai fica aquela vontade de sair, entendeu, para poder ficar na minha profissão, mas também fica aquilo, eu tô desligada da profissão já há dois anos, entendeu, quer dizer, fora de órbita já, né, da minha área. É ficar por ai mesmo... Depois que a minha filha nasceu ficou tudo anestesiado, entendeu? Porque ai eu fico só pensando, agora no momento, o que é importante? É ela, entendeu... e ai eu anestesiio os outros lados, esqueci tudo." (Sgto Florisbela).

Ambivalência afetiva? Não a negamos. Como também torna-se impossível não aceitar algumas explicações oferecidas pelas próprias entrevistadas como: vivermos num capitalismo selvagem, recessão, medo, insegurança... Tudo isso, talvez. Mas o que levantamos como questão, num primeiro momento, é ser esta vivência a difícil, conflituosa, caótica relação com o próprio Toten-Marinha e, por conseguinte, com o Pai-Todo-Poderoso. Se assim entendermos, trata-se na verdade de uma relação incestuosa, que, por diversos mecanismos, é camuflada, não só pelas explicações acima (note-se que nem por isso estas também não sejam verdadeiras), mas por uma série de outras que, de certa for

ma inviabilizam o contato direto com a possível causa.

Assim, verificamos que, por parte da Marinha, a entrada, promoções e permanência das mulheres é justificada por:

(A) Lei - 85.238 - 7/10/80

Art. 1º - 1º parágrafo. (Ver página 187).

(B) Reformulação do regulamento - Lei nº 7622 - 9/10/87.

(Correção de injustiças!!) (Ver página 192).

(C) Igualdade entre os quadros ... etc. (Ver página 155).

Neste sentido, o tabu do incesto expressa a força da

Lei

"s.f.1. Regra de direito ditada pela autoridade estatal e tornada obrigatória para se manter a ordem e o progresso numa comunidade (...). 3. Obrigação pela consciência e pela sociedade. 4. Norma, regra." (Ferreira, 1985, p. 289).

De acordo com Luz Madel:

"Das regras que fundamentam as relações institucionais, as mais importantes para sua manutenção são: ordem e disciplina. A ordem, que garante a estrutura, e a disciplina, que assegura as relações sociais. Como os dois são aspectos do mesmo jogo, são dependentes um do outro (...). A base de apoio do triado do poder institucional é a hierarquia..." (1979, p. 33/34).

Sendo a Marinha uma Instituição Total (Goffman, 1987), cujo poder é tido como um dos máximos na sociedade geral, terá, mais do que outras instituições, que utilizar-se de múltiplos e verdadeiros rituais de passagem (como vem sendo descrito em to-

do o trabalho) com fins à legitimação da ordem. Uma ordem que mantém todos aqueles que, numa sociedade complexa como a nossa, vivem disputando o poder — no seu devido lugar (Da Matta, 1983).

Assim, se nos primeiros momentos dos cursos de treinamento, o sentimento vivenciado pelas mulheres era de impotência, solidão, desamparo, esse espaço que devia ser passageiro e peculiar, para cada uma das pessoas, foi sendo revertido, tornando-se abrangente e massificante. Para tal, vimos, anteriormente, como foram construídos ritos de passagem, de elevação de status, bem como os de inversão.

Pode-se, então, estar pensando que o descrito acima só serve para ratificar as questões iniciais, explicar os "ganhos" por parte da Marinha e fazer com que essas mulheres sejam vistas como "coitadinhas" ou "doentes", por ainda permanecerem nessa "casa de loucos". Mas importante torna-se frisar que, em se tratando de uma relação, necessariamente há trocas — ainda que não equivalentes. Neste sentido, "ganhos" são apontados pelas próprias entrevistadas:

- *"Muda muita coisa, pois, antes, eu dependia financeiramente de alguém e era a pior coisa do mundo. Foi tudo. De nada adiantava eu ganhar uma herança e eu, novinha. Foi muita vivência. Mas o negativo é essa coisa de obediência."* (Cabo Olinda).
- *"Eu aprendi que não vale a pena a gente se queimar sempre. Você se desgasta muito, você sofre... Eu aprendi isso. Eu tenho mais segurança comigo mesma pra resolver meus problemas, mas perdi a liberdade..."* (Tenente Augusta).

- "Amadureci. Acho que, também, eu não estou me sentindo apenas mais alegre. Estou bem comigo. Eu era mais sonhadora. Perdi a inocência, aquele sonho..." (Sgto Consuelo).

É possível que, ainda assim, percebamos mais perdas do que ganhos, e que tudo nos pareça incoerente, confuso. Não estranhe, pois esses sentimentos também foram narrados de forma enfática, como se pode observar no seguinte relato:

- "Amadureci bem mais rápido. Tinha um complexo de rejeição. Hoje sei conviver com ele. Tinha que morrer. Hoje me basto, sou mais respeitada, sou acomodada. Mas não dependente. Sempre fui muito rebelde. Adquiri mais liberdade em termos pessoais. Não sei como aturo até hoje..." (Sgto Georgete).

Mas lembre-se que, se tudo parece contraditório e caótico, é porque na verdade o mundo é dialético, a regra e a não-regra fazem parte do jogo.

"... a desordem estraga o padrão, ela também fornece materiais do padrão. A ordem implica restrição; (...) Assim, a desordem por implicação é ilimitada; nenhum padrão é realizado nela, mas é indefinido seu potencial para padronização. Daí por que, embora procuremos criar ordem, nós simplesmente não condenamos a desordem (...) Simboliza tanto o perigo quanto o poder." (Douglas, 1976, p. 117).

- "No início ... logo que voltei da escola de oficiais... tive... insegurança... A Marinha te obriga a crescer mais, acelera mais. É porque tenho que conversar, conviver com pessoas de idade completamente diferente da minha. Manter o equilíbrio para chefiar essas pessoas. Você tem muito mais responsabilidade. É o fardo da farda." (Tenente Miracema).

Logo, passamos a validar a perspectiva do tabu, do incesto, do pai "... não somente como expressão da lei, mas, so-

bretudo, como o império do desejo." (Augras, 1989, p. 28). Daí porque tamanha "incoerência" por parte dessas mulheres, quando permanecem na "casa de loucos". Fazendo elas parte do jogo, ri tualizam um processo ainda mais arraigado e profundo: Marinha e Mulher desejam, uma, o poder da outra (id. ibid., 1989). Por outro lado, num primeiro momento, difícil foi pensarmos esta relação tendo em conta ser a Marinha uma instituição da ordem. E nesse ponto se fez necessário refletir, para então concluir que, ao "abrir as portas para as mulheres", a Marinha não estava se opondo aos seus princípios básicos. Ao contrário, por reconhecer o poder da mulher como ser ambíguo (ver Cap. III.2), a meaçador, é possível que tenha verificado que

"A intenção de matar opor-se-ia à reflexão de que o inimigo podia ser utilizado na realização de serviços úteis, se fosse deixado vivo e num estado de intimidação." (Freud, Vol. XXII, p. 247).

O que foi intentado, segundo nossa compreensão, com a própria criação do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha que, em todos os seus aspectos já deixa antever, foi poder ser a mulher uma militar, mas não como os demais. Ou seja, alguém que convém se ter como aliada e não como inimiga, mas que terá limites (inclu sive de posto e/ou graduação) para não se tornar mais poderosa. Desta forma, a Marinha do Brasil, consegue aparecer para as mu lheres, e talvez para todo o Brasil, como a Força Armada mais evoluída, a que está mais aberta para novas idéias, a pioneira. Logo, a que está apta para ser a aliada do "sexo frágil", o que é realimentado no dia-a-dia dessas mulheres quando, por n mecanismos, obtém a aquiescência destas em diferentes situa-

ções, fazendo-as se sentirem protegidas, paternalizadas, mimadas.

- "Eu me sentia assim, assim protegida... sempre tive muita atenção, cordialidade... me tratavam/tratam como uma louça... mas dentro do militarismo..." (Tenente Clotilde).
- "... na hora em que eu cheguei, o chefe do departamento tava de férias né? Aí me falaram: olha, ele é horróso, ele é triste, vai fazer isso, vai fazer você chorar, as secretárias dele choram todo dia, e não sei o quê, patati patatã, eu tô com pena de você, elas falavam pra mim... Acabou que a gente se deu muito bem, e ele, ele ouvindo algumas ligações de telefone minha com a minha mãe, botou na cabeça dele que eu era a filha idealizada que ele nunca teve, que ele só teve 4 filhos rapazes, me adotou como filha, é mole? Então ele tinha o maior carinho por mim; eu precisava sair mais cedo para ir às aulas na faculdade, nunca tive problema, ele nunca, nunca colocou nenhuma objeção; estudei tranquilamente. Quando ele foi pra uma... lá pra Jacarepaguã, lá na psiquiatria, aí ele me chamou pra ir com ele, eu: não, não vou, não vou, não quero; ele: vamos lá só pra visitar. Fui lá, adorei né, clima de fazenda, é só sítio, cheio de jaqueira, mangueira, um barato lá, lá é ótimo, aí fui pra lá. Ele foi ser chefe do departamento, eu também fui com ele né? Passei 6 meses lá, com ele, aí ele foi pra casa, pra reserva. Aí ele falou assim: olha, a hora que eu tenho pra fazer alguma coisa pra você é agora, quer voltar? Eu não, quero ficar aqui, fiquei lá até ir para a escola de sargento." (Sgto Florisbela).

Através desta identidade de interesses observamos

"... o surgimento de vínculos emocionais entre os membros de um grupo de pessoas unidas — sentimentos comuns, que são a verdadeira fonte de sua força." (*id. ibid.*, p. 249),

haja vista que, somente a lei, não dá conta da manutenção do grupo.

- "... Eu me sinto militar na hora que falam mal da Marinha nê, que eu quero pegar logo a pessoa, brigar com ela, fico danada da vida, eu posso reclamar, você não pode dizer nem que é bonito, aquela coisa, eu me sinto militar nesse lado. Eu gosto muito da Marinha nesse sentido. A gente percebe que gosta muito, por exemplo, quando tem esses noticiários dizendo que os militares... tã tudo errado que não sei o quê, a gente já acha que o que tã errado é o mundo, aquela coisa. Eu me sinto militar nesse lado, muito pro lado emocional da coisa, não do lado de, esses protocolos todos, eu acho muito bonito nê, mas eu não sinto essa necessidade de andar fardada, esse negócio, eu não me sinto muito assim, não. Agora, a gente tem muita vontade de trabalhar mesmo pra, pela Instituição e a coisa da ligação humana que na Marinha aqui é muito forte nê, você se sente parte de um grupo, de uma família, eu gosto da Marinha nisso tudo." (Tenente Miracema).

Vê-se então que a criação do CAFRM*, ao mesmo tempo em que aponta, sinaliza a diferença, cria objetivos comuns, sentimentos de corpo, levando todas a vivenciarem o sentimento de igualdade perante a lei, e mais, fazendo com que as mulheres, por alguns momentos, sintam deter mais saberes (poderes) do que os homens.

- "... profissionalmente as mulheres são muito capazes, a maior parte do tempo, mais capazes do que os homens, porque tem uma visão mais geral das coisas. Tem uma preocupação também com o futuro nê, não é muito imediatista, é mais equilibrada pra decisão, tã falando no geral sabe, tem o pessoal da exceção." (Tenente Perpétua).

Sem se darem conta de que nas situações rituais

"... os homens são libertados da estrutura e entram na 'communitas' apenas para retornar à estrutura, revitalizados pela experiência da communitas..." (Turner, 1974, p. 157).

Assim, as mulheres, ao terem saído para rua pensando obter li-

berdade e independência, encontram-se, na verdade, cerceadas.

- "... Minha intenção era oh, liberdade!... quando entrei no ônibus, comecei a chorar. Parecia que tinha perdido uma parte de mim." (Sgto Georgete),

pois acabam tendo que restringir

"suas ações de acordo com as simetrias e hierarquias que vêm nisto, e lutam continuamente pra exprimir sua visão da parte relevante da estrutura..." (Douglas, op. cit., p. 124).

Podemos verificar este processo, dando continuidade ao relato da Tenente Perpétua, anteriormente descrito (ver pág. 125).

Tenente Perpétua / Pesquisadora

- "Então, profissionalmente, a gente é muito ouvida; agora, nem sempre é muito acatada. Você dá a sugestão, mas pode não ser ela a aceita.

Pois então, como é que é isso?

- Aí você fica no impasse: se a coisa é a consideração pelo sexo feminino, ou se é pela sua patente. Eu não posso te dizer a experiência, ainda; se isso é uma coisa ou outra, porque tem a patente, que também influencia tremendamente. Isso não acontece só com o pessoal feminino. Quando você ainda é um 2º tenente, você pode ter a visão do mundo inteiro; mas se você é um 2º tenente, então às vezes a sua sugestão não é a política que a coisa tá querendo. Não é por ali que a banda toca e aí fica muito difícil. É a coisa também de você ser muito idealista; quando você é um 2º tenente, você ainda não sabe como é que são as regras do jogo. Você ainda não entende bem por que a sua sugestão não é acatada. Porque quem tá acima já assistiu a esse filme e acha que não vai dar certo. Na maioria das vezes você coloca muita dose de otimismo nas coisas. Sabe? Você acredita muito que as coisas podem dar certo. Mas a pessoa que tá além já viu passar, já viu que muita coisa vai impedir, então corta. Aí você se sente meio desprestigiada, aquele negócio; mas no futuro é que você vai entender que realmente não iria dar certo, por uma série de circunstâncias; não é nem só porque tá em cima, mas também pela tradição de quem vem de

baixo. Tem muita coisa de vício; muita coisa que sempre foi assim."

Mas, se novamente estamos a pensar "coitadinha da mulher militar", é preciso não deixarmos que as aparências enganem e acompanhemos estes três relatos:

Tenente Dalila / Pesquisadora

- "Existe uma discriminação, por uns. Essa discriminação não é ruim, porque eles continuam te achando mulher, a pesar de ser militar. Então, eles colocam num nível, na hierarquia deles, mais elevado o fato de eu ser mulher do que ser militar. Então, aquele lance de elevador, param pra eu entrar. Tem outros que não. Tem outros que parece que têm machismo, eles fazem exatamente o contrário. Fazem questão de te colocar lá embaixo, pelo fato de você ser mulher e parecer que está invadindo o espaço deles... quase dois extremos: ou paternaliza, ou então faz-se muito mais presente esta coisa de hierarquia, que flui naturalmente. A maior parte deles, graças a Deus, te tratam como profissional, não é nem como militar.

Você tem esse respeito aqui dentro, como profissional?

- Tenho... Volta e meia, foi o que eu te falei, né. Eu tive um aborrecimento agorinha a uns 10 minutos, antes de você chegar, porque uma pessoa que não é formada, é um oficial, mas muito mais antigo do que eu, não é formado na minha área e se acha no direito, pelo fato de ser mais antigo, de dar o palpite dele ou até emitir uma conclusão sem ter o conhecimento técnico sobre aquele assunto. De vez em quando aparece um ou outro, mas é muito raro.

E nessas situações?

- Nessas situações, eu me imponho. Eu não deixo passar não. Eu posso levar cadeia, posso levar parte de ocorrência, mas isso eu não deixo passar, isso eu não admito. Eu acho que a Marinha quando contrata a gente, por que isso é um contrato de trabalho, está contratando um profissional, ela não está contratando um militar; ela não está contratando para ir a guerra. Militar pra mim é para ir para a guerra. Ela está me contratando porque eu sou mão-de-obra mais barata e sou um profissional como outro qualquer..."

- "... Se eu estou trabalhando com uma pessoa, eu não gosto de entrar em atrito com ela. Entrar em atrito tem que ser a última coisa a fazer, porque, a partir do momento que eu for entrar, pronto. Aí, eu sinto muito, mas eu não consegui crescer o suficiente pra desmanchar a coisa. Ah, não. Vamos brigar? Tudo bem. Então, a gente briga. É assim que vale. Uma vez houve um desentendimento lá... Eu saí de licença. Quando eu cheguei, o fuzuê já estava armado. E o que eu fiz? Eu fui perguntar por que ele (o sargento) tinha tomado aquela atitude na minha ausência. Por que ele não me consultou primeiro. Aí, ele simplesmente disse que era mais antigo que eu. Aí, sabe o que eu fiz? Fui direto ao superior e disse: Olha, eu sei disso, disso e disso e não admito que se tome uma atitude dentro do meu setor, quando eu sou mais antiga, porque, quando é pra me cobrar, todo mundo lembra que é mais antigo, quando é pra dar satisfações ninguém lembra. Não, eu não aceito isso. Ninguém é bibelô. A gente não é bonita o suficiente pra enfeitar. Então eu não admito. Aí, pronto. O homem virou uma fera. Disse que eu passei por cima dele, que ele me considerava uma amiga. Um tremendo falso. Ele fofocava a beça da gente. E eu achando que era amigo da gente, heim?! Eu cheguei pra ele e falei: - Olha, sinto muito, eu posso ter errado, mas eu já cometi o erro na vida. Não vou voltar atrás na minha decisão. Eu achei que era o mais certo. O senhor tinha que ter me consultado, porque, da mesma maneira que o senhor é sargento, eu também sou. O senhor não podia ter passado por cima de mim. E acabou." (Tenente Augusta).

- "No começo, eu tive que me impor, porque determinadas pessoas (as praças), aqui, estavam tentando me desrespeitar. Exatamente por ser a única oficial mulher. Mas aí eu rodei minha baiana, com toda delicadeza e a coisa agora está fluindo naturalmente. Com os oficiais é outro tratamento. Eu acho que eu sou tratada por eles como um bibelô. Eles falam até que não existe diferença entre o militar mulher e homem. Eles ficam de brincadeiras. É tudo brincadeira." (Tenente Creuza).

De acordo com M. Douglas (op. cit., p. 125):

"parece que os indivíduos estão, no contexto apropriado, cientes de todas essas estruturas e de sua relativa importância. Nem todos têm a mesma idéia sobre qual nível particular da estrutura é relevante num dado momento.",

o que, segundo nosso entender, possibilita que o jogo do Poder seja jogado de diferentes formas.

Nos exemplos acima, o que vemos é o ser ambíguo, que quer o poder, mas não os encargos — quer o mimo, a proteção, a maternalização, mas não a diferenciação em relação aos homens. É a mulher, tal como é apreendida pelo outro lado — o dos homens, que, por sua vez, nos relatos, aparecem como seres que só sabem discriminar, abusar.

- "... além do quê, eles sempre fazem mau juízo... a militar não veio servir à Pátria, à Marinha... veio servir aos homens da Pátria... Isso me afetou muito... me passou a mão, taquei-lhe a mão... mas só viram a minha agressão ao oficial... Não viram o que ele fez... foi uma loucura... foi quando descobri que era o que eles pensavam." (Sgto Lucíula).

"O recrutamento das corporações era estritamente regulamentado. (...) Os obstáculos opostos à passagem (...) espécie de pressão tradicional que obriga o indivíduo a não progredir senão na estreita secção onde começou. (...) para manter a compartimentalização (...) não evoluem exceto durante períodos especiais." (Van Gennepe, 1977, p. 95/96).

"Será que esse dispositivo não teria também a finalidade de mantê-lo afastado da fonte de poder? Será que as proibições não servem antes de mais nada para convencê-lo de que todo poder é perigoso?" (Augras, op. cit., p. 45/46).

Será a discriminação unilateral? Vejamos o relato abaixo.

Tenente Miracema / Pesquisadora

- "Não senti a discriminação latente, não; mas essa discriminação, ela existe muito, não sei se é a mulhermesmo que impõe a tal discriminação ou se é uma coisa que se vem impondo a ela. Não sei como é que é, porque são

muitos casos nê, não digo em relação a minha pessoa, porque nunca aconteceu, pelo menos por enquanto. Mas em muitos casos, o próprio Corpo Feminino se impõe de uma maneira diferente, nê?

Diferente, como?

- Assim, quando a coisa é pra beneficiar, o Corpo Feminino briga muito por ele, nê? mas, se o regulamento vai igualar as partes, aí lembram-se que são femininas. Então fica complicado as pessoas se julgarem assim. É a coisa do machismo brasileiro que impera, e que não vai acabar, porque a coisa de você entrar primeiro num elevador e de você sair primeiro, ninguém admite nê, que é porque você tá de saída. Uma vez eu brinquei muito com o meu chefe e disse que ia passar a usar calças compridas, pra ver se as coisas ficavam iguais, nê? Ele achou engraçado. Então falei: - O senhor é mais antigo, muito mais antigo, fica me dando passagem no elevador, nê, fica um negócio estranho.

Isso acontece?

- Ainda acontece muito, acontece muito, não sei se é pelo meu jeito, também, porque o meu tipo é meio mingon, nê, então as pessoas não levam muito a sério a coisa da autoridade, é meio complicado, nê? A mesma coisa é chamar ela de menina, de filha, tratamentos que não se têm com o pessoal masculino e tem muito no CAF*. Acho que pela própria maneira de o CAF* se portar, porque o CAF* é um militarismo suave, nê, não é uma coisa de bater pē no chão. Aqui mesmo a gente tem o exemplo da tenente aí dos serviços gerais, porque o trabalho dela é tipicamente masculino. Sô que, na hora dela subir no telhado, fica a maior confusão nê, toca o maior rolo. Com o pessoal masculino não ia acontecer isso. Nesse lado eu acho que ainda falta muito. Administrativamente, o pessoal que tem função aqui de escritório, de gerência, de projeto, essas coisas, eu acho que não teve o menor problema, não; mas quando a coisa parte realmente pra ação nê, eu fico imaginando a hora de uma guerra. Ter que embarcar essa mulherada, vai ser engraçado nê, vai ser muito engraçado. Mesmo porque a gente tem tipos que não conseguem aceitar essa igualdade, do lado feminino mesmo não tem. Tem muita garotã ainda na época da dondoca e tal, que agrada na entrevista, aquelas coisas assim. A gente percebe que tem gente que não leva jeito pra uma hora de guerra, não. Eu acho que essa parte aí fica meio difícil, porque a Marinha já criou Corpo Feminino com o lado de ficar em terra nê. Aí já criou assim com ar de estampa, nê?

Pois, nesse momento...

- A mulher, o protecionismo, todo o lado discriminatório já vem na criação, aqui você acha que tá sendo privilegiada, mas na verdade você tá sendo discriminada, né, a coisa do privilégio, aí, é muito pela cabeça do pessoal, que fica acomodado naquilo. Mas eu acho que isso não é privilégio né, porque te deram um direito pela metade.

Mas eu tenho visto as pessoas pegarem muito pelo privilégio, e não pela discriminação...

- Porque fica muito mais fácil te levar, você achando que tá sendo bem tratada, do que você tá sendo discriminada, é claro, a palavra é até mais bonita. O lance de dar serviço armado, quer dizer, claro que é horrível dar serviço. Acho que nem os homens suportam dar serviço né, e armado ainda fica mais triste, porque fica o peso da arma e tal. Então você se agarra nesse privilégio de não dar o serviço, mas é pior. É pior porque na realidade você está sendo discriminada. Não estão dizendo que você tá tendo o privilégio de não segurar uma arma pesada, sim que você não tem capacidade de segurar aquela arma, dar segurança aquela instalação. Na realidade não estão te dando crédito."

Portanto, já é o momento de não mais pensarmos estas mulheres como frageizinhas, coitadinhas, mas pessoas que vivem os sacrifícios como forma de crescimento, sobrevivência, passagem para um mundo melhor. E, neste jogo, tanto são descartadas como descartam, ou melhor, discriminam e são discriminadas. Com isso, vimos realimentado o processo bastante sutil de colocar cada um em seu devido lugar, demarcar posições hierárquicas, permitindo

"... contaminações de todos os domínios por apenas um deles, tomado como básico (...) — é a dramatização do poder como elemento totalizador..." (Da Matta, op.cit., p. 78).

V.1 - A NOMIZAÇÃO DA VIDA DIÁRIA

O ser humano, enquanto ser ativo, criativo e com um enorme potencial de mudança, não é determinado nem determina o social. É um ser dialético, consciente de suas fraquezas, mas que busca incessantemente o poder. No fundo, todos gostariam de ser reconhecidos por um "SOIS-REI", afirmativo desse poder, como se pode observar no relato que se segue:

Civil Janete / Pesquisadora

- "Era ordem do dia... a primeira foi essa... porque foi uma coisa que me irritou demais... eu só queria ter poder para, para acabar... Não esqueço aquele dia quando aquele baixinho... que tinha lá... como é que é o nome dele?

Acho que é... é José.

- É, José. A gente botou um apelido nele, por causa da aquele programa do Jô Soares... porque parecia... parecia com ele em tudo... Pois é, então eu... Sois Rei... Sois Rei deu a primeira ordem do dia e foi essa: Não fazer..."

Porém, neste processo de vir-a-ser, parecem desprezar em alguns momentos, a dialética existente, pois que a vida é um eterno paradoxo. Assim, a cada ocorrência de crise, esta é experienciada como predição do fim do mundo e as mulheres tendem a abafá-las na tentativa de restabelecer o equilíbrio homeostático que, na verdade, só faz manter o indivíduo na mesmice — mas seguro de sua posição. É com esta perspectiva que apreendemos as mulheres num processo de

"... Quereriãmos ver e temos medo de ver. Eis o começo sensível de todo o conhecimento. Nesse começo, o interesse ondula, se confunde, volta." (Bachelard, s/d, p. 91);

o que, por conseguinte, garante, entre outras coisas, que situações tidas pelas mulheres como revoltosas, num primeiro momento, sejam justificadas, explicadas, aceitas e compreendidas no momento seguinte.

- "Eu morria de raiva e ódio daqueles caras... eles nos tratavam como animais... hoje, eu sei que não podia ser diferente... eles tinham que mostrar o que era ser militar..." (Sgto Conceição).
- "Então eles têm que levar um forinha, educado é claro... até onde você pode, dependendo da hierarquia ... tipo: o meu noivo é assim... aí teve uma vez: 'o fulano' chegou e perguntou a idade do meu noivo... aí, já falei assim: ele é 2 anos mais velho do que eu. 'Ah! muito novo ... Você tem que pegar uma pessoa já vivida, que tenha tudo na vida, estabelecida...' E essa pessoa já era mais velha do que meu pai. Aí eu não podia responder como eu queria... por causa da hierarquia. O que deu para responder foi: Não, eu quero um marido e não um pai, pai eu já tenho... Não é o tempo todo, sabe? Mas tem muitos... Acho que é normal em qualquer lugar... Não ligo." (Tenente Brígida).
- "Foi horrível o tratamento, mas tinha que ser assim, se não viraria bagunça..." (Sgto Euvira).

Vê-se que, através de diversos e diferentes mecanismos, tanto a Marinha como a mulher caminham em prol de seus objetivos; na verdade um só: Poder. Um poder que é dramatizado através da dialética não só

"... do pequeno e do grande, a dialética do ser livre e do ser acorrentado: (...) do complexo de medo e de curiosidade..." (Bachelard, op. cit., p. 91);

mas do ser igual e diferente. Pois tudo se dá

"... como se a elevação (...) pudesse provocar a união de todos e, conseqüentemente, o fim das diferenças..." (Da Matta, op. cit., p. 78).

Vejamos, então, o relato abaixo.

Sargento Consuelo / Pesquisadora

- "... Ser mulher e que, por ser mulher, não vai ser competente igual a ele, que é homem. E isso não tem cabimento, né? Funcionalmente... Eu acho que só fisicamente é que vai existir uma diferença. Eu nunca vou poder carregar um troço, lógico que eu não vou. A condição física é diferente, mas profissionalmente, pra mim, são pessoas. Não é porque a mulher é melhor, o homem é melhor, é igual. Então eu não admito...

Tem essa expectativa?

- Tem. Tem gente que não. De vez em quando a gente ainda escuta pessoas dizerem..., tem até alguns chefes que têm lá os seus defeitos, mas dão o maior ponto pro CAF*. Ele diz que... Ele acha que: 'pôxa eu sei que botando vocês... são mais organizadas, são mais isso, são, sabe... Vão ficar mais tempo aqui, têm mais dedicação ao trabalho, aquela coisa toda'. E eu acho que sim, eu acho que depende da pessoa. Eu já conheci muitos homens, muitos militares excelentes, muitas garotas pssimas, horrorosas, sabe, é igual. Eu acho que a mulher veio pra mostrar que é igual, que pode fazer ou não... O CAF* só vai provar... Demora muito, nos Estados Unidos tem militar até hoje... Até hoje vive a briga lá. Não querem que as mulheres façam manobras, aqueles generais antigos, não querem que façam isso, não querem que façam aquilo... Isso vai existir sempre. Então é uma ... aquela idéia de militar, aquela ditadura, aquele autoritarismo, aquele radicalismo, é isso... Quando eu vim pra cá, era justamente aquela coisa de provar..."

Observa-se que, na tentativa de igualar-se, omite-se que o chefe, a autoridade

"... são todos aqueles que ficam no alto das hierarquias, abrangendo tudo e somando em suas pessoas todo o sistema social. Todos os outros são, pela lógica da categoria, fêmeas ou meninos (...) pois diante do líder e do patrão tudo deve ser a um só tempo inferior e complementar." (id. ibid., p. 244).

Da mesma forma costumam funcionar os ritos autoritários, que se

param as posições sociais, sinalizando as diferenças existentes, e, no entanto, negadas. Negadas, não por pudor ou moral, mas como modo de evitar conflito, o caos que se instalaria se comparassem Lei, Decretos, com as práticas de vida. Assim, a Marinha intenta domesticar o poder da fêmea, do ser marginal que permeia os dois mundos, sem, na verdade, fazer parte de um ou de outro.

Por outro lado, essas mulheres que buscam (vam) o poder do Pai — ingresso/permanência no reino cultural (pois no da natureza já são rainhas — não sei se sabem), obtêm-no brincando de faz-de-conta, ao tentar apagar, atenuar diferenças, colocando o outro como um igual. Todavia, até o seu nome não tem valor, nesta comunidade em particular, senão acompanhado de uma designação, título e um número "... *classificador social e de poder: um instrumento destinado ao estabelecimento de descontinuidade na ordem social.*" (*id. ibid.*, p. 245).

A bem da verdade, reconhecemos, o poder por elas obtido não é fácil, nem tranquilo — aliás bastante doloroso e conflituoso (não esqueçamos que o poder anterior da Marinha não só é assumido mundialmente, como também legitimado através do tempo e da força), chegando a ser objeto de ambigüidade, porque "... *amor e morte estão juntos, porque um gera o outro e reciprocamente para sempre...*" (Augras, *op. cit.*, p. 28).

Enquanto apenas algumas mulheres fizeram referência ou exemplificaram situações em que ficou "... *revelada uma enorme preocupação com a posição social e uma tremenda consciência de todas as regras (e recursos) relativos à manutenção, perda ou*

ameaça dessa posição." (Da Matta, op. cit., p. 144),

- "... Você fugia um pouco do ambiente em que você tava convivendo, muda de OM*, porque afinal de contas você é superior aos outros que ficaram. Então não é bom você voltar pro mesmo local." (Tenente Noêmia).

as demais pareceram viver as regras, as normas, sem consciência das mesmas.

"Quando nós vivemos regras sobre as quais sentimos que não temos nenhum controle, pois são normas inflexíveis, classificamos a situação de modo especial: ou estamos jogando, ou estamos vivendo um contexto dramático, como o aprisionamento numa cela. Realmente, nestas condições, são as regras que nos vivem e somos nós quem por elas passamos, sem nenhuma condição de modificá-las." (Da Matta, 1984, p. 49).

Percebemos ser decorrente daí a maior fonte de conflitos dessas mulheres, tendo em vista que o "... o poder (ē) concebido como fonte de saúde, vida, fertilidade, influência política, riqueza..." (Leach, 1978, p. 100); e que para tal elas enfrentaram toda uma passagem que, agora, nesse novo **status**, ainda não deixa que desfrutem os poderes dos fortes, como havia sido imaginado.

- "(...) então, quando terminou a formatura, que fez o juramento... é 'eu prometo cumprir os deveres de sargento', eu falei: Uê... vão dar uma cartilha pra gente?, porque aqui não aprendi nada... eu saí da escola de sargento e não sei quais são as minhas obrigações e mesmo ser sargento não era tão importante quanto eu achava..." (Sgto Socorro).
- "... Aí, sou 2º tenente... mas, pelo visto, 2º tenente também não é nada... pois não há respeito... até marinheiro rebarba..." (Tenente Perpétua).

Como proceder? O que fazer? Sair ou ficar? Ao que nos parece, as mulheres que saíram, dando baixa*, foram procurar seus deuses em outras casas. Quanto às que permanecem, o conflito parece funcionar, ainda, como vivência de um devir que, mesmo ilusionado, possibilitaria "... morrer neste mundo para renascer no outro mundo, com mais poder, com outro tipo de personalidade." (Augras *in* Pitta, *op. cit.*, p. 40). É como se dissessem:

"É sacrifício necessário. O meu poder depois vai aumentar muito. Então essa defesa, bastante útil para sobre viver, nos permite também apreender o que talvez possa ser realmente o significado existencial desses ritos (...) é uma Morte Buscada." (*id. ibid.*, p. 38/39, grifo nosso).

- "Olha, Fátima... todos os cursos são uma morte... Agora o que compensa é saber que a vida... no dia-a-dia não é assim, e que pelo menos nós estamos seguras..." (Tenente Clotilde).
- "Levei seis anos para ir a oficial, porque não abria para minha área... a passagem significou o meu nível..." (Tenente Creuza).

É claro que aqui, também, elas não estão sozinhas, pois se "o tabu é lei, sua transgressão também é lei." (Augras, 1989, p. 57). Assim, os chamados e decantados privilégios das mulheres em relação aos homens, ou são advindos dos ritos de inversão, ou do próprio estímulo por parte das autoridades, para que os tabus sejam transgredidos.

"Do ponto de vista cognoscitivo, nada realça melhor a regularidade que o absurdo ou o paradoxo. Emocionalmente, nada satisfaz tanto como o comportamento extravagante ou ilícito temporariamente permitido." (Turner, *op. cit.*, p. 213).

Com isso ratifica-se o princípio hierárquico e proporcionam-se defesas para o "eu".

No primeiro caso, trata-se de um ritual de duração mínima em espaços de tempo bastante distanciados uns dos outros. No segundo caso, observa-se uma maior incidência das violações e, por conseguinte, a necessidade de um número maior de reparações. Seja como for, o que ambos parecem explicitar é "...o caráter arbitrário do poder (...) o poder não tem sentido. Ele faz sentido." (Augras, op. cit., p. 57/58), o que pode ser observado ainda mais enfaticamente através da aplicação das leis, dos tabus, para diferentes pessoas, bem como das diferentes reparações para um mesmo tabu:

- . Se praça, então cadeia. Se oficial, então camarote*.
- . Se apadrinhada, então esquecida a transgressão (ver relato p. 63).
- . Se conchavo (sexual com superior) então zeladora da ordem e não dedo duro (ver relato p. 62/63),
- . Se conhecido o segredo, então calar-se para não ser punida (ver relato p. 61).
- . Se não bem relacionada, então bode expiatório. Almanaque abril, 1983 - 1ª Cabo desertora.

Logo, o que muda não são os tabus, mas as pessoas, ou melhor, a posição que ocupam — o poder que detêm.

CAPÍTULO VI

IDENTIDADE FEMININA DA MULHER DE MARINHA

Ao iniciar a reflexão sobre este capítulo, ocorreu-nos de imediato que deveríamos sintetizar a questão primeira: o porquê de a pesquisa haver sido realizada, ou seja, a compreensão de como é vivida, sentida, pensada, construída, recriada, a identidade feminina da Mulher de Marinha, enfim, qual a sua visão do mundo. Contudo, um sentimento de estranheza adveio ao pensarmos este título, que nos pareceu incoerente, redundante. E devemos confessar termos levantado hipóteses quanto a ser esse um erro. Teríamos inicialmente percebido a identidade como una, e, portanto, em se tratando de mulher, o fato de ter que ser vista exclusivamente como feminina? Ou estaríamos também dicotomizando — feminino/masculino? Não, não poderíamos, pois, independente do aprofundamento teórico realizado, mesmo quando este trabalho era ainda projeto de pesquisa, vivencialmente não compartilhávamos desta perspectiva unicista. Por outro lado, como explicar que um projeto que foi avaliado por pessoas de respeitável saber científico não apontasse tal erro, como agora o percebíamos? Única resposta emergia — não está errado! Nem poderia, pois seria uma negação de tudo o que foi descrito ante

riormente e validade pelas próprias entrevistas. Ingenuidade, ofuscamento mental, crise, conflito — confessamos. Mas acreditamos que só a partir destes sentimentos e vivências pôde "sair" a renovação, o nosso saber, a satisfação de ter atingido o objetivo. Identidade Feminina da Mulher é redundância, sim! Trata-se, pois de redundância no mesmo sentido de Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha. Ou seja, redundante no sentido de demarcar, apontar, legitimar as características "superabundantes" que detêm este ser e, ao mesmo tempo, também é apontar diferenças, possibilidade de transformação, reversão, conversão. É sinalização dos opostos, é explicitação da "identidade". A mulher, "ser frágil", por não ser considerada tão boa quanto o original (o homem), fica na reserva, no limbo, e só será utilizada quando o titular (homem, ainda) apresentar algum problema. Relembremos, então, o significado de Reserva:

"Sf. 1. Ato ou efeito de reservar(-se). 2. Aquilo que se reserva ou guarda para circunstâncias imprevistas. 3. Grupo de cidadãos que cumpriram os requisitos legais do serviço militar, mas ficaram sujeitos a incorporar-se às fileiras, se necessário. 4. Parque florestal que serve para assegurar a conservação das espécies animais e vegetais. 5. Retraimento, recato. 6. Ressalva. S2g. 7. Bras. Atleta que substitui o efetivo quando necessário." (Ferreira, 1985, p. 415).

Assim, a mulher militar, ao término do curso de adaptação, é convocada para o serviço ativo, permanecendo, porém, no mesmo quadro do C.A.F.R.M.*. Neste serviço, somente exercerá funções técnicas e administrativas em terra (cap. 1, art. 1º, parágrafo 1), não para ir à guerra. Mas caso isto seja necessário, (somente numa emergência), ela ocupará a retaguarda e não a linha de frente. Tudo faz sentido, pois recato, retraimento,

auxílio, são características apreendidas na nossa sociedade como pertencentes ao sexo feminino. E ainda, mulher quer significar esposa "*em relação ao marido*." (Ferreira, *op. cit.*, p.200). Portanto, por um lado, ser que tem que ter resignação e fé — ficar a postos no seu devido lugar e esperar, "rezar" talvez, para que o "técnico" lhe dê uma chance de mostrar quão bom pode ser para aquela posição. Por outro lado é ser forte, poderosa, já que imprescindível, como podemos ver através da própria definição de corpo.

"1. A parte central ou a principal de um edifício. 2. A substância física, ou a estrutura, de cada homem ou animal (...). 7. Estrutura, contextura." (Ferreira, *op. cit.*, p. 128).

Logo, esta redundância na verdade revela, explicita, a duplicidade, não somente no sentido de desdobrar-se, mas de ser duas vezes maior que o outro. Note-se que o maior não emerge por ser esteticamente mais bonito, perfeito, melhor, e sim por:

Pertencer o homem a um mundo: cultura

Pertencer a mulher a dois mundos: natureza e cultura

O que implica a mulher

Ser igual ao homem;

Ser diferente do homem.

A partir dessa compreensão, vejamos como se processa essa identidade feminina.

VI.1 - CONSTRUÇÃO E RECRIAÇÃO DO CORPO

Qual corpo? O da mulher ou do Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha? São uma mesma coisa, apesar de diferentes em tudo. Pois, que o corpo da Marinha se apresenta como:

Marinha: foi criado com fins a domesticar o corpo das mulheres e "retirar-lhes" um dos mundos, o que implicaria para aquelas perda de poder, força e para aquela (Marinha) legitimação da hegemonia dos homens; mas tudo tão sutilmente representado e habilmente engendrado, que aquelas (mulheres) ainda se sentiam gratas, agradecidas por saírem do anonimato.

- *"Você tem a impressão de que conhece pessoas com mais capacidade, tem impressão de que está num ambiente mais selecionado, que é uma pessoa diferente na multidão... aquela coisa meio de estrela, mas não pelo lado da beleza, mas pelo valor intelectual... assim feliz por ter surgido essa oportunidade na Marinha."* (Tenente Miracema).

Enquanto isso, eis como se define o corpo de mulher:

Mulher: foi recriado com fins a neutralizar o poder daquela (Marinha), o que implicaria para os homens a perda do poder hegemônico, e, para aquelas (mulheres), a possibilidade de tornar-se uma igual.

- *"Aquele espírito de corpo que eles conseguem formar... acho que é positivo... mas você tem que abrir mão, muito, da sua individualidade para poder viver em grupo, eu acho isso positivo... Agora negativo, ... você sabe que tem as protegidas. Você se esforça, estuda para fa*

zer tudo direitinho, aí chega no final você não é engraçadinha, você não dá confiança para o tenente ... Então já viu, né?" (Tenente Manuela).

A construção/recriação da identidade é um eterno jogo dialético. Mas para que isto não seja visto como uma fantasia, no sentido patológico — ou seja, visão idealizada por aqueles que distorcem, escondem ser possível mais de uma verdade e que, dessa forma, obtêm a legitimação do saber mantendo as idéias (instituição) do normal versus patológico — importante se faz que apreendamos a identidade através das representações de papéis.

"Definimos papel social como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formado pelas mesmas pessoas." (Goffman, 1985, p. 24).

VI.2 - VIDA CIVIL

Já era um corpo e tinha um corpo e nesse sentido, vivenciava diversos papéis; numa multiplicidade variável em função não só dos palcos, mas das interligações entre estes.

(A) Papéis

— **Papel de estudante:** recém-saídas de cursos profissionalizantes ou universitários, detinham título de especialização, mas não eram profissionais (pelo menos a maioria,

haja vista não trabalharem na área) — estudantes sem o serem.

- **Papel de empregada:** para estas, o trabalho era percebido como sem futuro, haja vista fazerem aquilo de que não gostavam e/ou ganhavam pouco e/ou não tinham segurança, o que gerava insatisfação.
- **Papel de filha:** das que fizeram menção a esse papel não ocorreu unanimidade de vivências, pois, enquanto algumas evidenciavam sentirem-se discriminadas em relação aos irmãos (bem sucedidos), outras falaram com indiferença, outras ainda com carinho — tendo, porém, em comum o mostrarem-se dependentes.
- **Papel de esposa/namorada:** na sua quase totalidade, mostraram-se descontentes, fosse porque a própria relação conjugal deteriorava-se, ou porque a vivência insatisfatória dos outros papéis neste refletisse.

Neste sentido fica claro que a vivência desses papéis pressupõe a presença de um outro.

(B) Os outros significativos ou outros personagens

"... o ser humano em desenvolvimento não somente se correlacionada com um ambiente natural particular, mas também com uma ordem cultural e social específica que é mediatizada por ele pelos outros significativos que o tem a seu cargo." (Berger e Luckmann, 1985, p. 71).

- **Chefes:** na maioria das vezes esses personagens foram mencionados com indiferença. Contudo, muitas referências foram feitas às Instituições que, de certa forma, apareciam como chefias.
- **Amigos:** apontados como elementos de troca e lembrados de maneira carinhosa.
- **Pais:** são percebidos de diferentes formas, observando-se, todavia, serem objetos de afeto.
- **Namorados/cônjuges:** para a maioria das mulheres, estes eram percebidos como pessoas imaturas, preconceituosas... e que não eram capazes de possibilitar uma "relação harmônica".

Fosse em função de como as mulheres se viam e/ou eram percebidas¹, poder-se-ia dizer que a consequência era de total ou quase total insatisfação quanto aos papéis que representavam, vivenciando dependência, impotência, e por conseguinte, inssegurança, vazio, talvez até a incerteza sobre suas capacidades.

A partir disto, entendemos que o ingresso na Marinha lhes aparecia como possibilidade de não mais ser a criança (dependente), ou a mulher (enquanto ser auxiliar, substituível), ou o indivíduo, mas de ser pessoa. De não mais ser coadjuvan-

(1) *Identidade social real — identidade social virtual, tal como em Goffman, 1982.*

te, mas protagonista de sua própria história.

- "... Eu não sei se foi porque eu comecei a trabalhar... ganhei dinheiro, tornei-me mais independente... ter um emprego seguro, e acho que ganhei confiança em mim ... Como se diz, responsável por mim..." (Sgto Mercedes).

VI.3 - PALCOS DA VIDA MILITAR - DURANTE OS CURSOS

Estreando uma nova peça, num novo teatro, as mulheres tiveram suas vidas alteradas de maneira significativa. O que acreditamos implicar (Marinha) / implicá-las (mulheres) em uma responsabilidade talvez nunca antes sentida. Tinha(m) que ser(em) ótima(s), ser um sucesso (não é assim que se caracterizam pessoas bem sucedidas, medalhões², protagonistas? espaços?).

Saída do anonimato: Como vimos, esta era a fantasia — ser alguem na multidão:

- "... a primeira vez que nós tivemos contato com o público, aquele choque de todo mundo parar, olhar no ônibus, botar a cabeça para fora das lojas... Eu sentia vaidade nê, assim, puxa eu tô bonita, todo mundo está me olhando, eu não me senti inibida em nenhum momento. Eu sabia que ia "acontecer". ... Eu acho que me achei parecida com uma estrela, que passa pela rua e é reconhecida. Isso me fez bem, eu sou sempre muito vaidosa..." (Sgto Socorro).

Com uma rotina bastante diversificada, vivenciaram múl

(2) Tal como em Da Matta, 1983.

tiplos espaços do palco: rancho*, salas de aula, ginástica, natação, ordem unida, serviços, alojamento, atividade complementar (pátio, salas especiais, ...).

Se atentarmos com cuidado, diferentemente das situações anteriores a esta, quando assumiram múltiplos personagens em diferentes espaços, aqui ocorre uma diminuição do espaço, de papéis, ou melhor, há a preponderância de um papel-militar. Este por sua vez não lhe é garantido, pois em se tratando de seleção, várias são as candidatas, e portanto há o risco de serem excluídas/desligadas da peça. São iniciantes à procura de um lugar ao sol; é preciso treinamento, pois, ao contrário do que esperavam, esse não é o papel da protagonista (ainda), mas de estudante.

Consequência desta posição é que, se querem passar de indivíduo a pessoa, de iniciante a protagonista, devem obedecer ao diretor e representar tal como ele apreende o enrêdo. O que foi realizado, como vimos anteriormente, por uma série de rituais de passagem com fins a preparação da estrela.

Lembremos, sucintamente, algumas das mudanças que se fizeram necessárias para ocorrer a internalização do personagem: Mudam de casa; cortam o cabelo; utilizam novo vocabulário; trocam a roupa civil pelo uniforme; retiram as bijuterias, enfeites e colocam as ensígnias; mudam a postura física, as atividades; obedecem à lei do silêncio; trocam a maquilagem carregada por uma sóbria, mas necessária; recebem número e nome de guerra.

Como podemos observar, trata-se de mudanças que dão ao sujeito uma nova aparência, que transformam não só a superficialidade (como se pudesse haver uma sem a outra!!), mas também, as necessidades internas, apesar de serem as mudanças impostas do exterior para o interior. O que implicou as mulheres num período limiar — turbilhão de oposições, conflitos, sentimentos caóticos. Estavam em meio à vivência de múltiplos tabus e suas conseqüentes ambivalências, transgressões e reparações, o que as levou a experienciar o paradoxo. Ressaltamos, ainda, que, se esse papel se impunha de forma maciça, isso não determinava (por mais que fosse intentado), a destruição por completo de alguns outros (antigos) papéis como se pode observar através dos seguintes relatos:

- "O casamento é o que eu te disse, eu não sou infeliz no casamento não, gosto do meu marido, a gente se respeita, se dá bem, adoro minha filha. Mas acho que o casamento é ideal para o homem, porque ganha uma mulher, empregada, passadeira, cozinheira, lavadeira; a verdade é essa. E a mulher que trabalha fora é que se dana; ela tem que trabalhar fora e dentro de casa; e quando é mãe, piorou, já é escrava mesmo..." (Sgto Gumercinda).
- "(...) Eu queria fazer a prova pra passar, ter tempo de estudar, como na outra, mas a minha vida hoje é outra — sou casada, tenho um filho que me solicita o tempo que estou em casa, por completo, ele não quer ficar com a babá, nem com o pai... durante a escola de sargento, eu tive problemas de relacionamento com o meu marido, por causa da escola, apesar dele ser militar... então eu levava a escola de sargento, a noite ia à faculdade, sábado e domingo eu estava fazendo estágio, então a vez dele não existia, e ele solicitava, reclamava... foi uma fase difícil... foram 6 meses de curso, e no final eu quis ficar grávida... Aí fiquei, e também tive problema em casa, porque ele achava que não era o momento... Agora tá tudo bem... Mas na época teve, porque ele é de formação sulista, e traz muita carga de machismo... ele não exterioriza, nem nunca assumiu, apesar de eu conversar isso com ele, mas pelo comportamento dele, pelo fato de eu estar na escola de

sargento e ele estar em casa ainda como cabo, aquilo feriu o orgulho dele de homem. Então ele começou a me exigir atitude doméstica... Foi uma barra, mas hoje, que ele também é sargento, vê como é difícil. Até mesmo o lado sexual nosso, ele me negava... principalmente quando eu solicitava... chegamos a nos separar... " (Sgto Socorro).

Tudo isto nos leva à compreensão de um processo de aproximação — afastamento em relação a si mesma, e de três importantes significações: (1) a dificuldade de vivenciar um personagem que por si só já é ambíguo/tabu-mulher; (2) vivenciar um outro papel institucional que também o é e (3) a congruência e/ou discrepância entre os dois. Nada mais natural que manifestasse um ser com múltiplas máscaras, haja vista termos apenas um ator na representação de vários personagens, quase sempre antagônicos pela função-ocupação ou, melhor dizendo, pela posição e os poderes que desfrutavam, ou não, em cada uma delas.

- "É como (...) que máscara usar para cada pessoa, porque, querendo ou não, você tem que usar de vez em quando uma mascarazinha. Se você for você, você mesma o tempo todo, vai criar inimigos... Não uso a farda, com certeza, e não preciso usar máscara. Porque com as pessoas que eu me relaciono lá fora, eu quero me relacionar... Não que lá fora eu não vá ter postura nenhuma. Não é isso, mas é poder ser mais eu... lá fora é muito diferente..." (Tenente Brígida).
- "... Lá dentro (...) acho que aquilo tudo é uma grande encenação, é um teatro... Até hoje ainda é ... saiu da li eu joga a casca fora, e venho para casa. Entrei, visto a casca, tenho que ser outra pessoa." (Tenente Manuela).

Mas estamos ainda a meio caminho, pois o papel só é definido com a entrada em cena, com estréia da peça. Aqui, podem-se verificar as múltiplas reações frente às exigências nes-

te período de treinamento/adaptação e propor possíveis explicações, quais sejam:

- pensar em abrir mão do "sucesso";
- ter atitudes de afastamento, porém não efetivá-lo;
- assinalar estarem vivendo o caos, a loucura, a incoerência de ser mulher;
- identificar-se integralmente com o objeto desejado, como forma de defesa;
- rejeitar ("enojadas") o processo, mas manter-se a partir do "jeitinho brasileiro";
- ser "bode expiatório" — não pode/não quer utilizar-se do "jeitinho brasileiro".

Dessa forma, supomos que o sonho da saída da velha casa em busca de uma nova — ingresso na Marinha, que a princípio foi encarado como possibilidade da casa sonhada, no primeiro momento do curso, desmoronou-se. Visto ser este, no linguajar da Marinha, o equivalente a um "hotel de trânsito"*, um espaço transitório, e por nós entendido, ainda, como Rua. Um espaço sem intimidade, sem canto, sem encanto. Por outro lado, um espaço novo a ser descoberto, visitado, pois que intrigante, perigoso e sujo. Um espaço destinado a vivenciar tudo, o mais intensamente possível, apesar do pouco tempo cronológico — tão insignificante, nestas horas.

VI.4 - ABREM AS CORTINAS

— **PRIMEIRO ATO:** O elenco como um todo ocupa o palco, a platéia presente se desdobra em aplausos, sorrisos, comentários, desdém, para ver face-a-face essas "figurinhas". Vídeo, máquinas fotográficas, gravadores... todos a postos para a "Avant-première". "Tudo é tão bonitinho! Como o branco impõe... tudo certinho... como conseguem? Estão fazendo igual aos homens!" Nem todos escutam o que está sendo dito através do boca-de-ferro* e perguntam entre si: - "Aquele está sendo chamada lá na frente por quê? O que é aquilo que estão recebendo?..."³ Trocam-se as insígnias.

Interessante observar-se o fato de poucas terem feito menção a este ato. Contudo, não deixamos de apreendê-lo como extremamente significativo, baseando-nos em suas próprias histórias de vida, visto que essa situação representa a síntese de suas lutas (inclusive, naquele momento), o mérito por ter sobrevivido à recriação e, ainda, a saída do anonimato. Sendo reconhecida socialmente com os direitos e prerrogativas de um Ser que foi nomeado em todos os sentidos — da carteira de identidade (muda-se o instituto e a validade em função de troca de posto/graduação), cargo (posição hierárquica), até a declaração de popularidade.

(3) Derivado da observação direta.

- "... aĩ de repente, ele me abriu esse lado da história... ele falou o seguinte: você tem que passar no concurso para oficial... me dava dicas de como eu tinha que me comportar, como é que é na prova oral, o que é uma entrevista, o que é que um oficial espera de outra pessoa que está querendo ser oficial... como é que tem que ser? Eu acho que, antes de tudo, ele tem que ter consciência de que já tem um poder na mão, ele não precisa ficar demonstrando isso o tempo todo. As pessoas já são conscientes de que ele já é oficial... até na rua..." (Tenente Miracema).

Era tudo o que sonhavam, desejavam, queriam, ou não? Não dispomos, contudo, de maiores informações quanto a esse processo; logo só podemos hipotetizar. E, neste sentido, levantamos duas questões: 1^a) o momento foi vivenciado como o ápice da crise (e por isso deve ser esquecido, abafado), uma vez que a simples presença da corporação apontava para as semelhanças e diferenças; para as discriminações, para os apadrinhamentos, para a massificação; ou seja, para todo um sistema do qual tinham lutado para se livrarem ao ingressarem na Marinha — para a negação da fantasia. 2^a) Uma ocorrência decorrente de todo o processo e, portanto natural, sem nenhum atrativo digno de menção. Acreditamos mais na primeira hipótese, mas fica a questão.

— **SEGUNDO ATO:** Muda-se o cenário e as mulheres são distribuídas pelos diversos compartimentos da casa. Vários são os espaços, tanto no que diz respeito à mobília, quanto aos personagens (as roupas, as atitudes, ...) e logicamente às funções. Estavam, novamente, em meio ao caos. Se o roteiro — regulamentto — dizia uma coi-

sa, o diretor de cada compartimento fazia as mudanças ao seu bel-prazer; ou melhor, dependendo da posição que desfrutava e do poder que detinha, dava relevância a determinado enfoque, e usava as técnicas que melhor lhe provinham. Como por exemplo, no caso citado pelas sargentos Clarisbela e Gumerinda, respectivamente.

- "... aquele maldito sorteio... Ah! Que ódio!... purrinha... isso lá é respeitar a classificação..., fiquei revoltada."
- "... eu era a segunda mais antiga,... podia ficar na Diretoria. Mas aí a Clofilde começou a chorar, dizer que era longe a outra OM*... aí fiquei com pena; só estava olhando para o sargenteante*... fui e me dei mal, né... me deixei comover... depois escutei comentário de que só ficaram as mais bonitinhas, não sei o quê..."

Diretor de cena: sargenteante*; técnica utilizada: purrinha; comentário da platéia: "Não é nada disso, ficaram as mais bonitinhas, afinal isso é uma diretoria" (o outro órgão seria subordinado a este, logo de menor importância em termos de status). Por outro lado, interessante é observar as reações diferenciadas nessa mesma vivência - Uma se irrita, questiona e diz que vai ficar, pois sua classificação assim permitia; outra mantém-se calada com olhar reprovador; uma terceira chora, pede à outra, por favor, que a deixe ficar; a quarta, revoltada, ainda assim, cede. Já num outro compartimento, o diretor, "esquecendo-se" do roteiro; simplesmente requer beltrana, cicrana, ...

Mas a peça continua a se desenrolar com passagens mais tranquilas, mais turbulentas dependendo dos cômodos, dos outros personagens e da maior ou menor internalização do papel e

dos ajustes realizados, tendo em comum, porém, discriminações, protecionismos, ritos autoritários, transgressões, punições, reparações, regras arbitrárias e proibições.

— **TERCEIRO E ÚLTIMO ATO:** Novas e eternas mudanças realizadas através de suntuosos rituais.

Promoções:

- No caso das Praças:

Até o momento em que se deu a pesquisa de campo, a graduação atingida por essas mulheres ia até 3º sargento.

Como pré-requisitos, temos: interstício (3 anos), vaga no quadro, conceito mínimo (3) — (numa escala de 1 a 5). Observa-se que o conceito é dado anualmente pelo oficial responsável pela divisão em que a militar trabalha, sendo relativo a comportamento, atitudes militares, eficiência etc. Lembramos, ainda, que a não obtenção do conceito mínimo acarreta(va) o desligamento automático ao final do interstício, passando a praça à categoria de cabo de reserva não-remunerada

As etapas subseqüentes são: concurso interno (inspeção de saúde, prova de conhecimento na especialidade e psicotécnico) e curso de adaptação. Ao passar por todos esses procedimentos com êxito, terão sido/serão promovidas.

Já no que tange às graduações posteriores (2º sargento, 1º sargento e suboficial), observar-se-á, além dos pré-requisitos (com variações no tempo de interstício), a ordem de

classificação (antigüidade na graduação).

Note-se que a estabilidade dar-se-á ao final de 9 anos de interstício.

— No caso das Oficiais:

Até o momento em que se deu a pesquisa de campo, o posto atingido por essas mulheres ia até 1º tenente. Diferentemente das praças, somente são considerados os pré-requisitos, assim como a ordem de classificação.

A passagem para os postos subseqüentes seguirá o mesmo procedimento, variando o interstício.

Mudanças no Regulamento

As mudanças ocorridas só fizeram acentuar, concomitantemente, diferenças e semelhanças entre homens e mulheres, quais sejam:

(A) O ingresso na Marinha, não mais como marinheiro e sim como cabo (durante o curso de adaptação), com passagem automática a 3º sargento, fez emergir:

- . igualdade em relação aos homens e mulheres da Aeronáutica que, desde a formação do quadro (posterior ao da Marinha) podiam/podem ingressar nessa graduação; e diferença, à medida em que os homens na Marinha não podem ingressar como cabos.

"... É pra igualar ao da Aeronáutica... mas homem continua não podendo na Marinha..." (Sgto Euvira);

- . igualdade em relação a terem os mesmos sentimentos que os homens tiveram, quando de seu ingresso como cabo, visto se sentirem igualmente injustiçadas por ser permitido o acesso de outras mulheres à mesma graduação em que se encontram no momento (3º sargento), sem terem que cumprir o interstício; e diferença na "quebra" do sistema hierárquico, permitindo que pessoas "novas" ingressem no mesmo quadro com graduações acima das delas:

"... Essa história é a nossa grande revolta; é um absurdo o que fizeram com a gente, isso não tem lógica. Chega a garota esse ano, com o mesmo nível da gente (2º grau) e já vai ser sargento. E a gente que está aqui há 3 anos? Já que queriam que elas entrassem, tudo bem, mas bota a gente pra frente também, antes delas entrarem. Dã a vez pro pessoal de fora e deixa a gente aqui esperando 3 anos. ... Eu procurei saber na DP (Diretoria de Pessoal) com quem eu podia falar, o vice da DP disse que o ministro está certo. E a gente vai falar o que? Sei lá, a gente tem medo, também; porque se a gente entrar com uma ação contra a Marinha, eles promovem a gente, e depois de 3 anos, não deixam a gente continuar... parece que estão pensando que foi conquista delas... mas elas vão entrar e precisar da gente, mais do que a gente delas..." (Cabo Olinda).

- (B) A alteração no tempo (de 9 para 3 anos), que delimita a estabilidade ou permanência definitiva (somente para as oficiais), fez emergir:

- . igualdade de situação em relação so homens que compõem o Quadro Complementar (QC)*; e diferença ao não igua-

lar este tempo ao dos outros quadros que constituem a Marinha. Note-se que os homens lotados no QC*, ao final desse tempo, são, em sua maioria, dispensados. Já, no caso das mulheres, o tempo foi reduzido, na tentativa de diminuir o número de baixas, mantendo-as no quadro.

"... Para mim foi bastante interessante... Porque a gente não ganha bem, muito ... mas, em compensação, na situação em que está o País, hoje em dia, aqui, pelo menos, é certo... era uma coisa que me preocupava muito. Eu estava cada vez mais afastada da engenharia e, sem um emprego definitivo... mas o medo deles era mais em relação às médicas. O Marcílio Dias, aquele "elefante branco", é praticamente povoado de médicas do CAF*. Então pintou um certo receio em relação a perder o pessoal. E por outro lado, eles, talvez já tenham se conscientizado de que sempre deu certo ... Eu acho que o que vai acontecer, daqui a alguns anos... vamos acabar como o QA*, começar a engarrafar o quadro..." (Tenente Dilena).

Acredita-se terem sido estes alguns dos mecanismos utilizados para colocar cada um no seu lugar e revitalizar a liminaridade que deve ser vivenciada, não somente no curso iniciático, mas durante toda a vida militar. Liminaridade esta que leva o sujeito a experienciar eternamente o caos e, por conseguinte, ser para sempre-marginal.

Com o sucesso da peça (êxito das mulheres na Marinha!!) garante-se a sua permanente apresentação. Assegura-se a exibição, até quando desejarem seus patrocinadores e chefes responsáveis pelo empreendimento. É provável que mude os atores, diretores, e, ainda assim, ela se mantenha como uma Instituição que já foi legitimada (ou objetivada), ficando apta a "servir de palco". Neste caso, podem vir a ocorrer, ainda, outras re-

apresentações (por exemplo: as mulheres saírem da reserva não remunerada e retornarem à reserva remunerada — caso de calamidade e/ou guerra), com fins a observar que as mulheres estarão sempre na posição de seres que se devem remeter ao seu mundo.

VI.5 - SÍNTESE DA PEÇA

O que é necessário para que uma boa atriz construa, recrie seu personagem? Segundo nossa visão, tornou-se necessário, de uma maneira geral, ela interpretar o sonho, a fantasia, a obra, de forma que ela e a platéia a apreendessem como realidade, o que só pode ser conseguido, mergulhando de cabeça na construção daquele personagem. Para tal, toda uma ritualização se faz presente, permitindo total transcendência, transmutação do indivíduo à pessoa, da mulher a militar. Muda-se a fachada, cabelo, roupa, adereços, altera-se o espaço-corpo, modificam-se os hábitos, as atitudes, utiliza-se uma linguagem remodelada em função do código usual daquela realidade. E ainda, tem-se os segredos, os detalhes, outros aprendizados, que permitem que cada espectador/atriz construa a sua fantasia. Por outro lado, pergunta-se sempre (na maioria das vezes os jornalistas): É fácil, é difícil? Como é para você, sendo mulher, viver esse papel secularmente representado por um homem?

Acreditamos que a resposta mais vivencial seria: — é preciso morrer sempre para renascer revitalizado. É preciso deixar que esse papel penetre nas entranhas, nos pulmões... no corpo. E é claro que, tendo filhos, marido, mãe, pai, enfim, vi-

vendo outros papéis que não deixam de ser vivenciados paralelamente, há momento em que ocorrem choques, incongruências entre o papel desempenhado na maior parte do dia (9 horas por dia) e todos os outros.

Essas discrepâncias às vezes emergem com uma força monstruosa, pois a cada situação os diretores sinalizam: "Esse trejeito é de mulher, essa atitude..., — lembre-se que você é militar"; ou ainda: "você não é mais uma coadjuvantezinha qual quer, você agora é estrela... atue como tal." Ou seja, é a memória presente de que mulher e homem são iguais e diferentes. Em meio à liminaridade, experienciando caos, paradoxo, querendo compatibilizar forças aparentemente antagônicas como ser mulher e ser militar (aqui homem), verificamos a vivência de identificção, para algumas, e estranheza, para outras. Ou ainda, desdobramento e síntese.

Supomos que é nesses momentos que as dúvidas emergem, tornando as atrizes inseguras quanto ao desempenho de seu personagem (militar), como vemos nos relatos que se seguem:

Sgto Mercedes / Pesquisadora

- "... Eu não sou velha pra ser tratada de senhora. Eu trato eles do mesmo jeito. Acho que militarismo, realmente é muito peso pra minha cabeça. É uma consequência de tudo. Usar farda. Eu também acho estranho me ver de farda no espelho. Depois de tantos anos.

Ainda continua se sentindo estranha?

- Ainda continuo. Depois de 7 anos, ainda me acho estranha de farda.

Como é esse estranho?

- Ah, eu acho que... sei lá. Eu nunca pensei na minha vida, em ser militar, né. Nunca, desde criancinha. Sabe, namorar militar também.

Ainda não se acostumou com a idéia?

- É. De repente eu ponho farda, né, aí eu falo: Pôxa, é ironia do destino. Que ironia do destino.

Como é se olhar no espelho e se ver de farda?

- Pôxa, não tem nada a ver comigo. Usar farda, graduação, sargento e depois, oficial mesmo, me olhar, se algum dia eu passar pra oficial. O que eu tiro disso tudo é o profissionalismo e a hierarquia, pra mim... sabe, eu acho que não tem muita importância... Mulher e cabo militar. Que confusão! A gente... Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Na sociedade, fez-se assim. Mulher não tem nada a ver com militarismo; mulher é pra ser tratada com delicadeza, dentro de casa, e tudo mais. Quer dizer, pra mulher já é difícil trabalhar fora, ter independência, né? Ainda mais ser militar..."

Tenente Dalila / Pesquisadora

- "... Eu tenho dois engenheiros civis trabalhando comigo. Dizem... eles não dizem pra mim... eu fico sabendo por aí, que a maioria dos engenheiros tem medo de mim, eu não sei por quê!

Medo?

- É, medo. Eu não sei se me acham muito autoritária, muito rígida. Que eu sou exigente no trabalho, eu sou. Eu acho que a gente tem que ser. Tem que ser profissional naquilo que faz; fazer bem feito. Mas eu não sei se é o próprio uniforme que distancia das outras pessoas. Eu não sei. Eu normalmente procuro sempre dialogar no mesmo nível; que são engenheiros como eu. Apenas eu sou chefe porque eu sou militar. Aqui dentro manda o militar... Hoje em dia, por exemplo — eu sou formada desde 78 — são dez anos que tenho de término de curso superior. Meu irmão tem doze anos de formado. Meu irmão é engenheiro, também, eletrônico. Ele trabalha numa firma e ganha mais de 1 milhão por mês, e eu ganho 300 mil por mês...

... E aí, como é que fica?

- Tã dando pra sobreviver, né? Eu não tenho intenção de sair porque, primeiro, eu acho que já me acostumei aqui. De repente se eu me aborrecer muito, eu saio, porque com a bagagem que eu já tenho, eu tenho condições de arrumar emprego aí fora.

Você alguma vez tentou?

- Não, nunca tentei."

- "... Foi um momento super chato, foi traumatizante ... Até hoje, ter horário pra tudo... Mas, depois, eu acho que isso ajudou bastante, sabe, na nossa vida do dia-a-dia... porque o que a gente enfrenta aí fora, primeiro a posição da mulher, você de repente está mandando num homem; homem que está trabalhando há muito mais tempo que você. Então eu acredito que, se não tivesse acontecido isso, hoje a gente não soubesse enfrentar ... Toda ignorância foi válida... Eu tive a "síndrome do auto-repressor"... Como é isso? Foi assim, eu estava num estudo obrigatório, aí começaram a me tremer as "frentes"... Aí eu apaguei... Aí eu fui para a enfermaria me deram um "sossega leão"... quando eu voltei a mim, tinha três médicos e dois enfermeiros ... Todo mundo querendo saber o que tinha acontecido, se eu estava grávida, e eu já estava de saco cheio de dizer que não... Acordei dois dias depois... Quando eu saí da enfermaria, percebi que meu corpo estava todo inchado, sabe, de picada de mosquito... Todo mundo olhava pra minha cara, como se eu fosse um objeto estranho, eu me senti horrível. Eu me senti uma louca, como se eu tivesse tido um acesso de loucura..." (Sgto Genoveva).

- "... Ideal, sempre fui apaixonada pela Marinha ... Eu sempre dizia: se eu fosse homem, seria marinheiro... Odeio repressão, odeio. Não sei como consegui ficar aqui até hoje... Realizei o sonho, e fui designada pra servir na Diretoria de Pessoal... Cada um tem o seu lugar, cada um só vai chegar aquele ponto, quando tiver condições de chegar... Por isso, eles têm que ensinar daquela maneira, para as pessoas saberem como se comportar..." (Sgto Georgete).

Tudo parece estranho e familiar, mistura de liberdade e prisão, felicidade e tristeza, completude e vazio, num eterno emaranhar dos antigos e novos papéis. O que faz com que, o papel de militar seja exercido através das múltiplas identidades, de acordo com cada cena. E, neste sentido, resgata a criança (rebelde/passiva), o adulto, o pai⁴, de forma a protagonizar cenas

(4) Referem-se aos estados do ego pai, adulto e criança, na análise transacional.

arbitrárias que ora são vividas como privilégio, castigo, resignação, transgressão, fracasso/insegurança, poder, desprestígio. Se, no meio dessa liminaridade, a mulher sai à rua, o que se percebe é que esta, algumas vezes, é vista como o prolongamento do palco (tal como em Da Matta), e nesse sentido, a atriz é confundida com a personagem. Assim, se a relação é de identificação, emergem sentimentos de poder, capacidade e, sucesso no papel desempenhado; se de estranheza, desponta o incômodo, a frustração, o distanciamento.

No que tange às que saíram, deixaram de ser protagonistas naquele palco; supomos que, no desempenho do papel, as mulheres deixaram manifestar uma das identidades, libertando-a de forma não compatível com a personagem. Algumas, assinalando para a platéia, de forma inquestionável e inegável, serem elas mulheres, logo, detentoras de um duplo poder e representantes do ser ambíguo, o que podemos observar através da narração da Tenente Manuela, ao descrever o ocorrido com uma tenente.

- " ... E a outra, minha filha, esquizofrênica, ninguém reparou ela no psicológico, nem na entrevista. No curso de formação (para oficiais) não falava com quase ninguém, ela era uma boa menina, qual era o nome dela...? Fumava um cigarro atrás do outro; um dia ela provocou um incêndio no vestiário... Naquela pressa de vamos embora, ela pegou e jogou o isqueiro lá dentro do armário, só que o isqueiro dela estava com aquela chama pequenininha, e ela não viu... Queimou toda parte dela e já estava passando fogo para os armários do lado ... uma confusão, fogo, fogo... todo mundo correndo e a garota ainda não sabendo o que tinha se passado... Aí nós fizemos uma "vaquinha" e compramos todo uniforme, para a menina de novo. A menina ia muito bem, mas depois, ficou assim meio traumatizada, porque o pessoal começou a encarnar, chamando-a de incendiária... Mas ela suportou bem as brincadeiras, até que um dia — ela era da parte de administração, a garota com o cabelo deste tamanho, chega no meio do corredor, tira to-

dos os grampos, solta o cabelo e sacode, começa a andar toda descabelada. Começou a ter mania de perseguição, ela chegava pro chefe e perguntava: Por que o senhor está me seguindo? Eu sei que o senhor está mandando aquele japonês me seguir, mas eu não estou escondendo nada. Outro dia ela levantava e falava assim. Por que você está mexendo na minha bolsa? O que o senhor quer ver na minha bolsa? Aí o homem ficava sem entender nada. Ela ficou um tempo tratando da saúde... ela voltou e começou tudo de novo... Aí queriam licenciá-la do SAM*. Ela disse que não — o que queria era a baixa*. Deixaram ela ir embora. Não quis nem licenciamento, ir para a reserva, quis baixa mesmo. Foi-se embora, 'louquinha de pedra'..." (Tenente Manuela).

Outras, ao que nos parece, não explicitaram de forma tão reveladora esta identidade, mas ainda assim, não se adequaram ao papel fosse porque não o internalizaram o suficiente para boa representação, fosse porque verificaram que podiam adquirir essa "fama" vivenciando outros personagens e/ou até mesmo consideraram o personagem "fraco", para seu potencial. Observa-se que somente uma se arrependeu de ter pedido baixa*.

- "... Será que só eu é que estou diferente? Será que só eu sou a estranha, não me adapto bem às coisas? Mas ao mesmo tempo, eu achava elas estranhas ... eu me lembro de uma entrevista, que uma menina deu a uma Tv. Ela disse que se sentia estranha em casa... e eu falei assim, meu Deus o que é isso! Que loucura! Como é que pode em tão pouco tempo, alguém se sentir estranha, no meio de amigos... Eu percebi que elas estavam gostando daquilo, tinham até sonhado... O meu caso era diferente... era apenas de emprego e o delas era uma visão de ser militar, de seguir aquela disciplina... Eu acho que as pessoas que saem, é porque realmente não se adaptam aquele regime de castração, castração mental, e também por comparar a vida aqui de fora e a lá de dentro... A minha cabeça não suportava aquilo, e entre... Foi como eu te falei, dinheiro pra mim é... eu tendo o mínimo necessário pra sobreviver, o restante não faz falta, não. Se eu não puder comprar um tênis, eu continuo usando o velhinho que tenho. Eu sou assim. Constante que eu esteja bem interiormente... isso aí é fundamental. O bem-estar interior, estar em paz comigo, com a minha consciência, estar em liberdade." (cível Janete).

- "... Foi uma troca... eu ia poder ficar com os meus filhos e continuar a trabalhar... Mas não deu certo ... tentei voltar pra Marinha, até carta para o ministro eu escrevi, acho que nem chegou às mãos dele. Escrevi pedindo o retorno... Era poder voltar a investir na enfermagem... E a Marinha seria, a meu ver, um modo mais fácil..." (civil Madalena).

Com certeza, podemos afirmar que tanto no caso das que permanecem, como para as que saíram, esta é uma identidade que não terão mais como negar:

- "... até hoje... eu fui para Escola de Sargento... Não gosto nem de lembrar, até hoje eu sonho com pau* ... Já no meu trabalho, tive que pegar o certificado de reservista... pra dar o anuênio... dos 7 anos que eu trabalhei na Marinha... No serviço público..." (civil Clárisbela).
- "... é uma marca, fica entranhado... os termos, tudo, tudo. Você leva a vida em função dos horários da Marinha..." (Sgto Noemi).

Espera-se que, através destas passagens, tenhamos desnudado como é sentida, vivida e pensada a identidade feminina da Mulher de Marinha. Como é construído e recriado este Ser. E mais, explicitado que esta "Obra-Ser" só pode ser realizada em função da relação de pertence entre Marinha e Mulher — De Marinha.

CONCLUSÃO

Analisar a identidade feminina das mulheres da Marinha do Brasil, através de suas histórias de vida, foi o objetivo deste trabalho. Por conseguinte, os objetivos específicos implícitos diziam respeito, também, a como era sentido, construído, vivido o Ser mulher, o Ser militar, o Ser mulher-militar.

A metodologia utilizada propiciou a conjugação de subjetividade e objetividade, à medida que, ao falarem de seu cotidiano, as mulheres deixaram emergirem espaços e interações pessoais, dando-nos margem a inferir a "Construção Social da Realidade" do grupo.

Observou-se pois, que, apesar de descreverem outros espaços de vida que não os de Marinha, este último parece deter uma transversalidade de função e de instância¹, capaz de atravessar todos os demais, de modo a modificá-los, remodelá-los, recriá-los. As mulheres tornam-se, então, verdadeiras protagonistas do papel social de militar e, conseqüentemente, detentoras de performances similares para a sua representação. Note-se, po

(1) Conceito trabalhado por Renê Lourau e descrito no livro de Luz, T.M. (1979).

rém, que a relevância de determinados atributos sofre variações que acredita-se irem ao encontro da individualidade de cada uma.

Verificou-se que outros espaços são significativos e que poderiam ser representados de forma generalizada por Casa-Instituições-Rua. Porém a forma como a mulher os vivencia nos permite dialetizá-los simplesmente como Mundo-de-Marinha e Mundo-Fora-de-Marinha. A Marinha parece funcionar como foco central em torno do qual giram os outros espaços, que contribuem direta e/ou indiretamente para um maior ou menor equilíbrio deste foco. Neste sentido, o mundo de fora, apesar de perigoso e instável (ao contrário do período que antecedeu ao ingresso na Marinha), apresenta atrativos que podem ser sintetizados aqui como liberdade, felicidade, entre outros. Por outro lado, por continuar a ser o mundo de fora, mantém características que parecem ser imutáveis e, por isso, temidas, o que nos leva a pressupor ter havido uma dialetização, isto é, o que antes se apresentava como assustador, perigoso, sujo, caótico, mantém estas características, só que, agora, percebidas como possibilidade de mudança, e — quem sabe? — de uma nova vida. Inversamente, o mundo de dentro — a Marinha — que funcionou no primeiro momento como possibilidade de independência, de sair da casa, parece agora restringir a movimentação, impedir o discurso, aprisionar as mulheres nos diversos cômodos; limitando a criatividade na vivência de um único papel, preponderante sobre os demais. Mas, por ter-se transformado na "nova casa", oferece, também, segurança e estabilidade.

Mudaram as pessoas e/ou os espaços? E o tempo? Claro está não se tratar apenas de uma mudança espacial, geométrica, nem somente do passar do tempo, mas de uma mudança experiencial, isto é, uma mudança na qualidade da experiência — na significação da mesma.

"... a origem da significação na experiência é o contexto em cujos limites aparecem acontecimentos, objetos e pessoas: é o pano de fundo que permite que eles se destaquem e sejam experienciados." (Keen, s/d, p. 11).

Ao entrarmos no mundo, já encontramos características comuns que nos são dadas. Mas, embora estas características sejam oferecidas a cada um de nós, o mundo de cada um é diferente, único, privado. Assim, se quisermos apreender as múltiplas significações, teremos que atentar para os diferentes papéis do mundo do indivíduo, o que talvez nos deixe vislumbrar as influências em outros seres, em outros mundos individuais.

Neste sentido, verificou-se ser a ambigüidade da mulher originária do fato de ela pertencer a dois mundos mutuamente excludentes, mas que, através de uma série de rituais, proclama, também, uma aliança; tudo isso realizado por uma dialética que coloca em ação ordem e desordem como fatores constantes e necessários no mundo, porém não assumidos, ou melhor enfaticamente negados em nosso social, como nos assevera Da Matta (1983) em sua análise de como o conflito tenta ser camuflado, escondido através do jeitinho brasileiro e/ou dos ritos autoritários.

Desta forma, a vivência dos ritos de passagem deixou emergirem diversos e distintos tabus com fins à legitimação da ordem, da hierarquia, da demarcação dos papéis e suas consequentes posições, o que deixou implícita, necessariamente, a passagem de indivíduo à pessoa, a elevação de **status**, a potencialidade de separar/juntar semelhanças e diferenças, de "... *recriar o mundo a partir de categorias abstratas.*" (Augras, 1989, p.34).

Mas, lembrando o motivo pelo qual uma desejou a outra (Marinha-Mulher) — o poder, vimos que: "*Enquanto a totemização introduz a descontinuidade, o tabu lida com os espaços intersticiais.*" (*id. ibid.*, p. 40). Logo, aventuramo-nos a dizer que o conflito, as oposições, contradições, emergiram em ambas as partes. A Marinha, enquanto Instituição Total, (Goffman, 1987) já detinha o poder, mas lançou-se ao mar, na tentativa de alargar seu horizonte e ser detentora de uma fatia ainda maior do bolo — por que não dizer, da totalidade? — homem e mulher, só que não de modo fácil, tranquilo, passando pelo Mar de Almirante *. Ao contrário, deparou-se com turbulência, com Mar de Marinheiro *, com a força da mulher (originária do poder da natureza), que, quando içada do mar, teve seu poder redobrado. Não veio para bordo, mas ficou na borda, na margem, gozando dos opostos, da contradição, da diferença e semelhança, do espaço de ninguém, uma vez que, agora, não está no mar nem em terra. Ficou na interseção, no caos. E como sabemos, no caos as saídas são múltiplas, a possibilidade do devir é infinita — é o espaço do Poder.

"Com efeito o que tende a predominar nos momentos de fundação é o pluralismo das possibilidades, a efervescência das situações, a multiplicidade das experiências e dos valores." (Maffesoli, 1987, p. 98).

Todavia, só tem poder quem o possui, o que pode parecer desnecessário ser dito. Por outro lado, se relembrarmos que tabu é poder e também perigo, verificar-se-á a dialética implicada na relação Marinha-Mulher. Ou seja, se ambas são vividas como tabu, importante se faz a articulação, na tentativa de uma neutralizar/domesticar o poder da outra. Mas como esta articulação não (pode) acontece(r) de forma harmoniosa e sim conflitiva, ambas são perigosas. Isto é controle social, diríamos nós, de ambas as partes, pois um ratifica o outro.

Dessa maneira, o poder é obtido pelas mulheres ao transgredirem seus próprios limites e se verem lançadas no "mundo dos homens", sem contudo, a eles pertencerem, num eterno brincar de faz-de-conta. Já por parte da Marinha, o poder é obtido ao exercitar o tabu e sua transgressão como lei, implicando, em última instância, que as mulheres "... acabem esvaziando as almas da vontade de conquista do poder." (Augras, *op.cit.*, p. 54-55).

Tendo verificado que os processos, acima citados, estenderam-se desde o período inicial do curso de adaptação até o dia-a-dia das militares, permitimo-nos afirmar que é a partir desta dialética que as estruturas de poder são mantidas e ratificadas, pois não há determinação de sentido a não ser a partir do próprio poder — ele é o determinante do sentido ou da falta deste.

E a mulher? Como ficou, como está? Acabou a fantasia? O sonho foi desfeito?

Segundo nosso entender, não se trata de uma coisa nem de outra. Para essas mulheres parece ocorrer algo de muito similar ao que se passa na Ilha da Fantasia². Ou seja, no filme, ao final da vivência de sua fantasia, um dos personagens mantém o seguinte diálogo com o anfitrião:

Anfitrião/Personagem:

"Pronto para regressar e contar as glórias de guerra aos escoteiros? (motivo este usado pelo personagem para viver a fantasia).

- Não acho mais que seja assunto que deva ser ensinado às crianças... Curou-me disso, não sou mais o adorador desses ases da aviação (apesar de admirá-los).

Nunca teve a sensação de viver em época errada...?

- Sō vivo nisso... talvez um dia desses possa retornar à mesma fantasia... mas um pouco depois.

Volte daqui a seis meses... se achar que é importante.

- Serã. Serã... e talvez fique nela (fantasia)."

Ora, tanto no caso desse personagem, como no da maioria das entrevistas, o que se apreende é o significado dado à fantasia. Ela é real, contém aspectos de extrema importância para a pessoa e possibilita a percepção da existência de outros mundos e de outros papéis. Estes últimos ainda não foram vividos com tamanha intensidade, ou até o foram, mas mostraram-se (mostravam-se) misturados com outros. Por isso, podem emergir papéis preponderantes ou inviáveis, causando conseqüentemente

(2) Ver nota de rodapé - página 32.

identificação, para algumas, e estranheza, para outras.

Assim, o que se verificou em relação à vivência individual, poder-se-ia expressar da forma que se segue:

Identificação: Para algumas mulheres, a vivência da fantasia implicou sentimentos, papéis que iam ao encontro das expectativas iniciais. Como se a fantasia fosse feita sob medida para a representante daquele papel, ou seja, era olhar no espelho e se auto-reconhecer, se encontrar. (Ver pág. 152/160 - Tenente Miracema e Tenente Dalila, respectivamente).

Já, para outras mulheres, chamou-nos a atenção o fato de perceberem o papel de militar, a realização da apresentação tida como correta, necessária, impecável; mas diferentemente do esperado, deixarem emergir sentimentos outros que não o de gratificação, vivência internalizada, o que nos parece uma tentativa de "forjar" uma representação, como uma apropriação mecanizada — dificuldade de aceitar a própria alteridade. (Ver página 161, Sgto Genoveva, Sgto Georgete).

Estranheza: Para as que assim vivenciam seu papel, o que parece ocorrer é tão somente a experiência da "outra". Neste sentido, não procuram e/ou não encontram nenhuma comunalidade entre o papel desempenhado e aquilo que consideram ser sua pessoa. A personagem militar é outra que não a mulher — é tão somente uma máscara superposta em seu rosto. (Ver páginas 149, 159 Tenente Brí-

gida, Tenente Manuela e Sgto Mercedes, respectivamente).

Importante é observar que, também dentro desse "estrato" --- estranheza, encontramos outras pessoas que não conseguem vislumbrar uma máscara, e, muito menos se identificar, mas que ainda assim vivem o papel. (Ver página 62, relatos da Sgto Cacilda e Civil Madalena sobre Sgto Luciula e o relato da própria Sgto Luciula na página 97).

Se tivéssemos apreendido o "conceito identidade" segundo o modelo tradicional, poderíamos, facilmente, cometer um equívoco: o de possuírem as mulheres uma identidade deteriorada, visto não apresentarem "linearidade", e sim facetas "como que" separadas uma das outras, da sociedade e, portanto, de si mesmas. Porém, baseados nos pressupostos da psicologia na cultura, apreendemos o "homem" como um ser múltiplo. Assim, ao prosseguirmos na hermenêutica do processo, pudemos acompanhar, compartilhar a emergência de outros comportamentos/sentimentos, repletos de contradições, paradoxos, oposições, que, ao invés de apontarem a patologia, ratificam a diversidade.

Considera-se, então, que a estranheza decorrente do desdobramento ou duplicação tem como foco preponderante a ambigüidade natural do ser humano enquanto ser para si e para o outro, o que, na mulher, se dá ainda mais enfaticamente, em função de representar a duplicidade de pertencer a dois mundos --- o da Natureza e o da Cultura. Neste sentido, temos como resultado diferentes mulheres que tornam suas histórias únicas e pes-

soais por vivenciarem o papel de militar (e todos os outros) de distintas maneiras, dependendo de como se articula (ou) o ambiente, o organismo e a cultura, tendo em comum, todavia, viverem uma constante liminaridade e conseqüente ambigüidade, ao menos pelo tempo em que lá estão — (aproximadamente nove horas diárias). Importante é frisar que nenhuma dessas pessoas vivencia este estado durante as nove horas — nenhum "corpo" resiste a tal clímax anos e anos a fio.

Nesse grupo, para a maioria das mulheres, a multiplicidade parece não se organizar, o que nos levou a acreditar que estas lançam mão de um processo de acomodação sobre o qual afigura-se funcionarem. E dentro deste processo observamos dois tipos de reação: mulheres que se acomodaram completamente e mulheres que, apesar de acomodadas, "revertem" esporadicamente a ordem vigente.

Mencionamos também, nesse grupo, existirem mulheres que manifestaram outras reações: aquelas que puderam, ou não, organizar a multiplicidade que se apresentava, optando pela saída. E ainda, aquelas que apresentaram, em alguns momentos, a síntese da multiplicidade. Chamamos a atenção para o que aparece, por exemplo, nos relatos sobre a sargento Lucíula e sobre uma tenente mencionada pela tenente Manuela — página 62 e 162, respectivamente. Ou seja, o momento da síntese faz emergir, de forma espetacular, a força do duplo, da mulher, apontando diferenças e semelhanças através dos tabus — sexualidade e loucura. Em ambos os casos, vimos aflorar o processo de criação / recriação da identidade, o que, em nossa concepção, se dá através da construção do corpo físico, que deixa transparecer de forma ex-

plícita, ser Ela um elemento marginal. Enquanto a primeira "brincou" com a Instituição, mostrando a sua permeabilidade de ser homem e mulher ao mesmo tempo e, portanto, igual e diferente aos homens, a segunda solta o cabelo, tira os grampos e deixa fluir o seu modo de ser — Mulher. *"Aquilo que distingue os indivíduos — seus corpos — transforma-se, na reclusão, naquilo que os identifica."* (Viveiros de Castro, 1979, p. 47).

Neste sentido, chama-se a atenção para o fato de que, ocorrendo ou não uma metamorfose, ainda assim essas mulheres, ao terem ingressado na Marinha, tornaram-se duplamente estigmatizadas, em função de que:

- antes de ingressarem na Marinha, já sofriam o estigma por serem mulheres e por se verem discriminadas num social que, a todo momento, tenta massificá-las, despojá-las de seu poder e, conseqüentemente, remetê-las à totalidade da ordem;
- ao entrarem na Marinha, ratificaram ainda mais as semelhanças e diferenças entre homens e mulheres, sem, contudo, assumi-las; ao contrário, negando-as reivindicando, a todo momento, uma igualdade que só faz apontar a necessidade de cada um, "no seu devido lugar". Conseqüentemente, tentando encobrir, serem elas seres marginais, desviantes e originando auto-definições, como:

- "*prisioneiras, cobaias, bibelôs, dedo-duro...*"

das quais resultam sentimentos de:

- "*incapacidade, discriminação, dependência, segregação...*"

acarretando por parte da Marinha:

- *"ratificação do desvio, da inferioridade, da incapacidade, da estigmatização..."*

que motiva, nas mulheres:

- *"sacrifício, passividade, conformação, ... ganhos secundários..."*,

o que tem como efeito:

- *"receio de correr riscos e aceitar novos desafios, tornar-se sem iniciativa e sem capacidade de decisões, ... sem possibilidade de locomoção..."*

implica, pois:

- *"na manutenção da ordem, da hierarquia e da disciplina."*

Quadro tenebroso? Não. A vida das mulheres da Marinha, da Mulher da Marinha. Uma vida de oposições, crises e conflitos que se desdobram e/ou sintetizam, dando como cena final uma representação harmônica entre platéia e atores. Ambas lucram, pois a dialetização está não no fato de uma usurpar o poder da outra, mas do jogo criado entre elas.

Construção/recriação da pessoa - que não deve ser percebida como limite, patologia ou algo equivalente — pois esperamos ter deixado claro que só a crise, o caos, o paradoxo, dá margem a possibilidade de ser e vir a ser. Como disse o anfitrião. *"Depende de você."* ... Diríamos nós; depende de cada uma dessas mulheres.

- "Porque eu já te disse antes, que apesar de eu estar há sete anos, eu ainda não sei se é o que eu quero e eu também não acho desonra nenhuma você chegar a dez anos num lugar e achar que não tinha nada a ver. Acho que você tem mais é que ter coragem de chegar aos sete, aos dez anos, seja por quanto tempo for, e dizer: não, não é isso. Uma vez eu aprendi que o homem é livre pra seguir qualquer caminho, ir ou vir. Então, eu não decidi, não sei se eu quero ficar. Não sei se algum dia eu vou ter essa certeza. Espero um dia ter certeza de que eu estou no lugar que eu quero. Agora, certeza de uma coisa eu tenho: eu tenho coragem pra largar. Talvez, porque eu ainda tenha o apoio dos meus pais, tenho alguém do meu lado. Do meu pai, da minha família, das pessoas que são mais importantes pra mim, dos próprios amigos mais chegados eu tenho esse apoio." (Tenente Brígida).

Pois todas são um pouco "Sois Rei" e buscam, a todo instante, a morte, na tentativa de ratificar esse Poder ...

de ser mais bonita;

de ser mais poderosa;

de ser.

"Ser no mundo é um futuro, tornado presente no processo de estar sendo." (Heidegger).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASTI VERA, A. Metodologia da pesquisa científica. Porto Alegre, Globo, 1976.
- AUGRAS, M. O duplo e a metamorfose. Petrópolis, Vozes, 1983.
- _____. Problemas teóricos e metodológicos da pesquisa psicológica em comunidade de terreiro. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, 37(1): 21-25; jan/mar, 1985a.
- _____. Poder do desejo ou desejo do poder. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, 37(2): 106-109; abr/jun, 1985b.
- _____. A Psicologia da cultura. Psicologia, Teoria e Pesquisa. Brasília, 1(2): 99-109; mai/ago, 1985c.
- _____. O ser da compreensão. Petrópolis, Vozes, 1986a.
- _____. Transe e construção de identidade no candomblé. Psicologia, Teoria e Pesquisa. Brasília, 2(3): 191-200; set/dez., 1986b.
- _____. A construção simbólica do corpo no candomblé do Rio de Janeiro. Conferência no IV Ciclo de Estudo sobre o Imaginário. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1986c.

- AUGRAS, M. O que é tabu. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. Rio de Janeiro, Eldorado, [s.d.].
- BERGER, P.L. Perspectivas sociológicas: Uma visão humanista. Petrópolis, Vozes, 1972.
- _____. O dossel sagrado. São Paulo, Paulinas, 1985.
- BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Vozes, 1976.
- BERTAUX, D. Biography and society. Londres, Sages, 1981.
- _____. A geração de 68. Palestra proferida na Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1987.
- BODSTEIN, A.C. et alii. Estruturas militares contemporânea. Revista da ADESG. Rio de Janeiro, Vol. XIX, nº 138, 1970.
- BOLGAR, H. The case study method, in: WOLMAN, B. Handbook of Clinical Psychology. New York, Mc Graw-Hill, 1965, p. 28-39.
- BOSS, M. Na noite passada eu sonhei. São Paulo, Summus, 1979.
- BRASIL, Congresso Nacional. 08 de outubro de 1980. Decreto 85.238/80. Diário Oficial.
- _____. 13 de outubro de 1987. Lei 7622/87. Diário Oficial.
- _____. 26 de janeiro de 1988. Decreto 95660/88. Diário Oficial.

- CAIAFA, J. Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub.
Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- CAMPOS, D. M. de S. Introdução à pesquisa em psicologia: aspectos metodológicos. Petrópolis, Vozes, 1973.
- CATANI, M. Social life-history as ritualized oral exchange, in:
Bertaux, org. Biography and Society. Londres, Sages, 1981,
p. 211-221.
- DA MATTA, R. Ensaaios de antropologia estrutural. Petrópolis,
Vozes, 1973.
- _____. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro,
Zahar, 1983.
- _____. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Petrópolis, Vozes, 1984.
- DOUGLAS, M. Pureza e perigo. São Paulo, Perspectiva, 1966.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. Algumas reminiscências e reflexões sobre
o trabalho de campo, in: Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 298-316.
- FERNANDES, H.R. Os militares como categoria social. São Paulo,
Global, 1979.
- FRANCHETTO, B. Antropologia e feminismo. Perspectivas Antropológicas da Mulher, (1). Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 7-47.
- _____. Apresentação. Perspectivas antropológicas da Mulher, (2). Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 7-10.

- FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 1977, Vol. XII; XIII; XIV; XVII; XXII.
- FERRAROTTI, F. On the autonomy of the biographical method, in: Bertaux, D. Biography and Society. Londres, Sages, 1981.
- FERREIRA, A.B.H. Minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- GAIARSA, J.A. O que é corpo. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GIDDENS, A. Novas regras do método sociológico. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GLAT, R. Não somos diferentes das outras pessoas. Rio de Janeiro, ISOP/FGV, Tese de Doutorado, 1988.
- GOFFMAN, E. O estigma. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- _____. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, Vozes, 1985.
- _____. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- HAUSEN, I.Z. Brasil: porque os militares. Rio de Janeiro, Artenova, 1975.
- HEIDEGGER, M. Ser e tempo. Petrópolis, Vozes, 1989.
- JUNG, C.G. Psicologia y alquimia. Santiago, Rueda, 1953.

- KEEN, E. Introdução a psicologia fenomenológica. Rio de Janeiro, Interamericana, [s.d.].
- LAFARGE, P. A questão da mulher, in: A libertação da mulher. São Paulo, Global, 1979, p. 39-44.
- LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- LARAIA, R. de B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- LEACH, E. Cultura e comunicação. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- LEVI-STRAUSS, C. O Pensamento selvagem. São Paulo, Nacional/USP, 1970.
- _____. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- LYOTARD, J.F. O Pós-moderno. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- LUZ, T.M. As Instituições médicas no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- MAFFESOLI, M. O Tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense, 1987.
- MALINOWSKI, B. Argonautas do pacífico ocidental. São Paulo, Abril, 1978, Vol. XLIII.
- MANNING, P.K. Existencial sociology. The Sociological Quarterly, (14), spring 1973: p. 200-225.

- MARTINS, C.B. O que é sociologia. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- MEAD, G.H. Spiritu, persona y sociedad desde el punto de la vista del conductismo social. Buenos Aires, Paidós, 1953.
- MORELE, E. A Revolta da chibata. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1963.
- PITTA, D.P.R. O Imaginário e a simbologia da passagem. Anais do II Ciclo de estudo sobre o imaginário. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1984.
- PRADO, R.M. Estudo dos romances de M. Delly. Perspectivas Antropológicas da Mulher, (2). Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p.71-112.
- O QUE pretendem e para que servem os militares? São Paulo, Mundo Cultural, 1977. Separata da Revista Mundo Econômico, Político e Social. São Paulo, 1º trim., 1977.
- REITZES, D. Role-identity correspondence in the College Student Role. The Sociological Quarterly, (22), Autumn, 1981, p. 607-620.
- ROCHA, E.P.G. O que é etnocentrismo. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- ROGERS, C.R. & ROSEMBERG, R. A pessoa como centro. São Paulo, EPU/EDUSP, 1977.
- ROGERS, C.R. Psicoterapia e consulta psicológica. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1987.
- RUNYAN, W. Mck. In defense of the case study method. American Journal of Orthopsychiatry, 52(3): 440-446, jul., 1982.

- SÃ, C.P. de. Psicologia do controle social. Rio de Janeiro, A-chiamê, 1979.
- SALEM, T. Mulheres faveladas: "com a venda nos olhos". Perspectivas Antropológicas da Mulher, (1). Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 49-99.
- SANTOS, J.L. dos. O que é cultura. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- SEEGER, & Outros. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro, nº 32, mai/79, p. 2-17.
- SILLAMY, N. Dicionário de psicologia. Rio de Janeiro, Larousse do Brasil, [s.d.].
- SILVA, H. Poder militar. Porto Alegre, L & PM, 1984.
- SLAVNEY, P.R. & Mc HUGH, P.R. The life story method in psychotherapy and psychiatric education: the development of confidence. American Journal of Psychotherapy. XXXIX (1): 57-67, 1985.
- SODRÉ, M. Cultura negra, in: A verdade seduzida, por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro, Codecri, 1983, p. 119-199.
- TABAK, F. Autoritarismo e participação política da mulher. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- TURNER, V. W. O Processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis, Vozes, 1974.

VAN GENNEP, A. Os Ritos de passagem. Petrópolis, Vozes, 1977.

VIVEIROS DE CASTRO, E.B. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro, nº 32, mai/79, p. 40-49.

WEIGERT, A. The social production of identity: metatheoretical foundations. The Sociological Quarterly, Vol. 27, nº 2:165-183, 1986.

ANEXOS

NOTA SOBRE O MOVIMENTO

Como parte de uma manobra, pela Marinha do Brasil, e/ou como deslocamento de tropa de mulheres — a mulher militar de Marinha não surgiu do nada. Ao contrário, parece tratar-se de uma velha questão: A questão da mulher (Tabak, Lafarge, Franchetto).

A década de 70 trouxe à tona algumas conquistas do "sexo frágil" .

"Já em 1970, durante a 30^a Assembléia Geral das Nações Unidas, a Comissão de Status da Mulher, apresentava um Programa de Ação Combinada, que buscava promover a total integração da mulher no processo de desenvolvimento mundial. (...) indicava a forma de garantir a igualdade de direitos entre homens e mulheres." (Tabak, 1983, p. 35).

Assim, em 75 foi decretado "O Ano Internacional da Mulher". Em 1979, a Assembléia Geral das Nações Unidas, aprovou a "Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher."

Por outro lado, o "Ideal de Mulher" da Marinha do Brasil surgiu, segundo nossa compreensão, num contexto histórico de extrema complexidade, tendo em conta a necessidade de "abertura", de "normalidade institucional" (Hausen, Silva), após a revolução de 64. Isso porque, segundo a compreensão daqueles,

"De fato, por natureza, as Forças Armadas são instituições preparadas para agir em épocas de anormalidade, visando submeter o inimigo externo ou interno que ameaça a Pátria. (...) Não poderiam senão impor a si

próprios um prazo certo para a duração de sua intervenção. Esse prazo seria o bastante pra vencer e neutralizar o inimigo (...) e, ao mesmo tempo remover os obstáculos e implantar as condições favoráveis ao pleno desabrochar das potencialidades nacionais...". (Rev. Mundo Econômico, Político e Social, 1977).

Era chegado, então, o momento da Força Armada Pioneira no Brasil ser pioneira em um outro espaço. Ou melhor, trazer para o dela as "... mulheres, em certo sentido rebeldes, que lutam de ponta a ponta nos enredos pelo reconhecimento de seu valor." (Prado, 1981, p. 106), o que se torna compreensível ao considerarmos, também, que, em 70, já havia publicação informando que nos EUA existiam 3 milhões de homens e mulheres em uniforme (Bodstein) e sabendo que, "o militar é um homem preocupado com a imagem que dele faz o seu grupo, a sua unidade, a sua corporação, o seu desempenho..." (Hausen, 1975, p. 26, grifo nosso).

Ao que nos parece, a "união de interesses" (da Marinha, da Mulher), num primeiro momento possibilitou reação à inadequação de papéis anteriores, anunciando um outro modelo de vida. Desse modo, o Decreto nº 85.238 de 7/10/80, veio regulamentar a Lei 6.807 de 7/7/80, que criou o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha, e tinha por finalidades, entre outras, as que se seguem¹:

"- Definir que o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha destina-se a suprir a Marinha com Oficiais e Praças da Reserva para o exercício de funções t

(1) Neste trabalho citamos, apenas, aquelas partes do decreto que tornaram-se importantes para a compreensão dos relatos das entrevistadas, e da conseqüente análise.

nicas e administrativas em Organizações Militares, em terra, mediante convocação para o Serviço Ativo.

- Da Organização

. Composição do CAFRM*

O QAFO* será integrado por pessoal graduado ou pós-graduado, por estabelecimento de nível superior...;

O QAFP* será integrado por pessoal com habilitação em nível técnico, adquirido em curso de ensino de 2º grau...

. Constituição dos Quadros

O QAFO* será constituído por Oficiais dos seguintes postos:

- Capitão-de-Fragata;
- Capitão-de-Corveta;
- Capitão-Tenente;
- Primeiro-Tenente; e
- Segundo-Tenente.

O QAFP* será constituído por Praças das seguintes graduações:

- Suboficial;
- Primeiro-Sargento;
- Segundo-Sargento;
- Terceiro-Sargento; e
- Cabo.

- Do Recrutamento/Dos Cursos e Estágios

- . As candidatas aprovadas na seleção inicial para ingresso, serão matriculadas em Curso e Estágio de A adaptação aos mencionados Quadros.

Oficiais - ... quatro meses em Estabelecimento de Ensino para Oficiais;

Praças - ... três meses em Estabelecimento de Ensino para Praças.

- . A classificação final nos Cursos e Estágios de Adaptação para os Quadros determinará a precedência hierárquica das candidatas quando de sua convocação para o Serviço Ativo da Marinha.
- . Durante o período de Cursos e Estágios de Adaptação para ingresso nos Quadros Femininos, as militares seráo consideradas como pertencentes ao Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha, porêm extra-quadro, na qualidade de Praças Especiais.

- Do Ingresso/Da Convocação

- . As candidatas aprovadas nos Cursos e Estágios de Adaptação, Marinheiro Especializado no caso de Praças e Guarda-Marinha no caso das Oficiais, serão nomeadas Cabos e Segundos-Tenentes da Reserva respectivamente e, imediatamente convocadas para o Serviço Ativo da Marinha por um período inicial de três anos.
- . A convocação não implicará em compromisso de tempo mínimo de prestação de serviço, podendo, a qualquer tempo, as militares serem licenciadas.
- . O Ministro da Marinha poderá prorrogar o período inicial de convocação para o Serviço Ativo por período de três anos, observando o limite total de seis anos.

- Da Permanência Definitiva

- . Será concedida aos Oficiais do QAFO* e as Praças do QAFP*, após nove anos de serviço na atividade, contados a partir da data de nomeação ao posto de Segundo-Tenente, e da data de promoção da graduação de Cabo, observados...

- Das Promoções

- . As Praças e Oficiais em Serviço Ativo, serão aplicadas homologamente e no que couber, as disposições do "Regulamento do Corpo de Praças da Armada" (homens) e da Lei de Promoção de Oficiais da Ativa das Forças Armadas e de seu regulamento, ressalvadas as determinações estabelecidas na Lei e no Regulamento anteriormente citados.
- . As militares do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha que estiverem na situação de convocadas permanecerão nessa mesma situação ao serem promovidas ao posto ou graduação superior.

- Das Disposições Gerais e Transitórias

- . Ressalvado o disposto na Lei e Regulamento, aqui mencionados, as militares do CAFRM*, enquanto convocadas, terão as mesmas honras, direitos e prerrogativas, deveres e responsabilidades, remuneração e...
- . Para efeito de remuneração, uso de uniforme e precedência hierárquica, durante o Curso e Estágio de Adaptação ao QAFO* e QAFP*, as candidatas serão assemelhadas a Guarda-Marinha e Marinheiro-Especializado, respectivamente.
- . As militares do CAFRM* não farão serviço afeto à segurança de instalações ou de pessoal, exceto em situações de emergência ou de perturbação da ordem in-

terna, desde que formalmente determinado por autoridade com expressa delegação de competência do Ministro da Marinha.

Ora, ao que nos parece temos aqui retratada, assim como nos assevera Rosane Prado:

"A valorização do modelo da "heroína de M. Delly" que na verdade só faz ratificar os códigos comuns, as expectativas do comportamento vigente posto que, ao ingressarem/permanecerem parece desaprovarem ... aquilo que representa um caso-limite de masculinidade e que deve apenas ser abrandado ou "domesticado" sem que se alterem as posições estruturais..." (1981, p. 107).

Aliás, toda essa situação se instala na Marinha de Guerra do Brasil somente a partir da década de 80, em função dos fatos históricos anteriormente mencionados. Contudo, a mulher militar já era um corpo e tinha um corpo enquanto existência, em outros países, há vários anos, atuando de diferentes maneiras em diversos espaços. Mas, consideramos que "... mostrar que a diversidade existe não implica concluir que tudo é relativo." (Santos, 1989, p. 20), o que podemos observar atendendo, para a reportagem que se segue:

"Nervos femininos atrapalharam invasão"

Soldados dos EUA choraram e recuaram.

- Washington - Completado um mês do tão controverso quanto bem sucedido desembarque americano no Panamá, com a ditadura devidamente derrubada e o General Noriega trancafiado nos EUA, vem à tona um tropeço na missão feminina da empreitada. Duas mulheres-soldados, que tinham como missão transportar tropas de um batalhão às zonas de combate, nove horas após o início da invasão, se negaram a cumprir a tarefa - e caíram em prantos.

Ontem, um comunicado do exército americano se apressou a justificar a desobediência: as duas mulheres teriam

feito uma viagem pouco antes, sob fogo cruzado, e por isso ficaram com os nervos à flor da pele. "Devido a urgência da missão", continua a nota, as duas foram substituídas de imediato por varões da mesma 193ª brigada de infantaria, que se encarregaram de conduzir os caminhões.

São duas companheiras nervosas — cujos nomes não foram revelados — que regressaram à sua unidade, onde foram incumbidas de outras tarefas. Dizendo não poder especular sobre possíveis punições, o porta-voz do Departamento de Defesa, comandante Ken Satterfield, informou que oficiais do exército investigam o incidente do dia 20 de dezembro.

Na política de farda americana, mulheres não devem, em princípio, ocupar postos em zona de combate, ainda que cerca de 600 delas tenham sido alocadas em vários pontos de choque armado. Desta exceção surgiu a notoriedade da capitã Linda Bray, à frente de uma companhia em área de fogo cruzado.

(Jornal O Globo, 22 de janeiro de 1990).

Depreende-se, pois, que

"O lugar da mulher heroína é a casa, a família, as atividades ligadas à administração doméstica. No público é sombra-companheira do homem. Em contraposição, a anti-heroína devassa os limites, confunde os domínios." (Franchetto, 1981, p. 10).

Logo, torna-se necessária toda uma gama de controle social ativo,

"... um processo contínuo pelo qual se examinam conscientemente os valores, tomam-se decisões sobre quais devam ser dominantes e se põem em marcha ações coletivas para alcançar esse fim." (Sã, 1979, p. 21).

Acreditamos que este processo continue sendo posto em prática através de n mudanças que, se, num primeiro momento, figuram como privilégios, num segundo momento, descortinam uma "psicologia engenhosa", que se vale de controles mais aprimorados para

pôr em ação a disciplina, a ordem e a hierarquia.

Mudanças: Destacamos aqui, dentre as várias ocorridas desde o período inicial, as inclusas na Lei nº 7622 de 9/10/87 e no Decreto 95.660 de 25/01/88, este revogando o Decreto nº 85.238 de 7/10/80 e demais disposições em contrário.

- Em caráter excepcional, para atendimento das necessidades do serviço naval, o QAFP* poderá ser constituído de pessoal com habilitação profissional de auxiliar, com escolaridade de 2º grau, Marinheiro-Especializado, durante o curso e estágio de adaptação, promoção após a conclusão deste para a graduação de Cabo.
- Recrutamento como Cabo, no caso de candidatas ao QAFP*, que ingressem com habilitação profissional de nível técnico; promoção a graduação de Terceiro-Sargento, após a conclusão do curso.
- Altera a constituição do Quadro QAFO* "possibilitando" o acesso, pela mulher, até o posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra (um posto acima do anteriormente permitido).
- Muda a idade limite com que as mulheres militares reverterão a inatividade.
- As militares do QAFO* que, na data de entrada em vigor da Lei nº 7622 de 87, estivessem em serviço ativo, no posto de Primeiro-Tenente, após apreciação pela Comissão de Promoções

de Oficiais, adquiriram permanência definitiva no serviço ativo da Marinha.

- A oficial do QAFO* por ato do Ministro da Marinha, após três anos de serviço ativo, após seleção pela Comissão de Promoções de Oficiais foi/será concedida a permanência definitiva (Decreto nº 95.660 de 88).
- Assegura o retorno ao QAFP*, na situação que possuíam à época da matrícula no curso de formação, para ingresso no QAFO*; as praças que forem desligadas do curso por falta de aproveitamento.

Observa-se que essa apreensão da mudança como controle, também, não surgiu do nada, mas da tentativa de compreensão "dos porquês", e do pensamento de Heidegger, segundo o qual *"Todo questionamento é uma procura. Toda procura retira do procurado sua direção prévia."* (1989, p. 30), o que nos levou aos relatos das entrevistadas, dos quais destacamos dois trechos que se tornaram representativos:

- *"... Bem, eu acho que todo mundo que entra, todo homem e toda mulher, sofre uma lavagem. Eu acho que faz parte do próprio sistema deles, quer dizer, eles não conseguiriam se manter se não fosse assim. Quer dizer, é necessidade deles, de perpetuar essa coisa, pra não ter problemas. Quem em sã consciência, pode querer escolher uma vida daquela, em que eles dizem que você tem que ser militar 24 horas por dia, e seguindo um esquema de vida, que me parece, absurdo. Quem que ia escolher isso ao invés de querer trabalhar aqui fora, ser uma pessoa que pudesse pensar e falar o que quisesse." (Cível Janete).*
- *"... A gente era tratada como uma coisa. Sei lá, eu acho que eu tinha responsabilidade, né (...). Ter que ser condicionada. Eu sabia o que eu queria. Eu não precisava ser condicionada daquele jeito. Você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo. (...) Eu sabia*

o que eu teria que fazer. Não precisava ganhar bronca daquele jeito. Eu achava que poderia ser de uma forma diferente. Não era marginal pra ser tratada daquele jeito. Como aquele sargento que me tratou quando eu entrei no ônibus. Eu achava que era assim. Era só ele perguntar meu nome, dizer que ele estava ali. Eu ia aceitar, ia concordar com ele. (...) Eu não era marginal, eu não precisava ser tratada daquele jeito. Me senti marginalizada, inferiorizada, né? Eu não queria aquilo. Eu queria entrar para Marinha, pra trabalhar na minha profissão, pra ganhar dinheiro, pra continuar estudando. Aí, depois que eu caí na realidade, eu teria que passar por aquele período. (...) Aquelas broncas todas, uma em cima da outra. Eu achava que não ia ter necessidade, porque o nosso nível era outro. Não precisava ser tratada daquele jeito. E eles também, já estavam acostumados àquela vida, e também, era difícil pra eles. Era a primeira vez que eles lidavam com mulheres. Também era difícil pra eles." (Sgt Mercedes).

Se relatos como estes, num primeiro instante, causaram-nos surpresa por não estarmos plenamente de acordo com Berger (1972), para quem a violência é o argumento final, de controle social, inclusive nas sociedades modernas. No momento seguinte, nos pareceram "justificáveis" esses procedimentos. Tendo em conta tratar-se de "Estabelecimento de Formação" e ainda, dirigido diretamente por intermediários — figuras que não detêm saber/poder profundo e que são utilizadas como meio de atingir-se um fim. Portanto, justificar-se-ia a pura repetição (a bem da verdade, bem mais sutil!) de mecanismos já usados em 1910 — Revolta das Chibatas. Aliás, não vemos nenhuma distinção entre os relatos acima descritos e o mencionado por Morel (1963): naqueles, os próprios marinheiros diziam-se prevenidos para mostrar à Marinha que, naquela atualidade, já não era preciso chibatas nem violentos castigos para que eles cumprissem seu papel social de "bons marinheiros". Assinalamos, porém, percebermos como inteiramente distinto do relacionado ao processo de mudança o controle social agora mencionado. Isto, tendo

em vista que, neste último, o que está em jogo não é a praxis, mas a teoria; não são os intermediários, mas os mandantes, as figuras VIPs³. Neste caso, os Presidentes da República e os Ministros da Marinha — João Figueiredo e Maximiano da Fonseca, respectivamente, quando da criação do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha; José Sarney e Henrique Sabóia, respectivamente, ao decretarem as mudanças, ambos os governos-poderes sabiam que: *"Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos."* (Laraia, 1986, p. 106).

E, sendo a mulher um ser ambíguo, perigoso (como vimos na reportagem do jornal do O Globo ou até mesmo no Brasil Novo, quando uma tenente feminina torna-se assessora de um Ministro!), medidas constantes, de controle, foram/devem ser tomadas para que Céu e Terra não se misturem, ameaçando o "casal perfeito": Adão e Eva.

Assim, durante anos a fio, marinheiros e cabos (homens e mulheres) perderam o direito à cidadania (não votaram), *"Tempo suficiente para que a ordem no país fosse restabelecida e aqueles que viveram o caos fossem adestrados."* (Rev. Mundo Econômico, Político e Social, 1977).

Para os que ingressaram, permaneceu a carteira de identidade, que não só é trocada em termos de órgão expedidor (Instituto Félix Pacheco — no Rio — pela do Ministério da Marinha), como também de tempo (validade-vencida; mudança na graduação/posto).

(3) *Very Important Persons, tal como em Da Matta.*

Quanto às anti-heroínas e/ou as que não quiseram, ou não puderam ser heroínas — porque saíram da Marinha — a caderneta-registro foi devolvida. Resta saber se para demonstrar que elas não mais faziam parte do grupo, ou para guardar a lembrança do vínculo, e ou ainda, para colocá-las cientes de que ficaram registradas através de um endereço e um número através do qual devem dar ciência de seu paradeiro, pois, se não o derem, pagarão uma multa. Os tabus são para serem transgredidos; mas punições são recebidas, reparações são feitas, ratificando a existência do toten (Augras, 1989).

Saindo ou ficando, são essas mulheres duplamente estigmatizadas como mulher, como mulher militar: pela opressão física, mental, pela carteira de identidade, pelo título de reservista, pela memória individual histórica.

G L O S S Á R I O

- BAIXA = Demissão, desligamento
- BOCA-DE-FERRO = Alto-falante
- CAXANGÃ = Boné, chapéu (tecido)
- CAF = Corpo Auxiliar Feminino
- CAFRM = Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha
- CAMAROTE = Dormitório para Oficiais
- CEFAN = Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes
- CIAW = Centro de Instrução Almirante Wandenkolk
- CÔXA = Protegido, apadrinhado
- CR = Caderneta-Registro = Documento oficial, individual, no qual a Marinha registra a vida do militar, desde seu ingresso até a passagem para a reserva.
- ESCAMAR = Escamotear, tirar o corpo fora
- HOTEL DE TRÂNSITO = Para estada rápida (passagem), uso exclusivo do pessoal de Marinha
- ILHA DA MARAMBAIA = Centro de adestramento e treinamento
- MAR DE ALMIRANTE = Mar calmo, tranquilo
- MAR DE MARINHEIRO = Mar agitado, revolto
- NOME DE GUERRA = Falso nome que em certas circunstâncias se adota para não ser conhecido, ou, em tempo de paz, designação do pré-nome e/ou sobrenome.
- OM = Organização militar; serve para designar cada uma das partes que compõe a Instituição, como, por exemplo, a Diretoria de Ensino, navios, etc.
- PAU = Estar de serviço

- PORTA-LÔ = A entrada de uma OM (somente em navio), quando em terra, chamado de sala-de-estado
- Q.A. = Sigla, mais usual de Quadro Auxiliar da Armada (Q.A.A.), constituído de oficiais que prestaram/prestam exame interno de praça para oficial
- Q.A.F.O. = Quadro Auxiliar Feminino de Oficiais
- Q.A.F.P. = Quadro Auxiliar Feminino de Praças
- Q.C. = Sigla mais usual de Quadro Complementar do Corpo da Armada (Q.C.C.A.), constituído de oficiais que prestaram/prestam exame externo para oficial.
- RANCHO = Refeitório para praças
- SAM = Serviço Ativo da Marinha
- SARGENTEANTE = Sargento responsável pela confecção da escala de serviço, requerimento para o pessoal militar, anotações em cadernetas de registro, serviço administrativo de pessoal militar
- SIM = Serviço de Identificação da Marinha
- SOLDO = Índice básico de remuneração do militar

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:

SONHEI ACORDADA... (PASSAGEM MARÍTIMA)
 DORMI COM O CAOS... (CASERNA)
 ACABAI... MULHER... MILITAR DE MARINHA

MESTRANDA: Maria de Fátima dos Santos Vieira

Dissertação submetida ao CORPO DOCENTE da Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia da Fundação Getúlio Vargas como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de **MESTRE EM PSICOLOGIA**.

Aprovado Por.

Monique Rose Aimée Augras

Dra. Monique Rose Aimée Augras
 Profa. Orientadora
 Membro da Comissão Examinadora

Esther Maria de M. Arantes

Dra. Esther Maria Arantes
 Membro da Comissão Examinadora

Celso Pereira de Sá

Dr. Celso Pereira de Sá
 Membro da Comissão Examinadora

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1990